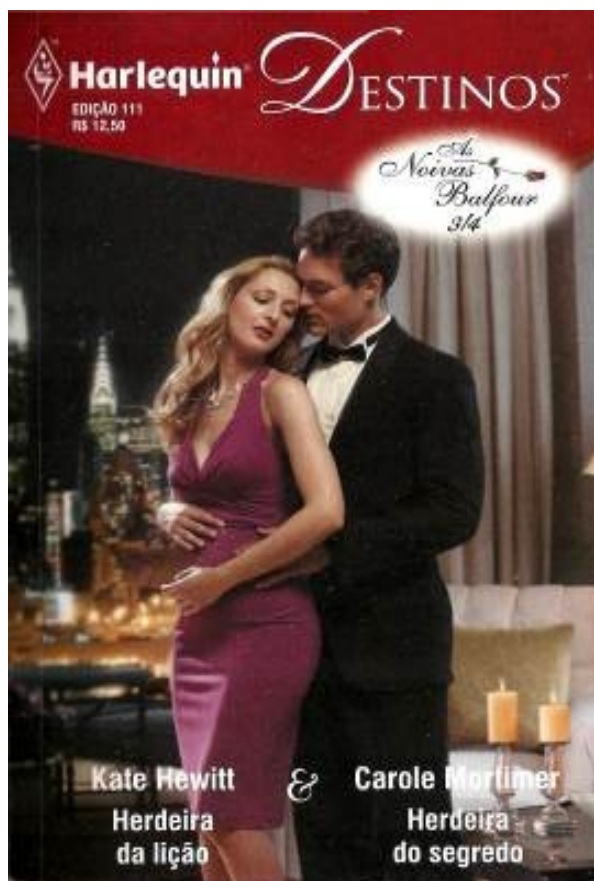


HERDEIRA DO SEGREDO

Annie's Secret

Carole Mortimer



*Uma poderosa dinastia e 8 herdeiras em apuros...
Uma saga de emoções, paixão e glamour!*

Annie era uma mãe solteira apaixonada pelo filho. Mas como herdeira Balfour, ela teria de trabalhar duro para dar a seu filho uma infância normal. E então um encontro fortuito a pôs de volta no mundo de Luca de Salvatore, o deslumbrante pai de seu filho... Mas ele não sabia de nada. Annie tinha que contar a verdade, e Luca não conseguia ver além do escândalo e da reputação dos Balfour. Poderia Annie encontrar um meio de fazer Luca entendê-la e dar a chance de seu filho conhecer o pai?

Digitalização: Projeto Revisoras

Revisão: Andréa M.





PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V./S.àxl.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Copyright © 2010 by Harlequin Books S.A.

Originalmente publicado em 2010 por Mills & Boon The Balfour Brides

Título original: ANNIE'S SECRET

Copyright © 2010 by Harlequin Books S.A.

Originalmente publicado em 2010 por Mills & Boon The Balfour Brides

Arte-final de capa: Isabelle Paiva

Editoração Eletrônica:

ABREU'S SYSTEM

Tel: (55 XX 21) 2220-3654 / 2524-8037

Impressão:

RR DONNELLEY

Tel.: (55 XX 11) 2148-3500

www.rrdonnelley.com.br

Distribuição exclusiva para bancas de jornais e revistas de todo o Brasil:

Fernando Chinaglia Distribuidora S/A

Rua Teodoro da Silva, 907

Grajaú, Rio de Janeiro, RJ — 20563-900

Para solicitar edições antigas, entre em contato com o

DISK BANCAS: (55 XX 11) 2195-3186/2195-3185/2195-3182

Editora HR Ltda.

Rua Argentina, 171, 4o andar

São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ — 20921-380

Correspondência para:

Caixa Postal 8516

Rio de Janeiro - RJ — 20220-971

Aos cuidados de Virgínia Rivera

virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

Prólogo

Resort de esqui, Itália, janeiro de 2006.

— Todos os seus amigos a abandonaram...?

Annie, que do alto da montanha olhava, amedrontada, para a íngreme pista de esqui, tentando decidir se teria a coragem de se arriscar em sua primeira descida naquele tipo de pista, sentiu um arrepio lhe descer pela espinha que não tinha relação alguma com o perigo da pista ou com o frio, mas toda com o som daquela voz rouca e com sotaque que, atrás dela, a provocava.

O arrepio se transformou num delicioso tremor quando se virou e viu pela primeira vez o homem que lhe falara. Muito alto e todo vestido de preto, com ombros largos e cintura e quadris estreitos, parecia um daqueles modelos masculinos com quem sua irmã mais velha, Bella, costumava trabalhar. Exceto que não havia nada de falso ou afetado sobre sua sexualidade masculina crua.

Óculos de sol espelhados impediam Annie de ver a cor dos olhos dele, mas o resto certamente lhe tirava o fôlego. Cabelos escuros até os ombros eram visíveis sob a touca de lã na cabeça; o rosto abaixo dos óculos era bronzeado, com malaras altos e um nariz longo e aristocrático acima de uma boca sensual; o queixo quadrado era forte e determinado.

Ele lhe lançou um sorriso malicioso, os dentes muito brancos e retos contra a pele morena.

— Ou talvez você apenas desistiu de tentar esta descida em particular? — provocou.

Isto era exatamente o que Annie fizera!

Não tivera muita certeza se queria acompanhar seus colegas de faculdade, quando sugeriram que passassem os feriados depois do Natal numa viagem à Itália para esquiar, antes de recomeçarem os estudos para os exames finais no Verão, mas a última semana fora muito divertida.

O clima se mantivera ótimo, esquiar era fantástico e todas as noites havia uma festa barulhenta no chalé que ocupavam e para as quais convidavam outros jovens hóspedes.

Depois de passar anos sofrendo a competitividade feroz de suas irmãs quando passavam as férias anuais de inverno em Klosters, Annie se viu desabrochar na companhia mais relaxada dos amigos. Tão mais relaxada que, naquele dia, quando faltavam apenas mais três para o fim das férias, decidira tentar aquela perigosa trilha. Infelizmente, tinha ficado com medo depois que o último dos amigos descera para se juntar aos outros e tomar um chocolate quente na cafeteria na base da montanha.

E então fora desafiada por este lindo italiano...

— Estava apenas tomando fôlego — justificou-se, evitando a verdade.

Ele lhe lançou um sorriso conhecedor.

— Então talvez não se importe em apostar uma corrida comigo até o fim da trilha?

E talvez não se importasse. Seria idiota e totalmente irresponsável aceitar o desafio deste homem lindo. Não seria...?

Mas, depois de ser prática e sensata durante toda a vida, não era a hora de fazer alguma coisa idiota e irresponsável, como acompanhar este homem atraente e sexy até o fim da montanha? É claro que era!

Annie ergueu os ombros, determinada.

— Está bem! — Aproximou-se do começo da descida. Esquiadora com prática, mas apenas competente, Annie não tinha nem um décimo da habilidade do homem, que a ultrapassou em segundos, o estilo mais ousado do que o dela.

Annie precisava de toda a concentração apenas para ficar em pé, mas, mesmo assim, se viu admirando a pura elegância do estilo do homem. Movia-se com tanta tranquilidade, tanta habilidade que apenas olhar para ele era um prazer. Quando ela parou na base da montanha, seu rosto estava rosado e os olhos eram um azul brilhante.

— Isto foi divertido! — Riu, o rosto erguido para o dele, sem fôlego.

— Sim, foi. — Ele lhe lançou outro daqueles sorrisos de total irresponsabilidade enquanto tirava os óculos de sol para revelar os olhos castanhos mais escuros, mais profundos que Annie jamais vira.

— Quer tentar de novo? — sugeriu, entusiasmada, relutante em se afastar dele.

Com três lindas irmãs mais velhas do que ela, Annie raramente se via como o objeto do interesse de qualquer homem, que dirá de um tão lindo como aquele. O homem sorriu, baixando o olhar para ela.

— Terminei de esquiar por hoje e agora vou voltar para meu chalé e tomar uma bebida forte.

A luz desapareceu dos olhos azuis profundos de Annie, o sorriso desapontado.

— Oh.

— Talvez queira se juntar a mim? — convidou.

— Será que quero? — Piscou para ele. — Quero dizer... sim, quero.

— Luc. — Ele tirou a luva de esquiar e estendeu a mão.

Ela retribuiu o gesto, a mão pequena e quente dentro da dele, tão maior do que a dela.

— Annie.

Luc se isolara desde sua chegada ao resort dois dias antes, mas observara o grupo de universitários determinados a se divertir. Notara aquela jovem em particular, já que parecia ligeiramente afastada das brincadeiras dos amigos. Certamente valia a pena olhar para ela, com seus longos cabelos castanhos com brilho vermelho, o azul vibrante dos olhos brilhando quando ela ria e a forma como a roupa azul de esquiar destacava as curvas luxuriosas e femininas do corpo. Ficara obcecado pela curiosidade de ver aquelas curvas sem a roupa de esquiar...

Se não acontecesse mais nada, pelo menos a companhia dela para uma bebida o

faria esquecer um pouco a confusão que deixara em Roma.

— Posso esperar aqui se quiser dizer a seus amigos para onde vai.

Olhou para os amigos, sentados do lado de fora da cafeteria, conversando e rindo enquanto tomavam bebidas quentes.

— Eu... sim. — A cor lhe tomou o rosto. — Como é gentil.

Nem um pouco gentil, reconheceu Luc com cinismo, apenas um esforço para garantir que a noite que antecipava com esta moça não seria interrompida pelos amigos procurando por ela.

Estendeu a mão e delicadamente lhe tocou a pele cremosa do rosto, imediatamente consciente de como aqueles grandes olhos azuis escureceram e a respiração ficou presa na garganta.

— Não me faça esperar muito, hum? — disse, a voz rouca.

Mais uma vez Annie sentiu aquele arrepio lhe descer pela espinha. Deus do céu, este homem era letal. Completamente, cem por cento letal. E, por uma vez em sua vida até então tão prática, Annie seria ousada. Irresponsável. E que as consequências fossem para o inferno.

Capítulo Um

Lago Garda, Itália, junho de 2010.

— Estarei em casa dentro de dois dias, querido — disse Annie carinhosamente ao celular, totalmente inconsciente do brilho do sol e da beleza do cenário do lago além das longas janelas do hotel muito cheio, enquanto caminhava, apressada, pelo corredor acarpetado em direção à sala de conferência no térreo. — Amo você também, Oliver... Ouu! — Annie parou de repente... e dolorosamente... Ao colidir com um objeto duro e imóvel. - Um objeto quente, muito musculoso e muito masculino, reconheceu Annie enquanto a mão livre que levantara para se firmar descansou num peito largo e ela sentiu o movimento daqueles músculos poderosos sob os dedos.

— Lamento muito... — O sorridente pedido de desculpas do Annie ficou preso na garganta e o rosto empalideceu quando olhou para cima, para o rosto frio e taciturno e incrivelmente bonito. Não...

Não podia ser Luc!

Podia?

Annie se sentiu absolutamente atônita. Poderia este homem, ser realmente o mesmo que conhecera quatro anos e meio atrás? Apesar de só ter visto o alto e musculoso Luc em roupas de esqui ou em jeans e suéteres de cashmere e de este homem estar vestido num terno caro e feito sob medida, com camisa branca de seda e uma gravata cor de prata, certamente se parecia demais com o homem que Annie

conhecera e com quem passara uma noite fazendo sexo quente e selvagem todos aqueles anos atrás.

Exceto que...

Aquele Luc usava os cabelos na altura dos ombros, enquanto os deste homem eram curtos... Num esforço para controlar a inclinação para fazer cachos?

Mas os olhos deste homem, escuros como ônix num rosto arrogante e sério, eram iguais. Como o longo nariz aristocrático e a boca cinzelada acima de um queixo implacável.

Parecia idêntico e, ao mesmo tempo, tão diferente...

O Luc que Annie conhecera na trilha de esqui do resort italiano quatro anos e meio atrás tinha um brilho de irresponsabilidade nas profundezas escuras daqueles olhos. Seu sorriso malicioso tivera a mesma qualidade de impudência que atraíra para ele a quieta e... até então... Completamente sensata Annie, então com 20 anos, como uma chama atrai uma mariposa.

Não havia agora nem mesmo um indício da perigosa irresponsabilidade naqueles penetrantes olhos negros que devolviam o olhar de Annie com tanta frieza. Olhos que também pareciam não sentir o mesmo abalo de reconhecimento que ela sentia...

Annie removeu a mão como se tivesse sido queimada pela espessura do peito e deu um passo para trás; ao mesmo tempo, se tornou consciente de que não havia respirado desde que olhara para cima e reconhecera imediatamente seu amante apaixonado do passado neste homem friamente controlado.

Annie respirou fundo.

— *Scuse, signore...*

— Eu falo inglês, *signorina* — interrompeu-a abruptamente.

Deus do céu, aquela voz...

Nenhuma frieza de aço podia disfarçar a voz que uma vez murmurara encorajamentos roucos contra o pescoço e os seios de Annie enquanto ela tinha um orgasmo atrás do outro sob as estocadas firmes e possessivas do corpo rijo...

Era Luc, mas um Luc diferente, muito mais frio do que o Luc de quem Annie se lembrava. O Luc de 26 anos tinha sido selvagem e incansável. Tudo o que fazia... Desde esquiar até fazer amor... Era cheio de uma energia impetuosa, autocentrada, que desafiava tudo e todos a negar qualquer coisa a ele. A mesma energia autocentrada com a qual se dedicara... e fora bem-sucedido... a seduzir Annie...

Ninguém, olhando para o homem em pé diante dela, duvidaria que ele tinha a mesma determinação de propósito. Mas agora aquela energia era tão absolutamente controlada como tinha sido selvagem, e suas emoções estavam escondidas sob uma máscara que mostrava apenas uma arrogância e uma crueldade que fizeram Annie estremecer enquanto ele continuava a olhar para ela friamente de uma altura muito superior.

A paciência de Luc, que jamais se destacara, evaporava a cada segundo enquanto a jovem mulher continuava a olhar para ele como se tivesse visto um fantasma ou o objeto do seu pior pesadelo. Certamente não era a reação que Luc estava acostumado a despertar em qualquer mulher!

Um sorriso sem alegria lhe moveu os lábios.

— Ou talvez seja *signora*? — perguntou.

— Não, você acertou da primeira vez — respondeu.

Luc sentiu uma leve sensação de lembrança enquanto a mulher falava suavemente. Havia na voz dela uma ligeira rouquidão que, de alguma forma, lhe pareceu familiar.

Estudou lhe o corpo esguio, de altura mediana, vestido num terninho preto e blusa de seda branca. Os cabelos eram de um profundo castanho-avermelhado e estavam presos na nuca, o rosto em formato de coração. Era um rosto muito bonito e atraente, com um nariz pequeno e ligeiramente arrebitado e lábios cheios e sensuais sobre um queixo suave, mas decidido. Um rosto dominado por olhos tão azuis como o próprio lago Garda.

De novo Luc sentiu aquela sensação leve de familiaridade.

— Já nos conhecemos, *signorina*? — perguntou lentamente.

Ela piscou antes de dar uma risada seca, distante.

— Não sei, já? — perguntou, devolvendo-lhe a pergunta.

Luc controlou a crescente impaciência.

— Acho que *eu* perguntei primeiro. — A voz era fria.

E podia continuar perguntando, no que se referia a Annie! Durante todo este tempo, o pior medo de Annie era encontrar Luc de novo. Um encontro que, ela sabia, complicaria sua vida de formas em que não queria nem pensar.

Agora, por uma coincidência terrível, ela o *encontrara* de novo, encontrara o homem que mudara sua vida para sempre... e ele nem mesmo se lembrava dela!

O alívio que Annie devia ter sentido foi sufocado por um ressentimento profundo. Este homem havia literalmente invadido sua vida com um par de esquis e ensinara a uma geralmente reservada Annie Balfour uma intensidade de paixão e excitação que jamais conhecera antes ou desde então, até desaparecer de repente.

Apenas para ela perceber agora que o tempo que haviam passado juntos, todas aquelas lembranças maravilhosas que nunca fora capaz de esquecer, significara tão pouco para ele que nem mesmo se lembrava dela.

Verme arrogante!

O queixo de Annie se ergueu num desafio silencioso.

— Tenho certeza que *um* de nós se lembraria se fosse este o caso, *signore*.

Luc não tinha tanta certeza. A palidez no rosto da mulher e o ressentimento zangado que sentia sob seu tom de voz pareciam contar uma história completamente diferente. Uma na qual ele certamente não desempenhara o melhor dos papéis.

Como o filho único e herdeiro de um rico e poderoso homem de negócios italiano, a juventude de Luc fora de riqueza e privilégio, com todos os seus desejos realizados. Como consequência, Luc sabia que se tornara arrogante e dono de uma confiança excessiva na própria infalibilidade. Uma crença arrogante e juvenil que continuara depois que mostrara ao pai que tinha talento para negócios. E, com apenas 18 anos, fora colocado numa posição de poder no império empresarial do pai, até que a confiança excessiva o levara a aceitar riscos demais e todo o império do pai desmoronara...

A boca de Luc endureceu enquanto pensava naquele tempo. Nos últimos quatro anos e meio, em que ele se concentrara totalmente, muitas vezes cruelmente, em reconstruir aquele império até que ficasse ainda maior e melhor do que nunca. Anos em que houvera muito poucas mulheres em sua cama e apenas aquelas que a partilhavam por apenas uma noite e haviam sido rapidamente esquecidas depois.

Teria esta jovem, que agora estava diante dele no bem-cortado terninho preto, com os cabelos castanhos presos num coque na nuca, as linhas claras do rosto sem maquiagem para enfatizar sua beleza natural, sido uma delas?

De alguma forma, Luc sabia que não. Ao contrário *desta* mulher, as outras invariavelmente tinham sido altas, loiras, ricas e vazias socialites. E, no entanto, enquanto continuava a olhar para ela, a sensação de familiaridade persistia...

Os lábios se mexeram.

— Você parece ter esquecido seu telefonema — disse, a voz arrastada.

Annie olhou assustada para o celular que ainda segurava, o celular do qual uma voz preocupada podia ser ouvida, embora as palavras não fossem compreendidas.

Oliver.

Com o choque absoluto de ver Luc de novo, Annie esquecera completamente que estivera falando com Oliver quando colidira com o italiano alto.

Engoliu com força.

— Se me der licença?

Deliberadamente, deu as costas ao poderoso efeito da proximidade daquele homem, pretendendo escapar para algum lugar mais particular para continuar o telefonema.

Embora não tivesse certeza se conseguiria conversar com Oliver normalmente depois deste encontro casual e perturbador. Na verdade, quanto mais cedo Annie pudesse sair do lago Garda... não, da Itália... E se afastar do homem com que tivera um encontro de uma noite e que nem mesmo se *lembrava* dela, melhor.

Profundamente consciente de que a Itália era o país onde conhecera Luc e se comportara de maneira tão impulsiva, Annie não quisera, de jeito nenhum, participar daquele curso de Administração no centro de conferências de um hotel às margens do lago Garda e apenas o fizera porque seu pai insistira.

Um pai que, ainda sofrendo com a morte de Lilian, sua amada terceira esposa e madrastra de Annie, se tornara ditatorial com todas as filhas depois do escândalo que abalara a família até o âmago durante a celebração do centenário do Baile de Caridade Balfour no mês anterior.

Annie congelou quando sentiu dedos fortes se curvarem sobre seu braço antes que pudesse se afastar. Os dedos de Luc, longos e elegantes, que, apesar disso, tinham uma força extraordinária.

Dedos que uma vez haviam acariciado e tocado Annie com mais intimidade do que qualquer outro homem jamais fizera. E que ainda tinham o poder de enviar um choque elétrico por todo o seu braço e subir até os seios. Seios que, para o constrangimento de Annie, reagiram imediatamente à familiaridade daquele toque e incharam dentro do sutiã, os mamilos pressionando a renda.

Os olhos de Annie, os profundos olhos azuis dos Balfour, brilharam com uma advertência quando se viraram para Luc.

— Tire suas mãos de mim! — As palavras saíram entre dentes cerrados, o rosto pálido de novo.

Luc baixou para ela os olhos de pálpebras pesadas à veemência que ouviu no tom de voz. Não, não havia imaginado antes; havia um ressentimento contra ele sobre o qual queria saber mais.

Não fez o menor esforço para libertá-la.

— Quer jantar comigo esta noite?

Os olhos dela se abriram muito enquanto olhava para ele, sem compreender bem o que ele dissera.

— O quê? — perguntou finalmente com irritação, o rubor de volta ao rosto.

Luc lhe lançou um sorriso breve e sem humor.

— Perguntei se quer jantar comigo esta noite, como um pedido de desculpas por quase tê-la derrubado. — Ambos sabiam que fora a falta de atenção dela que causara a colisão.

Deu-lhe um olhar significativo.

— Obrigada pelo convite — a voz era seca — mas não. Olhou-o com aversão.

Luc entrecerrou os olhos escuros, desacostumado a ser rejeitado por qualquer mulher.

— Por que não? — perguntou francamente.

Olhos muito azuis, cercados por cílios longos e densos, enfrentaram os dele.

— Porque não gosto de ser abordada por homens que não conheço em corredores de hotéis, é por isso! Agora, por favor, solte meu braço ou terei que chamar alguém da administração e fazer com que você seja expulso do hotel por perseguir uma hóspede! Isso podia ser interessante, já que a família de Luc era dona do hotel!

— Isto não será necessário — murmurou, enquanto lhe libertava o braço. — O convite para jantar foi apenas uma tentativa de pedir desculpas.

Annie, já completamente desconcertada pelo inesperado convite de Luc, sentiu, agradecida, o desaparecimento daquela sensação de formigamento no braço e nos seios quando ele a libertou. Assim como se sentiu ligeiramente desapontada por não poder... não, não ousar... Aceitar o convite para jantar...

Oh, não... Não podia se sentir ainda atraída por aquele homem... podia? Não, é claro que não! Ele invadira sua vida, tomara o que quisera dela e então literalmente desaparecera.

Como Annie tomara o que quisera dele?

Com três irmãs mais velhas, todas elas assunto para manchete nos jornais diários num momento ou outro, e três irmãs mais novas... Não, quatro agora!... Que pareciam estar seguindo o mesmo caminho, Annie era a que sempre preferira ficar firmemente à sombra, longe da publicidade que parecia tão ligada ao nome Balfour.

Um fato de que o pai estivera muito consciente quando a encorajara a se juntar aos amigos da universidade naqueles feriados para esquiar na Itália mais de quatro anos atrás.

Para a surpresa de Annie, longe da pressão e da publicidade que com frequência acompanhavam uma Balfour e da constante competitividade típica de férias da família Balfour, conseguira relaxar e se divertir.

Em consequência, quando Luc lhe lançara aquele perigoso sorriso e a desafiara a acompanhá-lo na pista de esqui do resort, Annie estivera mais do que disposta a aceitar sua sedução.

Tão disposta que se comportara de maneira totalmente diferente do normal quando fora para o luxuoso chalé de Luc com ele. Como ele sugerira, tomaram uma bebida enquanto cozinhavam juntos uma refeição, Annie envolta numa névoa rosada e gloriosa enquanto faziam amor diante de uma lareira acesa.

Tinha sido um tempo fora do tempo, quando pôde ser apenas Annie e Luc, apenas Luc.

Mas quem era ele realmente? perguntava-se Annie agora, enquanto o observava cautelosamente. Porque, a julgar pelo corte caro dos cabelos, o terno feito sob medida, a camisa e a gravata de seda e os belos sapatos de couro, era obviamente alguém importante.

Sem mencionar que era um homem que quisera evitar a todo custo!

— Nenhuma desculpa é necessária — garantiu, secamente. — Agora, se me der licença, eu realmente preciso terminar meu telefonema.

Luc observou-a com intensidade cautelosa.

— Não consigo deixar de sentir que já nos *conhecemos* — insistiu.

— Em outra vida, talvez — disse ela, indiferente.

— Talvez — repetiu Luc lentamente.

Havia alguma coisa sobre a curva delicada do queixo desta mulher, sobre os olhos azuis profundos, sobre a suavidade rouca e sexy de sua voz que sabia que *conhecia*.

E Luc percebera sua reação ao simples toque de seus dedos no braço dela. Seus seios haviam inchado visivelmente sob a jaqueta do terninho preto, os mamilos endurecidos contra o material macio da blusa. E pensou que os olhos mais uma vez se abriram, alarmados, à sua persistência de que já se conheciam.

— Vai ficar no hotel por muito tempo?

— Apenas o fim de semana — explicou, seca. — Mas estou aqui a negócios e ficarei muito ocupada, assim duvido que haja uma chance de nos encontrarmos de novo.

Evidentemente ela tinha a *esperança* de que não se encontrariam de novo, reconheceu Luc.

Interessante.

Quatro anos atrás, assumira a posição de chefe do império empresarial da família, depois do ataque do coração quase fatal do pai. Nesta posição, Luc estava acostumado a ser perseguido por mulheres decididas a se tornarem sua esposa ou, se não fosse possível, sua amante.

Enquanto esta mulher não podia deixar de mostrar com mais clareza sua total falta de interesse nele. O que apenas aumentou o interesse de Luc nela. Um interesse que tinha toda a intenção de perseguir, com ou sem a cooperação dela...

Deu-lhe um sorriso determinado.

— Não teria muita certeza disso, se fosse você.

Mais uma vez ela piscou, o pescoço marcante se movendo convulsivamente enquanto engolia, antes de falar:

— Só conversar com você fez eu me atrasar para uma reunião. — Deu um olhar expressivo ao relógio de ouro no pulso esguio.

Ele deu de ombros.

— Então alguns minutos a mais não farão diferença, humm?

Ela balançou a cabeça.

— Lamento, mas não gosto de impontualidade, minha ou dos outros.

Luc sabia que ela não lamentava nem um pouco. Na verdade, mal podia esperar para se afastar!

O brilho severo nos olhos impressionantes e a posição teimosa do queixo disseram a Luc que ela não tinha ideia de como sua evidente determinação de se afastar dele apenas aumentava seu interesse.

— Neste caso, direi até logo. Por enquanto — acrescentou suavemente.

— Não nos encontraremos de novo, *signore* — insistiu, a cor delicada que lhe cobriu o rosto agora devido à raiva e não ao constrangimento por sua grosseria anterior.

Luc lhe deu um de seus raros sorrisos.

— Descobri que o destino tem um jeito de decidir estas coisas para nós.

O destino já levava Annie a se comportar de maneira totalmente irracional na companhia deste homem uma vez, e tinha a intenção de nunca mais se colocar no caminho da tentação.

No entanto, este Luc era ainda mais devastadoramente atraente do que o homem que Annie conhecera. Havia uma crueldade nele e um distanciamento altivo que desafiavam tanto quanto atraíam.

Quanto ao sorriso...!

Aqueles lábios esculturais haviam se aberto ligeiramente sobre dentes brancos e perfeitamente retos, num sorriso predador familiar que, embora curto, mesmo assim fizera o coração de Annie bater com mais rapidez e mais forte.

Apesar de tudo, percebeu com horror que ainda *se sentia* atraída por ele. Firmou a boca.

— Eu realmente preciso terminar este telefonema.

O humor de Luc desapareceu quando se lembrou de que ela estivera falando com alguém chamado Oliver quando colidiram poucos minutos atrás. Um homem chamado Oliver que, como mostrava a falta de anéis em seus dedos longos e esguios, ainda não reclamara publicamente esta mulher, apesar do fato de que ela lhe assegurara que também o amava.

Ele assentiu, abrupto.

— Eu também estou atrasado para um compromisso. O sorriso dela era doce como açúcar.

— Então eu realmente não devo atrasá-lo mais, não é?

Aquela mulher precisava que alguém a pusesse deitada sobre os joelhos e tivesse o traseiro firmemente espancado, decidiu Luc, furioso. O traseiro nu. Seu luxurioso e curvilíneo traseiro nu.

A imagem erótica floresceu e se ampliou na mente de Luc e lhe fez o membro pulsar e enrijecer enquanto ficava completamente excitado... Uma coisa que não lhe acontecia há anos ao simples pensamento de fazer amor com uma mulher. Luc passara anos reconstruindo a riqueza e o império empresarial da família. Quatro longos anos em que não permitira que distrações, muito menos o interesse por uma mulher, interferissem em seus planos.

Por mais atraente que esta mulher fosse, Luc duvidava que manteria aceso seu interesse por muito tempo. Mas sua natureza hostil indicava uma paixão que poderia ser divertida enquanto durasse.

— *Signorina*. — Inclinou a cabeça em despedida, certo que teria o prazer de sua presença no lago Garda por mais alguns dias.

Annie prendeu a respiração enquanto observava os passos longos e arrogantemente confiantes de Luc até ele se virar no fim do corredor; então, quando ele desapareceu de vista, se encostou, fraca, na parede.

Deus do céu!

Como aquilo acontecera? Por que acontecera?

Acontecera pela simples razão de que seu pai, tomado recentemente pelo desejo de dirigir a vida de suas filhas desencaminhadas para canais menos notórios e, esperançosamente, mais valiosos, decidira que Annie teria que desempenhar um papel mais ativo no império empresarial Balfour e, para isto, precisava participar desde curso de Administração!

Seu protesto, de que não tinha interesse em assumir um papel de mais destaque na equipe administrativa do pai, parecera não impressioná-lo nem um pouco. Como a única das oito filhas de Oscar que trabalhava para ele, geralmente no complexo de escritórios da Mansão Balfour, Oscar havia respondido a todas as objeções de Annie com a ameaça de demiti-la.

Annie soubera que ele cumpriria a ameaça. Que Oscar estava completamente decidido que era hora... Que já passara da hora de todas as filhas saírem pelo mundo para se encontrar e descobrir o que realmente queriam da vida. E a maioria, entre elas Annie, obedecera, reclamando e gritando! O que levava Annie de volta ao começo do círculo de motivos para sua presença neste hotel de luxo, à margem do lindo lago Garda, na Itália.

Um hotel no qual Luc, seu ex-amante, era claramente também um hóspede...

Capítulo Dois

— Então, *signorina*, afinal encontrou tempo em sua agenda ocupada para relaxar um pouco.

O coração de Annie pulou apenas com o som daquela voz sexy e familiar e se sentiu grata pelos óculos de sol que lhe escondiam a expressão dos olhos quando olhou para cima e viu Luc em pé ao lado dela. Esperara ter um pouco de paz enquanto se deitava sobre uma toalha na areia da praia particular diante do hotel. Mas obviamente não teria paz aquele dia. O homem era lindo. Decadentemente, maravilhosamente, indecentemente, letalmente lindo.

Luc tinha sido vital e excitantemente lindo quando Annie o conhecera anos atrás, mas o calção negro que era tudo o que usara agora mostrava maior rigidez nos contornos magros e musculosos do corpo. A pele era da mesma cor de mogno, mas os ombros eram mais largos e mais musculosos. Uma leve penugem cobria o peito musculoso e o ventre achatado; os quadris eram estreitos e, as coxas, poderosas. O calção de banho parecia enfatizar e não esconder aquela protuberância denunciadora entre as coxas espetaculares e que Annie uma vez conhecera muito bem...

Ela se sentou abruptamente, sua maneira defensiva enquanto erguia para o rosto dele um olhar hostil por trás dos óculos escuros.

— Está me seguindo?

Luc se sentiu divertido com a acusação, sabendo que o rubor no rosto e o modo como os mamilos endureceram sob o tecido azul do maiô eram devidos à consciência física de sua presença e não à indignação irritada que tentava demonstrar.

Na verdade, não soubera que ela estaria na praia quando decidira dar um mergulho antes da reunião daquela tarde. Mas, enquanto procurava um lugar para deixar a toalha na areia quente, vira os conhecidos cabelos castanho-avermelhados. Reconhecendo a garota zangada com quem se encontrara aquela manhã, Luc fora incapaz de resistir ao impulso de se aproximar; talvez para aborrecê-la mais um pouco? Ficava tão linda quando brigava com ele.

O terninho preto e a blusa branca que usara pela manhã não lhe faziam justiça, percebeu Luc depois de atravessar a praia até ela e observá-la calado e em pé, a altura lhe proporcionando uma visão completa do seu corpo. A pele nua e bronzeada era de um ouro pálido, o top do maiô abraçando seios lindos e cheios, a pequena tira de tecido que unia a parte superior do maiô à inferior destacando a cintura fina e a barriga tonificada sobre as curvas atraentes dos quadris e das longas e belas pernas.

— E se eu *estivesse* seguindo você? — provocou.

Ela franziu a testa.

— Então eu realmente teria que denunciar sua perseguição à administração do hotel.

— Por favor, sinta-se à vontade para fazer isto — disse Luc enquanto se sentava na areia ao lado dela.

O fato de que ele parecia tão despreocupado com a ameaça mostrou a Annie que, de alguma forma, estaria perdendo tempo se fizesse a queixa. Assim como uma sensação de pânico também lhe mostrou que estava dolorosamente consciente da rija promessa do corpo quase nu de Luc, tão perto do dela que suas coxas quase se encostavam.

Tão perto que podia sentir o calor que emanava do corpo dele. Tão perto que podia sentir seu delicioso cheiro masculino. Tão perto que podia facilmente estender a mão e tocar uma daquelas coxas musculosas...

Fechou os dedos com tanta força, no esforço de não fazer exatamente aquilo, que suas unhas lhe feriram as palmas.

— O que quer, *signore*? Certamente há muitas mulheres dispostas neste hotel para não precisar perseguir a única que não está interessada em você. — Annie não deixara de perceber os olhares abertamente lascivos de muitas mulheres em direção a Luc desde que se juntara a ela. — Ou é o desafio que lhe agrada?

Um sorriso divertido curvou os lábios esculturais.

— Não está sendo cruel com aquelas mulheres? — Ignorou a segunda provocação deliberadamente.

— Prefiro pensar que estou sendo sincera. — A raiva de Annie era evidente.

— E você é sempre sincera?

— Gosto de pensar que sim.

— Humm. — Olhou-a, pensativo. — Então, não está *verdadeiramente* interessada em mim?

Annie sentiu o rosto ruborizar.

— Não estou interessada em nenhum homem que, quando está fora a negócios, apenas quer uma diversão longe da esposa e dos filhos.

— E se o homem não tiver esposa ou filhos?

Ela comprimiu os lábios.

— Eles todos dizem isto.

— Dizem?

— Sim.

Annie podia preferir passar a maior parte do tempo na Mansão Balfour, mas ocasionalmente acompanhava o pai em viagens de negócios. E a presença do pai não a protegia dos avanços de associados do pai; ao contrário, os frequentes escândalos provocados por algumas de suas irmãs pareciam dar aos homens a impressão de que todas as irmãs Balfour eram presas fáceis para sedutores!

Luc lhe lançou um olhar duro.

— No meu caso, acontece que é a verdade.

Filhos para herdar e uma esposa para produzi-los seriam necessários algum dia, aceitava Luc. Mas escolheria o momento e a mulher certa, quando chegasse a hora.

— Ainda não estou interessada.

— Não? — As sobrancelhas se ergueram, zombeteiras.

— Não! — Havia finalidade no tom. — E duvido que normalmente precise se esforçar tanto para levar uma mulher para sua cama.

Era verdade que Luc geralmente precisava apenas demonstrar um mínimo de interesse numa mulher para fazer amor com ela. Mas ultimamente, reconheceu com aborrecimento, aquelas conquistas fáceis haviam se tornado maçantes.

Maçante a ponto de se sentir interessado por esta morena irritadiça? Uma mulher tão diferente das louras altas e magras por quem geralmente se sentia atraído? Talvez.

Ele se mexeu, inquieto.

— Acredita que me conhece tão bem assim?

— Conheço seu tipo tão bem assim.

— Verdade? — Havia um indício de perigo na voz de Luc.

— Verdade — repetiu Annie, provocante.

Luc continuou a olhar para ela em silêncio por longos momentos. A cor queimava o rosto de Annie quando ele finalmente esticou as longas pernas diante do corpo e se recostou nas mãos voltadas para trás e desviou o olhar, dirigindo-o para o lago, dando a Annie a oportunidade de estudá-lo de perto sem ser observada. De observar mais uma vez as mudanças nele. O que acontecera há quatro anos e meio para transformar o Luc que conhecera, que enfrentava cada desafio com uma irresponsabilidade próxima do risco, neste homem distante e inflexível que demonstrava total desprezo pela insubordinação que uma vez tivera com tanta abundância?

E por que deveria se importar com o que acontecera a ele, quando os mesmos anos haviam cobrado um preço tão alto em sua vida e emoções? Quando ele nem mesmo se lembrava do tempo que haviam passado juntos e que provocara aquelas mudanças, quando nem mesmo se lembrava *dela*?

— Com licença, vou nadar. — Annie não esperou a resposta de Luc; levantou-se e começou a andar em direção à água.

Luc virou lentamente a cabeça, o olhar admirando a fluidez dos movimentos enquanto ela atravessava a areia, os braços balançando de leve, os ombros retos, as costas longas e flexíveis, os quadris balançando suavemente... Ele se endireitou de repente, o olhar preso na parte baixa das costas. Na tatuagem que se mostrava logo acima do suave monte da nádega esquerda!

A respiração de Luc se prendeu na garganta enquanto olhava aquela tatuagem. Enquanto explodiam em sua mente as lembranças de um corpo nu e luxurioso debaixo dele na cama, enroscado nele, montando-o, enquanto a mulher sorria para ele, sedutora, e os seios se aproximavam de sua boca, tentando-o.

Levantou-se rapidamente e cruzou a areia em três longos passos, alcançou-a, segurou-lhe o braço e virou-a para ele.

— *Annie?* — exclamou, erguendo os óculos escuros para os cabelos para olhar detidamente o rosto dela.

Mais uma vez a lembrança daquelas pernas douradas misturadas às dele lhe tomou a mente com clareza. Como a sedosa suavidade da pele dela enquanto ele beijava e saboreava cada centímetro do corpo dela... Toda a extensão de suas costas,

aquela tatuagem, a curva cheia do traseiro... Antes de virá-la e explorar com a boca a curva do pescoço, os mamilos rijos, o ventre macio, o pequeno botão sob os cachos castanhos na junção das coxas enquanto ela se contorcia debaixo dele nos espasmos do êxtase...

A súbita palidez do rosto dela e o leve tremor do corpo lhe disseram claramente que esta mulher tinha as mesmas lembranças... Exatamente como as tivera quando se encontraram naquela manhã!

Os olhos dele entrecerraram, furiosos.

— Você negou esta manhã que já nos conhecíamos!

Annie deixou escapar uma risada amarga.

— Não, o que disse foi que certamente *um* de nós se lembraria. — E ela se lembrara; como poderia esquecer? Luc, porém, certamente esquecerá! — É evidente que alguma coisa fez sua lembrança despertar — acrescentou, sarcástica. — O que foi?

Um nervo pulsou no queixo rijo.

— A tatuagem.

— Meu unicórnio?

Diversos de seus amigos universitários haviam decidido fazer tatuagens em seu primeiro ano em Cambridge, e Annie, precisando ser aceita por si mesma e não como uma Balfour, idiotamente se permitira ser convencida. Assim que viu a imagem do unicórnio, soube que era o que queria. Como era irônico que tivesse conseguido despertar as lembranças de Luc, quando nada mais o fizera!

— Seu unicórnio — repetiu, enquanto lhe segurava os dois braços e a sacudia de leve. — Por que não me disse antes que já nos conhecíamos?

— E o que devia dizer quando você evidentemente não se lembrava? "Ei, lembre-se de mim? Sou a mulher que passou uma noite fazendo amor com você quatro anos e meio atrás, antes de você me rejeitar na manhã seguinte"? Acho que não, Luc.

Bem, quando ela descrevia as coisas desse jeito...

Luc passara os últimos anos deliberadamente bloqueando todas as lembranças de seu fracasso e as graves consequências que sua irresponsabilidade tivera sobre seu pai. Mas agora se lembrava claramente da noite que passara fazendo amor com aquela mulher.

Luc franziu a testa.

— Precisamos conversar...

— Não posso nem imaginar o motivo — interrompeu Annie. — Então fomos amantes. — Deu de ombros. — Eu me lembrei e você não, fim da história. Agora, por favor me solte, Luc... Você está provocando uma cena. — Olhou em torno, para diversas pessoas que agora os observavam abertamente com curiosidade.

— Ignore-os! — Luc não ligava a mínima para o que os outros hóspedes do hotel pensavam sobre eles. Ou sobre ele. Importava-se apenas em saber o motivo por que Annie preferira não lembrá-lo de seu antigo relacionamento.

— Sinto, mas eu não posso fazer isto — respondeu Annie, irritada.

Esperava apenas não aumentar a curiosidade deles ao desmaiar aos pés de Luc

depois que a soltasse! Suas pernas certamente não conseguiriam mantê-la em pé.

Não podia acreditar que aquilo estava acontecendo. Por que Luc tivera que se lembrar de seu curto tempo juntos? Teria sido tão mais fácil, para todos, se ela pudesse participar do resto do curso sem vê-lo de novo... Sem que ele se lembrasse... Até poder voltar para casa, na Inglaterra.

Luc ter se lembrado agora era uma complicação que não queria, que a fazia pensar em muitas questões... O fato de ele parecer tão severo ao se lembrar certamente não a apaziguava. Forçou a tensão a lhe deixar o corpo e deu um sorriso relaxado.

— Não vamos fazer disto um problema, Luc — descartou, levemente. — Foi um pouco humilhante você não ter se lembrado, é claro, mas...

— Pare com isto, Annie! — Luc estava impaciente e apertou com mais força os dedos nos braços dela.

— Parar o quê? Pode querer discutir os velhos tempos, mas não compreendo o motivo...

— Eu disse pare com isto! — repetiu Luc com agressividade controlada. — A Annie que conheci...

— A Annie que *você* conheceu e de quem acaba de se lembrar — disse, incisiva — tinha 20 anos de idade e era *extremamente* ingênua! — Deu uma risada de desdém. — Amadureci muito em quatro anos e meio, Luc. O bastante para saber quando o único interesse de um homem é me levar para a cama — acrescentou, insultuosa.

Tenso, Luc se perguntou como ela havia aprendido aquilo, além da noite que passara com ele, é claro...

Como *pode* não ter se lembrado de Annie quando se encontraram aquela manhã? Mas uma parte dele se *lembrara*, veio a resposta imediata. Uma parte interna dele a reconheceu, se lembrara da leve rouquidão de sua voz. Uma parte dele... Aquela parte irresponsável e mimada que quase arruinara sua família e provocara o ataque cardíaco do pai... Que Luc tentara enterrar nos mais profundos e escuros recessos de sua mente.

Até ver a tatuagem do unicórnio na parte inferior das costas dela e todas aquelas lembranças voltarem mais vivas do que nunca.

Os cabelos dela eram mais compridos quatro anos atrás... Uma cascata selvagem de cachos cor de mogno, que lhe chegavam quase à cintura. O corpo jovem tinha sido mais arredondado também, as curvas luxuriosas e não atleticamente tonificadas como eram agora, e seu rosto também tinha sido mais cheio, os málares não tão bem definidos.

Mas devia ter se lembrado do azul profundo de seus olhos e daqueles longos cílios. Devia ter se lembrado de como desfrutara daqueles lábios cheios quando os beijara. Quando ela o beijara nos lábios e em outras partes mais íntimas de seu corpo; devia ter se lembrado...

- Fui seu primeiro amante!

O rubor cobriu brevemente aquele rosto pálido.

- Sim; bem — mexeu-se, desconfortável — todos têm que começar em algum

lugar, não é?

Exceto que, no caso de Annie, Luc havia sido o começo e o fim. O que Luc diria, o que faria, se ela lhe contasse que um bebê fora concebido na noite que passaram juntos? Que, esperando por ela na casa de sua mãe, havia um garotinho de quase 4 anos de idade, que tinha os cabelos escuros e ondulados de Luc e seu corpo forte e os olhos azuis dos Balfour brilhando num rosto que também tinha uma forte semelhança com o deste homem? Do pai dele, de Luc.

Annie reprimiu um estremecimento de medo enquanto olhava para ele, sabendo com certeza que este Luc de agora não tinha piedade. Estava lá para todos verem, na dura arrogância do rosto e nos olhos negros frios e decididos.

Sem piedade, talvez. E se descobrisse a existência de Oliver, reclamaria seu filho? E que atitude Annie poderia tomar neste caso?

Oh, não lhe permitiria que lhe tomasse Oliver, isto nunca, mas Oliver iria querer saber quem era seu pai. Um dia, talvez. E como Oliver se sentiria quando soubesse que Annie poderia ter contado ao pai que ele existia e preferira não fazê-lo?

Precisava de tempo para pensar, para tentar decidir o que era o melhor. Pelo bem de Oliver...

— Pode, por favor, me soltar agora, Luc? — A voz era calma. — Acho que já atraímos atenção demais por um dia e tenho que ir a uma reunião esta tarde.

Os olhos de Luc entrecerraram enquanto lhe estudava o rosto, um rosto que, de repente, mascarava completamente seus sentimentos mais íntimos.

— Neste caso, vamos jantar juntos na minha suíte do hotel esta noite para continuarmos esta conversa. — Era uma declaração, não um convite.

— Não acho...

— Ache o que quiser, Annie, mas só a libertarei se concordar. É o meu preço — disse friamente.

— Seu preço...! — Annie o fuzilou com os olhos. — Você realmente se transformou numa cobra arrogante desde que nos vimos pela última vez, não é?

Luc lhe deu um sorriso duro, sem humor, enquanto lhe libertava os braços lentamente.

— Talvez eu sempre tenha sido.

— Talvez — disse Annie, consciente de que a raiva que sentia era a única coisa que impedia seus joelhos de se dobrarem quando Luc a soltou. Tudo aquilo... Encontrar Luc de novo, dividida entre lhe contar ou não sobre Oliver e o que poderia acontecer se o fizesse... Estava se tornando seu pior pesadelo.

A boca de Luc enrijeceu.

— Faça a minha vontade, Annie.

— Tenho a sensação que mulheres demais já fizeram isto!

— Talvez.

Annie suspirou, frustrada com a total falta de qualquer sentimento ameno naquele homem. O que era melhor? Devia contar a Luc ou não sobre Oliver? Não contar, agora que o encontrara de novo, lhe parecia cruel tanto para Oliver como para Luc, mas, ao mesmo tempo, temia o que Luc poderia fazer quando soubesse que tinha

um filho de três anos.

Suspirou de novo.

— Está bem, Luc, jantarei com você... Com duas condições — acrescentou rapidamente quando viu o brilho de triunfo naqueles olhos negros. — Uma, que eu possa ir embora quando *eu* quiser.

— E se você quiser sair assim que chegar?

— Não farei isto. — Duvidava que pudesse sair se decidisse lhe contar sobre Oliver!

— Como posso ter certeza?

— Eu não minto, lembra-se?

— Muito bem, concordo com a primeira condição.

— Duas, jantaremos no restaurante do hotel e não na sua suíte.

Ele sorriu, desdenhoso.

— Fica... Nervosa ao pensamento de estar sozinha comigo?

Nervosa nem começava a descrever o que Annie sentia em passar mais tempo com ele. Estava concordando em jantar com ele apenas porque já sabia que, com este Luc mais velho e mais duro, a situação precisava ser terminada, de um jeito ou de outro. Além disso, se decidisse contar a Luc sobre Oliver durante o jantar, Annie sabia que toda a família Balfour se uniria protetoramente em torno de qualquer tentativa de Luc de lhe tomar Oliver.

— Nem um pouco — negou com facilidade, enquanto se virava para pegar a toalha e a bolsa. — Apenas acredito na segurança da multidão.

— Então, você *está* nervosa em ficar sozinha comigo.

— Não, não estou. — Jogou para trás os cabelos longos até os ombros enquanto se virava para encontrar o olhar dele sem temor. — Estou apenas esperando que, com outras pessoas ao redor... Como agora... Não cederei à tentação de lhe arrancar com uma bofetada esta expressão de satisfação do seu rosto arrogante!

Luc sorriu à resposta atrevida.

— Vou esperar com ansiedade nosso encontro às 20h, Annie.

— Bem, pelo menos um de nós ficará ansioso.

Então se virou e voltou para o hotel com passos firmes.

Luc ficou onde estava por algum tempo depois que Annie já havia entrado no hotel, os olhos entrecerrados em contemplação. Conhecera-a antes, tão intimamente, e ela o conhecera com a mesma intimidade. O ressentimento e a raiva que sentira nela aquela manhã agora estavam completamente explicados. Mas o temor, a expressão de medo que vira nos olhos dela alguns minutos atrás, não estavam.

O que haveria para despertar nela medo dele? Seria que, como Luc, ficava excitada à lembrança daquela noite que haviam passado juntos? Que se sentira acesa ao pensar nas intimidades que haviam partilhado? Que, não importava o quanto negasse, talvez partilhassem aquelas intimidades de novo?

Ou a cautela nos olhos de Annie em relação a ele seria por outra razão completamente diferente...?

Capítulo Três

— Chegou na hora certa — comentou a mulher no fim da fila de cadeiras no fundo da sala de conferência, enquanto mudava de lugar para que Annie pudesse se sentar ao lado dela.

Annie ficara tão completamente atordoada com o encontro com Luc na praia... Com a incerteza sobre se lhe falava ou não de Oliver durante o jantar... Que tivera muito pouco tempo para tomar um banho de chuveiro para a reunião daquela tarde.

E assim se atrasara e conseguira chegar à sala de conferência um segundo antes de as portas serem fechadas. Sentou-se rapidamente enquanto o presidente se levantava para fazer diversos anúncios antes de apresentar o orador convidado para aquela tarde, seus pensamentos ainda no dilema de contar ou não a Luc sobre o filho deles.

Oliver tinha apenas 3 anos, mas quando ficasse mais velho poderia começar a se ressentir do fato de que crescera sem conhecer o pai. Podia até chegar a odiar Annie por não dizer nada a Luc sobre ele...

— Não sei quanto a você, mas ele foi a única razão para eu lutar tanto para vir para este curso — disse a loura ao lado de Annie num sussurro excitado.

Annie não sabia a que "ele" a mulher se referia, embora duvidasse que fosse o presidente da conferência, Daniel Russell, de 60 anos de idade. Não que estivesse particularmente interessada na conversa da loura. Como poderia, se estava tão inquieta enquanto pensava no que seria melhor para Oliver?

— Ele quase nunca aparece em público, você sabe — continuou a mulher.

— É mesmo? — respondeu Annie distraída, seus pensamentos ainda presos a Luc.

Ele lhe contara, há muito tempo, que morava em Roma; assim, o que estava fazendo num hotel no lago Garda? E, mais importante, por quanto tempo ficaria ali? Pelo menos mais aquele dia, já que insistira para que Annie jantasse com ele para "conversarem"!

—... calorosas boas-vindas a Luca de Salvatore! — anunciou orgulhosamente Daniel Russell.

Annie olhou sem interesse para o pódio e fitou, incrédula, o homem de terno escuro, que subia com arrogância a plataforma e ocupava com grande confiança o lugar.

Era *ele*!

Luc.

Não, não Luc, Annie percebeu enquanto começava a tremer, mas *Luca de Salvatore*.

O pai de Oliver era Luca de Salvatore!

Qualquer pessoa do mundo dos negócios... Até mesmo Annie, que pouco saía de

casa... Já havia ouvido falar de Luca de Salvatore. Seria impossível ignorar o homem que tomara as rédeas do império em ruínas do pai alguns anos antes e então demitira impiedosamente funcionários, deixando o mínimo necessário para seu funcionamento, e começara a eliminar ou simplesmente encampar todos os competidores que impediam o crescimento do império de Salvatore até recuperar seu lugar como um dos mais poderosos do mundo.

E tornando Luca de Salvatore, como o dirigente daquele império bem-sucedido, um dos homens mais poderosos do mundo...

Annie jamais adivinharia, jamais imaginaria que Luca de Salvatore, de quem homens tão poderosos como ele, como seu pai, falavam com respeito, era na verdade, Luc! *Seu Luc!*

Não, não *seu Luc*, corrigiu-se Annie, abalada. Jamais fora seu Luc. Uma noite juntos quatro anos e meio atrás não o tornara dela. E Luca de Salvatore, com uma bem merecida reputação de ser tão friamente impiedoso em sua vida pessoal como na vida profissional, jamais pertenceria a qualquer mulher.

Precisava sair dali, precisava pensar... Annie congelou onde estava, literalmente não conseguia mover um músculo, presa completamente quando aquele olhar negro e penetrante, que percorrera o salão, descobriu-a enquanto ela começava a se levantar, aqueles olhos negros que a desafiavam com se adivinhasse que estava prestes a sair. Como se, de alguma forma, Luc já soubesse que ela estava ali...

O movimento ligeiramente divertido do lábio superior de Luc confirmou esta impressão. Assim como o lento movimento de uma sobrancelha escura que se erguia sobre aqueles olhos negros agora a desafiavam a se levantar e fugir.

Maldição!

Luc estivera em pé, sem ser visto, num dos lados da plataforma quando percebera Annie entrar atrasada e tomar rapidamente seu lugar no fim da última fila, mais uma vez vestida com um terninho escuro, com uma blusa creme, a cor vibrante dos cabelos castanho-avermelhados escondida pelo coque na nuca.

Observara que Annie parecera completamente enfiada ao pensamento de passar uma tarde ouvindo mais um discurso sobre administração de negócios.

Seria demais esperar que talvez sua falta de atenção fosse devida a pensamentos sobre o jantar que partilhariam aquela noite.

Certamente ela parecera menos do que feliz quando Luc se encaminhara para o pódio. Na verdade, os olhos haviam ficado abertos de susto e empalidecera visivelmente, observou, aborrecido. Olhos que brilharam com raiva súbita e faces que ruborizaram de fúria enquanto o olhar debochado de Luc deliberadamente encontrou e segurou o dela.

Ela voltou a se sentar e olhou para ele com uma expressão fixa que não demonstrava interesse nenhum no que ele tinha a dizer. Uma tentativa de desconcertá-lo como ele tão claramente a desconcertara quando ocupou seu lugar no pódio?

Possivelmente.

Mas Luc não era um homem que ficava desconcertado pelo desafio irritado de um

par de brilhantes olhos azuis.

— Nosso orador desta tarde expressou a vontade de ser apresentado a você, Anna — disse, entusiasmado, Daniel Russell, o presidente da conferência e proprietário do prestigiado Russell Hotel Group, atrás de Annie, enquanto ela tentava se mover rapidamente em meio à multidão para fugir.

Tivera que ouvir Luc falar por mais de uma hora, e então observá-lo responder a perguntas por outra hora. Duas horas agonizantemente lentas, quando tudo o que Annie queria era fugir dali e se fechar em sua suíte do hotel para colocar em ordem seus pensamentos caóticos. Longe de Luc, longe da zombaria daqueles olhos penetrantes e negros que se voltavam para ela de novo e de novo durante a longa tarde.

Descobrir quem ele era virara o mundo de Annie de cabeça para baixo e agora ele tinha a audácia, a arrogância, de pedir para ser apresentado a ela!

Os olhos de Annie brilharam de raiva renovada quando ela se virou para olhar para Luca de Salvatore e Daniel Russell, o último um homem grisalho da idade do pai dela e a quem conhecia ligeiramente de outros encontros de negócios com Oscar no passado.

— Bom ver você de novo, Daniel. — Ignorou Luc completamente enquanto apertava a mão de Daniel.

— Bom ver você também — disse ele, antes de se afastar ligeiramente para o lado. — Anna, permita-me lhe apresentar Luca de Salvatore. — Sorriu, orgulhoso. — Luca, esta é um membro da equipe da Balfour Enterprises, Anna Balfour.

O rosto de Luc escureceu de maneira sinistra.

— *Balfour?* — repetiu, incrédulo.

— Uma das muitas filhas de Oscar—explicou Daniel Russell, agradavelmente.

Annie sabia que Luc certamente já teria ouvido falar daquelas filhas... Ou lera a respeito delas nos tabloides de escândalos... Se interpretara bem o modo como aqueles olhos entrecerraram.

Uma máscara educada rapidamente substituiu a severa, a expressão de Luc agora totalmente ilegível enquanto ele estendia a mão.

— Srta. Balfour.

Luc não podia acreditar que Annie era Anna Balfour! Ou, mais especificamente, uma das muitas filhas de Oscar Balfour que, com regularidade, eram o objeto de manchetes de jornais e revistas por se envolverem em escapadas escandalosas.

— Sr. De Salvatore — respondeu Annie com inegável zombaria enquanto lhe dava um aperto breve de mãos.

Um nervo pulsou no queixo rijo de Luc.

— Não precisamos mais prendê-lo, Daniel — disse entre dentes cerrados enquanto continuava a olhar para Annie... Não, para Anna *Balfour*.

— Oh. Não, é claro que não. — Daniel ficou ligeiramente abalado pela forma abrupta com que fora dispensado. — É realmente bom ver você de novo, Anna. — Recuperou-se o bastante para acrescentar: — Lamentei muito sobre Lillian.

— Foi um choque horrível para todos — concordou Annie.

Daniel começou a se virar, então parou.

— Quase esqueci de perguntar. Como está Oliver?

Se Luc não estivesse olhando com tanta atenção para Annie, poderia não ter visto a leve expressão de choque nos olhos dela e a maneira como seu queixo se ergueu defensivamente. Mas viu as duas reações e se perguntou o motivo de ela se sentir daquela maneira à menção do homem com quem conversara pelo telefone aquela manhã.

Talvez preferisse que Luc não soubesse do homem que atualmente fazia parte de sua vida? Era um pouco tarde, já que a ouvira dizer a Oliver que o amava. Pelo menos no momento; as irmãs Balfour não eram conhecidas por sua fidelidade e constância; eram conhecidas por provocar escândalos e mexericos numa base diária!

A resposta maternalmente defensiva à menção de Oliver tinha sido completamente instintiva, mas estúpida, percebeu, quando os olhos impiedosos de Luca de Salvatore a estudaram com ainda mais intensidade.

Forçou-se a sorrir quando respondeu a Daniel:

— Está muito bem, obrigada.

Daniel sorriu de volta.

— Quantos anos têm agora... Três, quatro?

— Três — disse Annie, e observou Daniel se afastar para não encontrar o olhar brilhante de Luc.

— Quem é Oliver?

Annie respirou fundo antes de se voltar para Luc, obrigando-se a encontrar com firmeza aquele olhar acusador. Preferia não contar a Luc sobre Oliver naquele ambiente. Ergueu o queixo, orgulhosa.

— Oliver é meu filho.

— Seu...? Você não me disse que é casada!

— Porque não sou.

— E já foi?

— Não. E então, você é Luca de Salvatore? — murmurou, mudando de assunto. Este realmente não era o lugar para contar a Luc que Oliver era filho dele. E como ousava olhar para ela com censura quando *e/le* era o motivo por que era mãe solteira!

— E você é Anna Balfour? — retrucou com frieza.

Ela assentiu.

— Minha família e amigos me chamam de Annie.

Os lábios cinzelados se curvaram num sorriso duro e sem humor.

— Sem dúvida se refere ao tipo de "amigos" que fomos?

— Sem dúvida — disse Annie apenas, embora o rosto ficasse ruborizado.

— Acho a parte Balfour do seu nome mais... Interessante.

Annie viu, pelo movimento de desprezo do lábio superior, a que tipo de interesse ele se referia!

— Lembro-me que, há quatro anos e meio, nenhum de nós parecia particularmente interessado numa apresentação formal, sr. De Salvatore.

— O que foi aquilo, então? Talvez uma aposta entre as irmãs Balfour sobre quem perderia a virgindade primeiro... Acho que não, Anna! — Segurou com força e

facilidade o punho que se erguera com a intenção evidente de lhe dar uma bofetada. — Acho que devemos sair antes que você provoque um escândalo.

— Antes que *eu* provoque um escândalo? — Lágrimas... De raiva ou tristeza?... Se formavam nos grandes olhos azuis que o encaravam.

— Antes que qualquer um de nós provoque um escândalo — consertou Luc, os dedos apertando-lhe o punho enquanto ele a puxava em direção à saída, sabendo que o firme controle que exercia sobre suas emoções corria um risco sério de desaparecer.

Anna Balfour.

Esta mulher, com quem Luc fizera amor tantas vezes aquela noite quatro anos atrás, era uma das infames irmãs Balfour. Também tinha um filho pequeno, um filho que nascera fora do casamento.

Annie soube, pela inflexibilidade com que Luc lhe segurava o pulso e a severidade de sua expressão enquanto a puxava com facilidade em meio à multidão de pessoas conversando no salão, que não tinha como escapar.

— Para onde está me levando? — perguntou, quando Luc não parou do lado de fora da sala de conferência, mas continuou a andar em passos longos pelo corredor até os elevadores, digitou um código num deles e entrou assim que as portas se abriram.

— Para a minha suíte. Não tente lutar comigo, Anna — advertiu, quando ela tentou libertar o punho assim que a puxou para dentro do elevador — vai apenas se machucar.

— É mesmo, tem certeza? — desafiou.

O olhar de Luc permaneceu naquele rosto lindo e ruborizado enquanto pensava no desafio dela. Annie tinha cerca de 1,68, mas ainda era pelo menos vinte centímetros menor do que ele, mesmo em seus sapatos de saltos de cinco centímetros e sua estrutura física, embora magra e tonificada, não era páreo para sua força e peso muito superiores.

— Absoluta — respondeu secamente.

— Está enganado! — anunciou Annie, ao mesmo tempo que Luc sentia a mão dela girar na dele e segurar-lhe com firmeza o pulso e começar a virar o braço dele para trás. Ela colocou o joelho na curva de suas costas enquanto tentava jogá-lo no piso do elevador.

Pelo menos, era isto que pretendia fazer. Infelizmente para Annie, Luc passara grande parte de sua juventude rebelde nas ruas mais pobres de Roma, procurando confusão. O pai o obrigara a tomar lições de autodefesa para preservar-lhe a vida e Luc aprendera bem.

Annie não tinha a menor ideia de como *ela* terminara deitada de costas no piso acarpetado do elevador, as duas mãos presas com firmeza em uma das de Luc. Olhou para ele meio tonta enquanto ele a mantinha ali ao montar sobre seus quadris, as coxas musculosas prendendo-lhe as laterais do corpo, os olhos negros brilhando nos dela com satisfação e deboche.

— Não me lembro de você demonstrar preferência por sexo selvagem há quatro anos, mas talvez seu gosto tenha se tornado mais...

— Você nem mesmo se lembrou de *mim* no começo! — acusou Annie, seus esforços

para deslocá-lo apenas conseguindo que a rigidez das coxas a apertasse com mais intimidade.

Mais intimidade? O homem já estava tão excitado que ela podia ver a plenitude do desejo se erguendo contra o tecido caro da calça! E podia sentir o calor da própria excitação no rubor do rosto e na dificuldade de respirar. No formigamento dos seios, na umidade quente entre as coxas.

— Mas agora eu me lembro — murmurou, rouco, o olhar fixo nos lábios cheios e entreabertos de Annie enquanto lhe erguia as mãos presas sobre a cabeça e se debruçava, como se fosse beijá-la. Como se fosse adorar beijá-la!

Os olhos de um azul profundo brilharam.

— Agora é tarde demais — provocou, recusando-se a se entregar sem lutar. — Nós, as garotas Balfour, somos conhecidas por não darmos a um homem uma segunda chance.

— Não?

— Não.

— Quem sabe devemos provar esta afirmação? — A voz de Luc era rouca, os lábios a apenas alguns centímetros dos dela, enquanto os olhos mantinham os dela presos.

O calor do hálito suave penetrou de modo lento e sedutor os lábios entreabertos de Annie, uma invasão leve e erótica que lhe roubou completamente a respiração enquanto ficava deitada sob o peso do corpo quente e extremamente excitado de Luc. Então ele se mexeu de leve e os lábios começaram a explorar suavemente a coluna sensível do pescoço, que se arqueou instintivamente em direção aos lábios que lhe proporcionavam tamanho prazer...

Não, ela não podia fazer isto, não podia permitir isto!

— Estamos num elevador, pelo amor de Deus! — protestou Annie, e percebeu que faltava convicção em sua voz. Que seus seios doíam, os mamilos já eretos. Que o calor em Luc, enquanto roçava a ereção nela, era tão grande como o dela...

Luc ergueu a cabeça para fitar-lhe o rosto, os olhos brilhantes de diversão.

— Certamente o medo do flagrante apenas acentua o prazer. — Removeu deliberadamente a faixa que lhe prendia os cabelos e os deixou cair, soltos, nos ombros.

— Não, não para mim! — A irritação era evidente.

O olhar escuro de Luc se moveu lentamente dos olhos expressivos de Annie para as faces vermelhas e os lábios inchados, então para mais abaixo, onde os seios se exibiam cheios e firmes contra a blusa, os mamilos visíveis.

— Sim, estou vendo.

— Você... — A resposta zangada de Annie ficou presa na garganta enquanto Luc, ainda a mantendo cativa, abaixava a cabeça e sugava um dos mamilos para o calor da boca, os lábios se fechando neles sem piedade.

Mesmo através dos tecidos da blusa e do sutiã, Luc sentiu o mamilo crescer e inchar enquanto o sugava ainda mais. Então começou a roçar a ereção naquele lugar sensível na junção das coxas, sentindo no mesmo instante sua reação aos movimentos

rítmicos. Luc se pressionou com mais força e depois com mais força enquanto Annie deixava escapar pequenos soluços e suspiros no compasso daquele ritmo erótico.

O que estava fazendo? perguntou-se Annie, desesperada, um soluço preso na garganta. Maldição, sabia exatamente o que aconteceria se não pusesse um fim àquilo naquele momento. No piso de um elevador, pelo amor de Deus!

Se ela e Luc fossem descobertos naquela situação, os escândalos provocados pelas irmãs se tornariam insignificantes!

Passou os dedos pelos cabelos negros de Luc e o empurrou para longe de seus seios... Pensaria depois como lidaria com a umidade reveladora na blusa. E com a pulsação molhada entre suas coxas.

— Saia de cima de mim, Luc! — exigiu, olhando para ele furiosamente enquanto ele a fitava com olhos de pálpebras pesadas.

Estava tão furiosa consigo mesma como com Luc. O que estava pensando? Mas, é claro, pensar, admitiu com aborrecimento, não tinha nada a ver com o que estava acontecendo. Aquele homem fora seu amante quatro anos e meio atrás. Um relacionamento que resultará numa criança, seu filho amado, Oliver.

— *Saia. De. Cima. De. Mim* — repetiu com mais energia enquanto os dedos apertavam e puxavam os cabelos dele.

Luc ignorou os puxões dos cabelos enquanto a olhava, pensativo.

— Prefere continuar num lugar mais privado?

— Francamente, Luc, *prefiro* nunca mais vê-lo!

Luc lhe lançou um sorriso malicioso enquanto olhava para baixo, para onde ainda podia ver claramente a rigidez rosada do mamilo através dos tecidos molhados da blusa e do sutiã.

— Todas as evidências sugerem o contrário — declarou, zombeteiro.

O rosto dela ficou vermelho de raiva.

— Seu arrogante bast...

— Vamos, vamos, Anna — interrompeu Luc enquanto se levantava e a puxava para o lado dele. — Ninguém nunca lhe disse que uma senhora não diz palavras vulgares? — murmurou enquanto a soltava para arrumar calmamente as mangas da camisa sob o paletó.

— Eu devia estar ausente do berçário nesse dia.

— Sem dúvida, todas as suas irmãs também estavam!

— Você... Por que este elevador não se moveu quando entramos? — perguntou de repente, começando a sentir que as paredes se fechavam sobre ela.

Luc deu de ombros.

— É um elevador privativo, que vai apenas até a suíte da cobertura. Só o ocupante da suíte sabe o código de entrada.

— E este é você — disse Annie, abaixando-se para pegar no piso a faixa dos cabelos onde Luc a jogara.

O sorriso dele era malicioso de novo.

— Como o proprietário do hotel, é claro que sou eu.

O proprietário do hotel? Annie devia ter adivinhado depois da maneira

indiferente com que ele recebera suas ameaças de denunciá-lo à administração. Ele era a maldita administração!

— E então — disse Luc, a voz arrastada — de qual das muitas esposas de Oscar você é filha?

— Houve apenas três! — Os olhos brilharam diante do insulto deliberado. — E minha mãe é Tilly, a segunda esposa de Oscar — acrescentou enquanto Luc a olhava, perplexo.

— Ah — assentiu — é a que ainda vive na Mansão Balfour com ele, não é?

Annie respirou fundo.

— Ela não vive *com* Oscar. Se quer saber, minha mãe ficou arrasada depois que seu segundo marido morreu, assim meu pai lhe ofereceu o uso do chalé junto ao portão da propriedade Balfour.

— Que coisa civilizada, continuar... Amigo... de uma ex-esposa — comentou com sarcasmo.

Annie ergueu o queixo, desafiadora.

— Sim, na verdade é.

Luc balançou a cabeça.

— E sua terceira esposa... Lillian?... Não fez objeções a este arranjo?

Annie ficou imóvel.

— Que *arranjo*!?

— Oh, vamos, Anna, somos todos adultos — zombou.

— Está insinuando... dizendo... — Annie se interrompeu com um arquejo, o rosto pálido.

Luc pareceu sarcástico:

— Não é de admirar que as filhas de Oscar sejam tão... Tão selvagens e descontroladas, quando o próprio pai dá um exemplo assim.

Estava sugerindo que sua mãe continuara a ser amante de Oscar durante seu casamento com Lillian, percebeu Annie. Como ousava? Com que direito julgava sua família?

— Você não sabe absolutamente *nada* sobre meu pai ou minha mãe. — Os dentes estavam cerrados. — Se soubesse, então estaria ciente de que são grandes amigos. E que minha mãe é a mais doce, mais gentil, mais sábia...

— Acho que está protestando demais, Anna — zombou Luc, ainda chocado com a descoberta de quem era esta mulher.

O nome *Balfour* era sinônimo de escândalo. Também de beleza, glamour e estilo, admitiu Luc aborrecido, mas principalmente de escândalo.

Luc passara os últimos anos evitando completamente todo tipo de publicidade que a família Balfour, particularmente as irmãs Balfour, apreciava tanto. Parecia que era difícil passar um dia sem que uma ou outra delas deixasse de aparecer no centro de um escândalo.

Luc nunca se dera ao trabalho de ler nada do que era escrito sobre elas nos jornais e as considerava mulheres jovens e tolas que tinham mais dinheiro do que bom-senso.

Como ele tinha sido até quatro anos atrás?

Talvez.

Mas se lembrava de que houvera um escândalo ainda maior do que o comum na família Balfour nas primeiras páginas de todos os jornais nacionais e internacionais no mês anterior. Alguma coisa sobre uma das filhas ser ilegítima...?

Oscar Balfour tinha tantas filhas... Sete, não oito na última contagem... Que Luc se surpreendeu que alguém se importasse se uma delas era ou não legítima!

— Talvez você prefira não jantar comigo esta noite?

Annie adivinhou com facilidade o motivo do desprezo que via claramente na expressão de Luc. Não só suas irmãs estavam sempre envolvidas num escândalo depois de outro, como a própria Annie era mãe solteira de um menino de 3 anos de idade.

Contar ou não a Luc que Oliver era filho dele era uma coisa nobre a qual Annie ainda não se decidira. Principalmente depois do ver o desprezo que Luc tinha por toda a sua família.

— E você chegou à conclusão de que, afinal, não temos nada a conversar? — Ela também podia ser sarcástica.

O queixo dele endureceu.

— Nada que não termine em mais insultos entre nós. Annie sentiu a fisdada de mortificação no calor do rosto.

— Nunca ouviu falar sobre telhados de vidro, Luc? Eu me lembro que Luca de Salvatore foi um garoto bem selvagem — acrescentou quando Luc ergueu uma sobrancelha.

Um nervo começou a pulsar no queixo riço.

— Felizmente eu cresci.

— Você não foi o único a ter que amadurecer depressa, Luc... — Annie se interrompeu abruptamente, percebendo que dissera demais quando viu o brilho de especulação naqueles olhos negros. — Se não se importa, pode abrir as portas do elevador agora? Tenho alguns documentos para ler e enviar por fax para meu pai esta noite.

Depois da reação de Luc ao saber quem ela era, também tinha que pensar muito!

Annie jamais contara a ninguém a identidade do pai de Oliver. Também, como poderia, se até hoje não sabia que o Luc de quatro anos e meio atrás era na realidade o bilionário Luca de Salvatore! Mas agora sabia exatamente quem ele era e este conhecimento apenas tornou sua decisão de contar a ele sobre Oliver mais difícil.

Luca de Salvatore era um homem duro e impiedoso, um homem que poderia não querer apenas o papel ativo na vida de Oliver que estava preparada a aceitar, mas que poderia lhe tomar Oliver completamente...

— Então você trabalha para seu pai?

— E detesto — admitiu imediatamente.

— Então por que trabalha?

— Porque, a despeito do que você possa pensar, preciso de um emprego para ganhar dinheiro e nos sustentar. E trabalhar para meu pai foi o emprego que causaria menos perturbação na vida de Oliver. Além disso, você também trabalha para seu pai,

não é?

— Meu pai se aposentou alguns anos atrás e me deixou na direção dos negócios.

Annie olhou para ele, zombeteira.

— Não é interessante saber que o nepotismo está vivo e bem na Itália!

A boca de Luc afinou com o insulto deliberado. Seu pai não havia apenas se aposentado; fora obrigado a fazê-lo por ter adoecido, deixando para Luc o encargo de restaurar o império empresarial De Salvatore depois de quase tê-lo arruinado.

Olhou friamente para Anna Balfour.

— Na Inglaterra também, pelo que parece.

Ela suspirou.

— Está certo, Luc, estamos apenas nos insultando ao continuar esta conversa.

Era a verdade; no entanto...

Alguns minutos antes, desejara esta mulher tão intensamente como ela o desejara, a julgar pela reação dela. Maldição, se Annie... Anna Balfour... não os tivesse interrompido, Luc sabia que seria muito capaz de tomá-la bem ali, no piso do elevador!

Capítulo Quatro

— Seu filho tem três anos e oito meses de idade!

Annie abriu a porta da suíte em resposta a uma batida forte e agora olhava, atônita, para Luca de Salvatore. Estava vestido casualmente, em jeans desbotado e uma camiseta preta, mas a fúria que emanava daquele corpo rijo e musculoso e dos negros olhos brilhantes lhe dava a aparência de um predador vingativo.

Devia ter verificado pelo olho mágico antes de abrir a porta! Não devia apenas ter presumido que era o serviço de quarto com o sanduíche que pedira para o jantar! Devia ter...

O que importava o que devia ter feito antes de abrir a porta? O frio e furioso Luca de Salvatore que a olhava com tanto desprezo era mais do que capaz de derrubar a porta se ela se recusasse a abri-la!

— Não tem? — disse, indignado, enquanto batia a palma da mão na porta, abria-a completamente e passava por ela até parar na sala de estar, a fúria uma coisa tangível.

Annie se encolheu, adiando o momento de enfrentar Luc para respirar profundamente diversas vezes antes de fechar a porta suavemente e se virar. Um olhar às feições enfurecidas de Luc lhe mostrou que aqueles segundos em busca de calma não haviam diminuído a força da raiva dele.

É claro que continuava furioso. Luc não era idiota... longe disso!... Faria as contas e deduziria que Oliver era dele. O fato de que sua expressão mostrava que era perfeitamente capaz de estrangulá-la com as mãos nuas e que gostaria de fazer isto

lhe dizia que fora exatamente aquilo que fizera.

Annie passou as palmas úmidas das mãos no jeans.

— Eu já lhe disse que Oliver é meu filho...

— E *esqueceu* de mencionar que é também *meu* filho! — rosnou, um nervo pulsando no rosto pálido, os olhos negros brilhando perigosamente.

Annie umedeceu os lábios secos.

— Não está presumindo demais, considerando... A reputação das irmãs Balfour?

— A voz era trêmula.

Luc cerrou o queixo com força, as mãos fechadas em punhos nas laterais do corpo enquanto tentava controlar a inclinação de sacudir aquela mulher até ela pedir misericórdia, até admitir a verdade.

Respirou fundo e retomou um controle que desaparecia rapidamente.

— Não depois que eu mesmo vi a prova — disse ele.

— Prova? Você não pode ter visto Oliver depois que nos separamos mais cedo!

— É claro que não. Pedi a meu assistente em Roma para me mandar cópias por fax de fotos do menino dos arquivos dos jornais.

E ficara chocado até o âmago quando viu as fotos. Quando viu as imagens de um garotinho saudável, com cabelos negros e cacheados e olhos sorridentes, azuis como os da mãe, num rosto tão parecido com o dele na mesma idade.

Tinha absoluta certeza de que esta mulher dera à luz um filho como resultado da noite que haviam passado juntos quatro anos e meio antes. *Seu* filho! Um filho cuja existência ela não se dera ao trabalho de lhe comunicar!

— Por que faria uma coisa dessas? Luc lhe lançou um sorriso sem humor.

— Principalmente curiosidade. — A boca endureceu. — Não tinha ideia de que minha curiosidade revelaria a sua perversidade! Que, a menos que tivesse feito amor também com meu irmão... Um irmão que não tenho... Seu filho também é meu filho!

— Eu...

— Aconselho-a muito seriamente a nem mesmo tentar mentir para mim, Anna. — O tom era ameaçador.

Ela ergueu o queixo em desafio.

— Não sou uma de suas empregadas, sr. De Salvatore, e assim, não recebo ordens suas.

— Você receberá mais do que ordens minhas se não parar imediatamente com o joguinho e admitir que o menino é meu! — Luc estendeu as mãos e lhe segurou os ombros com força.

— Tire as mãos de mim, Luc!

— Tocá-la me dá nojo! — Libertou-a tão de repente que ela quase caiu, o olhar selvagem passando por ela sem piedade.

As pernas de Annie tremiam tanto que precisou se apoiar no encosto de uma cadeira para não cair.

— O que quer de mim, Luc? — perguntou, a voz fraca enquanto ele se mantinha perto demais dela, agigantando-se sobre o corpo pequeno.

— A verdade, é claro!

— Por quê? — A cautela superou a fraqueza.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Para que eu dê início ao processo de reclamar meu filho, é claro.

O rosto de Annie ficou branco.

— Reclamá-lo?

— Ele é um De Salvatore...

— Ele é um *Balfour*!

Luc rosnou, desdenhoso:

— E o mundo inteiro sabe como *este* nome tem prestígio!

— Tanto prestígio como o seu passado selvagem deu ao nome De Salvatore!

Luc ficou completamente imóvel.

— O que você sabe sobre meu passado selvagem?

Annie não se deixou enganar pela calma aparente.

— Eu o vivi em primeira mão, pelo amor de Deus! Sou a mulher que você pegou numa trilha de esqui, com quem passou a noite e na manhã seguinte rejeitou e esqueceu completamente até hoje, *lembra-se?*

Luc continuou a olhar para ela com as pálpebras baixas.

— Parece que a única coisa boa que há entre nós é nosso filho...

— Oliver é *meu* filho...

— É meu. — A voz de Luc ficou perigosamente suave: — Um fato que um simples exame de sangue provará, se você continuar a dificultar as coisas.

Não importava o quanto Anna Balfour tentasse negar, Luc não podia se enganar com a prova que vira pouco antes; sabia que o garotinho na meia dúzia de fotos que observara era seu filho. Um herdeiro que um dia continuaria o nome De Salvatore como líder do império empresarial da família.

— Ele tem um nome — informou Annie, irritada. Luc assentiu.

— Oliver de Salvatore.

— Não!

— Sim!

Annie balançou a cabeça em protesto, sabendo que o nome completo na certidão de nascimento, Oliver Luc Balfour, agravava ainda mais a situação.

— Eu já havia decidido que lhe contaria sobre Oliver...

— Quando?

— Durante o jantar desta noite.

— Por que acho tão difícil acreditar em você?

Os olhos de Annie brilharam.

— Possivelmente porque prefere não acreditar!

Isso era muito pior do que Annie imaginara. Talvez, se o Luc com quem se envolvera não tivesse se transformado no conhecidamente impiedoso Luca de Salvatore, ela pudesse ter uma chance. Mas, do jeito que ele era...

Sabia, sem nenhuma dúvida, que sua mãe, seu pai e todas as suas irmãs ficariam ao lado dela em qualquer batalha legal sobre a custódia de Oliver; sua família podia ser disfuncional, numa avaliação otimista, mas, quando ameaçada, a família Balfour era uma

unidade formidável.

Exceto que, neste caso, Annie sabia que Luca de Salvatore... Não conseguia mais nem pensar nele como o Luc que conhecera e por quem se encantara... Estava cheio de razão ao exigir ser reconhecido como o pai de Oliver. Houvera apenas um amante na vida de Annie, assim não era possível que o pai de Oliver fosse outro homem a não ser Luca de Salvatore.

— O que quer de mim?

— De você? Nada! O que quero é meu filho — rosnou.

— Quer direito de visita? Custódia conjunta? Apenas me diga o que quer! — A voz dela se quebrou, emocionada.

Luc respirou com força quando as palavras de Annie confirmaram que Oliver Balfour era realmente seu filho.

Tinha um filho, um garotinho lindo, de cabelos negros, olhos azuis, com quase 4 anos de idade.

Luc se deixou cair abruptamente numa das poltronas e olhou, sem ver, para o tapete com motivos florais enquanto absorvia a enormidade de sua descoberta.

Em seus 30 anos de vida, Luc pensara apenas vagamente no dia em que teria um filho nos braços. Os primeiros 26 anos de vida tinham sido gastos num redemoinho de decadência e autoindulgência excessiva, e nos últimos quatro ficara ocupado demais reconstruindo o império De Salvatore para pensar em qualquer outra coisa. A ideia de um casamento era apenas uma coisa abstrata, a ser considerada no futuro distante, depois que soubesse com certeza absoluta que a riqueza e o prestígio do império De Salvatore tinham sido plenamente restaurados.

Descobrir que tinha um filho, um garotinho chamado Oliver que jamais vira nem carregara nos braços, era quase inacreditável. Quase.

Luc ergueu os olhos frios para Anna Balfour, que, em pé no meio da sala de estar, olhava para ele com medo e cautela. Tinha toda a razão de se sentir amedrontada e cautelosa! Mesmo agora, era difícil acreditar que esta mulher era a mãe de seu filho. Que seus seios haviam se tornado maiores, em preparação para o nascimento do bebê. Teria o alimentado? Ou a filha mimada e caprichosa de Oscar Balfour teria entregado o filho deles a uma ama assim que nasceria? Para ser alimentado e escondido num berçário enquanto ela seguia com sua vida?

— O que acha que quero, Anna?

Annie engoliu em seco ao sentir a ameaça no tom de voz de Luc. Como cada parte dela gritava de medo ao perigo que sentia no corpo imóvel de Luc e na frieza dos olhos impiedosos. Mas era tarde demais para até mesmo tentar evitar o confronto. Precisava lidar com o aqui e o agora.

— Farei o que você quiser, Luc, concordarei com o que quiser, se com isto puder evitar arrastar Oliver para uma batalha pública pela custódia.

— O que você tem que eu poderia querer?

— Pare de fazer joguinhos, Luc, e apenas diga o seu preço!

— Então você acredita que todos têm um preço?

O pai dela certamente acreditava... Pelo menos, no que dizia respeito aos

negócios. Garantira a Annie em diversas oportunidades que era apenas uma questão de descobrir qual era o preço. Mas isto não era um acordo de negócios, ela e Luc estava falando sobre o futuro do filho deles, não de um objeto inanimado.

E Luca de Salvatore era rico o bastante, poderoso o bastante para contratar os melhores advogados do mundo e construir um caso praticamente invencível de custódia, se decidisse tomar aquele caminho, um caminho que ela queria evitar a todo custo.

— Descobri que geralmente é assim — respondeu, cautelosa.

— E está disposta a me dar o que eu quiser, Anna, qualquer coisa?

Annie sentiu os pelos da nuca arrepiarem de medo ao perigo que sentia na própria suavidade da voz de Luc. Mas que escolha tinha?

— Qualquer coisa — repetiu, rouca. Luc olhou para ela sem piscar.

— Você ama Oliver tanto assim?

— Bem, é claro que o amo tanto assim! Que espécie de mãe acha que sou?

— Não tenho ideia de que tipo de mãe você é. No momento, parece uma mãe ausente.

— Oliver está em casa, com minha mãe...

— Que é a segunda esposa de Oscar Balfour e que tem vivido, de forma muito conveniente, perto dele no chalé da Mansão Balfour desde a morte do segundo marido dela? — O insulto era evidente.

— *Eu* também vivo no chalé da Mansão Balfour! Assim como Oliver.

— E o motivo para isto é que Oscar Balfour prefere manter seu único neto, um neto nascido de uma mãe solteira, escondido do olhar do público? — A voz de Luc era gelada ao pensamento de seu filho ser tratado desta maneira.

O assistente de Luc encontrara muito pouca informação sobre Oliver Balfour. Apenas o nome da mãe, a data do seu nascimento e aquelas poucas fotos que a imprensa ocasionalmente conseguia tirar dele quando participava de alguma reunião familiar. Não havia mais nada e certamente nenhuma menção sobre o pai dele, que se destacava pela ausência! E o que descobrira sobre Anna Balfour era ainda menos informativo.

— É claro que meu pai não escondeu Oliver — rosnou Annie. — Como você disse, Oliver é o único neto do meu pai e ele o adora!

Luc assentiu, rígido.

— Adora-o tanto, parece, que Oliver muito raramente sai da Mansão Balfour.

— Fui a responsável por esta decisão.

— Por quê?

— Porque... bem, porque...

— Sim?

Como Annie poderia explicar a este homem duro, intratável, o que era ser uma Balfour? Como, praticamente desde que nascera, cada palavra e cada movimento foram avidamente seguidos pelos paparazzi, para se tornar manchete de primeira página num tabloide ou outro? Como decidira, desde o começo, que não queria nada daquilo para Oliver?

Sentou-se pesadamente.

— Ele é um garotinho, Luc, um garotinho que merece ser uma criança e não viver o pesadelo da publicidade que sempre perseguiu minha vida.

— Há maneiras de evitar tal publicidade...

— Então gostaria que me dissesse quais são estas maneiras.

— Talvez, se tivesse irmãs menos notórias, ajudasse.

Annie ficou ruborizada.

— Não sou responsável pelo comportamento de minhas irmãs!

— Não, você é responsável apenas por suas próprias ações — concordou. — Então me diga, Anna Balfour, o que acha que me compensaria por nem saber da existência do meu filho durante seus primeiros três anos e oito meses de sua vida?

Quando ele colocava a coisa desse jeito...

Não havia como Annie compensar Luc por perder aquele tempo da vida de Oliver. Nada do que Annie dissesse ou fizesse traria aquele tempo de volta.

— Não sabia quem você era; assim, como poderia lhe dizer que estava grávida ou que Oliver nascera?

Luc não podia negar a verdade desse argumento; sabia que, quando haviam se encontrado antes, estavam vivendo apenas o momento. Luc porque queria desesperadamente não pensar na confusão que deixara em Roma. Anna Balfour porque... não tinha ideia do que estava fugindo quatro anos e meio atrás... Embora, talvez, aquela observação sobre "o pesadelo da publicidade que sempre perseguiu minha vida" fosse uma forma de explicar.

Mas nada alterava o fato de que Oliver tinha quase 4 anos de idade e nem mesmo conhecia seu pai.

— Você pelo menos *tentou* descobrir quem eu era? Quando soube que estava grávida, voltou ao resort para fazer as perguntas necessárias para saber a identidade de seu amante?

Ela desviou o olhar.

— Não.

— Por que não? Não vai me dizer que, com todos os recursos dos Balfour, não poderia ter feito isto — pressionou Luc.

Annie se levantou, inquieta, os olhos furiosos quando olhou para ele.

— De que adiantaria? Tivemos um encontro de uma noite, Luc. Não acredito que homem algum ficaria interessado em saber que uma criança fora o resultado de um relacionamento tão curto.

A expressão dele se tomou mais severa.

— Está olhando para ele, como eu estou olhando para Anna Balfour — acrescentou, frio. — E não gosto muito do que vejo.

— Pare de me chamar de Anna Balfour neste tom insultuoso!

— Acabei de saber seu nome.

— E ambos sabemos que não é por isto que continua a dizê-lo com tanto desgosto.

— Sabemos?

— Sim! — Annie olhou para ele, completamente frustrada. — Lamento muito, está

bem?

— Lamenta que tenhamos nos encontrado por acaso e eu tenha descoberto a verdade?

— Sim. Não! Talvez você tenha razão e eu devesse ter tentado descobrir quem você era. Eu apenas... Lamento que você não tenha sabido da existência de Oliver até hoje. Apenas lamento.

Luc observou as sombras naqueles olhos de um azul profundo, as lágrimas que brilhavam nos cílios escuros. O rosto estava mortalmente pálido e havia um ligeiro tremor naqueles lábios cheios e sensuais. Sim, ela realmente lamentava não ter lhe contado que ele tinha um filho. Mas lamentaria muito mais...

— Muito bem — Luc se levantou — você tem uma reserva num voo de volta a Londres na segunda pela manhã...

— Como sabe disto?

— Porque, antes de vir aqui, tomei a providência de me informar.

— Por quê?

— O motivo não é importante. Você vai cancelar sua passagem naquele voo...

— Não, eu...

— Vai descobrir que nos entenderemos muito melhor se você parar de discutir comigo sobre cada pequeno detalhe.

— Minha volta para a Inglaterra na segunda-feira não é um "pequeno detalhe" — insistiu Annie, teimosa.

Precisava voltar para casa, precisava ver Oliver, tomar seu pequeno corpo nos braços e abraçá-lo!

— Não me lembro de dizer que você não voltaria para a Inglaterra. Eu disse isto? Annie franziu a testa, confusa.

— Bem... Não. Mas...

— Nós *dois* voaremos para a Inglaterra amanhã, Anna — informou Luc com arrogância.

— Amanhã?

Ele assentiu ligeiramente.

— Vou providenciar para que o jato De Salvatore nos leve para lá amanhã de manhã. Depois, ambos iremos à Mansão Balfour Manor e você me apresentará a meu filho. — A voz era dura e zangada.

A boca de Annie se abriu, mas nenhuma palavra saiu. Luc não podia estar falando sério sobre ir à Mansão Balfour com ela! Não podia esperar que o levasse lá e...

— Apresentar você a ele como o quê? — perguntou cautelosa. Ele era cada centímetro o arrogante Luca de Salvatore quando olhou para ela sobre o nariz aristocrático.

— Como o pai dele, é claro.

— Não posso fazer isto, Luc — protestou. — Não entende como isto vai confundir-lo? — tentou racionar, enquanto ele permanecia indiferente. — No momento, Oliver não tem um conceito real do que significa ter um pai...

— E de quem é a culpa?

— Minha — admitiu Annie com um suspiro cansado. — Mas se você voltar comigo para a Inglaterra amanhã e eu apresentá-lo a Oliver como o pai dele, então ele vai ficar ainda mais confuso quando você tiver que voltar para casa e deixá-lo.

O olhar de Luc era puro gelo.

— Não me lembro de dizer que pretendia deixá-lo!

— Mas é claro que deixará! Você vive em Roma e Oliver vive comigo na Inglaterra...

— Humm.

— Humm o quê?

— Humm, tomei uma decisão sobre o meu "preço" para permitir que você mantenha Oliver com você.

Um olhar à dureza daqueles olhos negros e à expressão cruel daqueles lábios e Annie soube que não gostaria nem um pouco do "preço" de Luc.

— E qual é?

— A solução é óbvia quando enfrenta a situação com lógica.

— Com lógica? — repetiu lentamente.

Luc inclinou a cabeça com arrogância.

— A única maneira de Oliver ficar com você e conhecer seu pai é se nós nos casarmos.

— Se...? Se nós dois...? — Annie se sentou de novo antes de cair!

Certamente Luca de Salvatore, um homem conhecido por seu controle frio, enlouquecera. E ficara *gravemente* louco se achasse, por um momento, que Annie algum dia concordaria em se casar com ele!

Capítulo Cinco

— Não!

Luc ergueu as sobrancelhas negras.

— Não?

— Não — repetiu Annie com firmeza.

— Não, a resposta não é lógica? Ou não, você não se casará comigo?

— Os dois! — respondeu Annie com veemência.

Luc observou-a com total indiferença. Anna Balfour era, sem dúvida, uma mulher muito linda e confiante em si mesma. Também tinha aquela espécie de elegância esguia que garantia que ela ficaria bem em qualquer situação. Consequia até parecer atraente e sexy no jeans desbotado que se apertava em seus quadris arredondados e uma camiseta que mal lhe cobria o estômago magro.

Sim, era muito bonita. Também tinha o tipo de autoconfiança que garantia que se

sentiria à vontade em qualquer ambiente. O arquivo que o assistente de Luc havia reunido rapidamente também mostrava que, apesar de estar grávida de seis meses na ocasião, terminara a faculdade e conquistara um diploma em Inglês, mostrando sua determinação e inteligência.

Apesar de todos estes atributos positivos... E a atração física que sentia por ela... Anna Balfour não era a mulher que Luc escolheria para sua esposa. E, pelo que parecia, Luc não era o homem que ela escolheria para seu marido!

Tornou-se ainda mais decidido:

— Alguns minutos atrás você prometeu me dar qualquer coisa, Anna — lembrou.

— Se você permitisse que eu continuasse a criar Oliver na Inglaterra — também lembrou-o ela.

— Nós dois sabemos que isto não vai acontecer.

— Eu... — Annie se interrompeu, impaciente, sem mais dúvidas; Luc realmente enlouquecera. — Casamento é drástico demais, não acha?

— Você tem outra solução menos drástica para este problema? Ele estava tão frio e era aquela frieza que mais abalava Annie.

Se a raiva de Luc fosse quente e acusadora, poderia tentar conversar com ele. Mas a própria calma inabalável, a imobilidade de predador mostravam que ele estava falando muito sério sobre aquela proposta insana.

— Tenho apenas 24 anos de idade, Luc, e não tenho a intenção de me casar por conveniência.

— Eu também não acho que nosso casamento será conveniente — admitiu.

— Então...

— Está disposta a me entregar nosso filho?

— Não, é claro que não!

Luc deu de ombros.

— Então o assunto está resolvido. Quando chegarmos à Inglaterra, tomarei as providências necessárias para nosso casamento...

— O assunto certamente não está *resolvido* — interrompeu Annie enquanto se levantava de novo. — Não vou me casar com você, Luc, e não acredito que queira manchar o nome De Salvatore se casando com uma das notórias irmãs Balfour!

— Não seria minha primeira escolha — admitiu Luc.

— Ou sua última!

— É minha última. E não tenho dúvidas de que este casamento terá algumas compensações.

Annie ruborizou ao tom deliberadamente provocante.

— Não vou me casar com qualquer homem, muito menos partilhar sua cama, se não estiver apaixonada por ele — garantiu.

O olhar de Luc estreitou ao ouvir a veemente determinação da voz dela. Cada centímetro dela ficou tenso, como se estivesse se preparando para uma luta. Desde as luzes ardentes dos cabelos densos e castanhos e a tensão no corpo até os dedos dos pés nus, dobrados no tapete como se estivesse preparada para entrar em ação, se fosse necessário.

Era realmente uma linda mulher. Uma linda mulher que tinha um fogo interno que já conseguira abalar a frieza de Luc mais de uma vez.

Mesmo agora, Luc sentia a reação na virilha, a rigidez, quando se lembrou do ocorrido no elevador, a maneira como parecera preparada para lutar contra ele. Antes que a paixão substituísse a raiva...

— Você não pareceu achar tão desagradável a ideia de partilhar minha cama esta tarde — lembrou, enquanto o olhar se movia deliberadamente sobre a firmeza dos seios dela. Seios que eram cheios e firmes, obviamente sem a proteção de um sutiã sob aquela camiseta apertada, os mamilos se tornando rijos com a excitação mesmo enquanto Luc os observava.

Annie resistiu ao impulso de cruzar os braços sobre os mamilos traidores. O que havia naquele homem que a fazia reagir desta maneira? O que quer que fosse, Annie não podia permitir que afetasse sua decisão de não ceder às exigências de Luc.

— Um casamento que não tem o amor como base fracassará. Um de nós, ou nós dois, um dia encontrará alguém que possa amar e então teremos que passar pelo processo desagradável de um divórcio.

— Você fala como se tivesse experiência... Teria?

Sim, é claro que tinha!

O pai e a mãe de Annie só haviam se casado porque Oscar ficara viúvo com três filhas muito pequenas. Tilly, então babá das meninas, tinha sido a escolha óbvia para se tornar a segunda esposa de Oscar. E, como Tilly gostava de Oscar e o respeitava, e já amava as três meninas, aceitara o pedido de casamento. Mas quatro anos e três filhas depois, conhecera Victor e se apaixonara por ele totalmente.

Apesar de o divórcio entre Tilly e Oscar ter sido amigável, que tivessem continuado grandes amigos, a experiência não fora menos traumática para Annie. No entanto, só agora admitia o fato.

— O rompimento do casamento de seus pais a traumatizou? Luc adivinhara com aquela perspicácia que podia ser tão enervante. Tudo sobre aquele homem a deixava nervosa, admitiu Annie. Desde a impiedade gelada até a maneira como se sentia só de olhar para ele. Mas o fato de que ainda se sentia fisicamente atraída por Luc não era a base certa para um casamento.

— Estar no centro de um processo de divórcio, mesmo um divórcio amigável, jamais é bom para crianças.

— Então é muito bom que minha família não acredite em divórcios.

— E eu não acredito em casamentos de conveniência. Assim, acho que estamos empatados, Luc!

Depois do escândalo que ocorrera no centésimo Baile de Caridade Balfour, o pai reunira todas as filhas e lhes falara com severidade sobre a necessidade de restaurar o orgulho e a dignidade do nome Balfour. Num esforço para despertar mais determinação nas filhas rebeldes, recuperara um antigo manuscrito da família, onde estava escrito o código de honra que governava a vida dos antigos Balfour. O código podia ser antiquado, mas um dos itens permanecera claro na mente de Annie desde então: *Um Balfour não deve temer nada. Enfrenta seus medos com coragem e eles o*

levarão a um maior autoconhecimento.

Encontrar de novo o pai de Oliver sempre fora o maior temor de Annie!

Uma ocorrência que já a levava a descobrir em si mesma alguma coisa surpreendente... Nunca tinha percebido o quanto fora afetada pela dor de crescer com pais divorciados... Mas sabia disto agora e este conhecimento a tornou mais determinada do que nunca a impedir que a infância de Oliver fosse contaminada pela mesma situação.

— Talvez — respondeu Luc suavemente.

Apesar da própria decisão, Annie não gostou do brilho de determinação que viu nos olhos negros de Luc. Gostou ainda menos quando aquele olhar brilhante, que se moveu lentamente pelas curvas do seu corpo, despertasse de novo a reação de seus seios e o calor entre suas coxas.

Um calor que se espalhou por todo o corpo de Annie, tornando sua pele extremamente sensível e fazendo com que seus jeans e camiseta parecessem desconfortavelmente apertados...

Deixou escapar um suspiro de desgosto consigo mesma pela reação tão intensa apenas com o olhar de Luc sobre seu corpo.

— Preciso tomar um pouco de ar — anunciou.

Não esperou pela resposta de Luc. Virou-se, atravessou a sala, abriu a porta para a varanda e saiu para respirar o ar fresco e limpo, que lhe acalmou o corpo.

Luc ficou parado por alguns segundos depois de ela sair. Não tinha dúvidas de que falara sério sobre não se casar com ele, mas sua decisão de que aquele casamento se *realizaria* também não mudara e não mudaria. Oliver Balfour era filho dele, e Anna Balfour era a mãe daquele filho. Não havia, na mente de Luc, dúvida nenhuma de que ela se tornaria sua esposa.

Luc saiu para a varanda e se aproximou dela, em pé contra a balaustrada, olhando para a beleza noturna do lago Garda. Ou parecendo olhar; a rigidez defensiva de seus ombros lhe disse que estava plenamente ciente dele, parado diretamente atrás dela.

Por que o temia? Ou a tensão era devida a outro motivo completamente diferente?

Luc deu um passo à frente, o corpo a centímetros do dela enquanto as mãos se estenderam de cada lado para descansarem levemente na balaustrada, mantendo-a presa no círculo de seus braços.

— Seus cabelos cheiram a flores e luz do sol — murmurou, enquanto inalava profundamente o perfume dela, ao qual se misturava um leve cheiro almiscarado de sensualidade.

A garganta dela se moveu convulsivamente antes que respondesse.

— Acho que o cheiro que sente é das flores das jardineiras do lado de fora da varanda.

Luc riu suavemente.

— Me permita um pouco de licença poética.

Cada parte do corpo de Annie formigava, consciente de cada parte do corpo de Luc. Do seu hálito quente contra o pescoço nu. O poderoso calor do corpo dele, quando

se aproximou ainda mais. Da rigidez de sua excitação quando se pressionou intimamente contra suas nádegas...

— O que está fazendo, Luc? — Arqueou o pescoço quando sentiu a língua roçar-lhe a pele.

— Demonstrando uma daquelas compensações — murmurou, enquanto lhe mordiscava o lóbulo da orelha.

Annie tivera diversos encontros nos últimos três anos. Até mesmo gostara o bastante de alguns daqueles homens para repetir o encontro uma segunda e terceira vezes. Mas nenhum deles jamais a fizera querer arrancar as roupas e se oferecer a ele como Luc fazia, tanto no elevador como agora de novo.

— Não vou me casar com você, Luc — conseguiu dizer, sem fôlego.

— Não? — As mãos dele subiram e lhe empalmaram os seios, a ponta suave dos polegares acariciando de leve os mamilos enrijecidos.

— Não. — Annie arquejou quando o calor desceu dos seios para o meio das coxas.

— Não se lembra de como era entre nós, Annie? — Roçou a ereção contra suas nádegas. — Como não conseguíamos ter o bastante um do outro aquela noite?

Sim, é claro que Annie se lembrava! Tinham sido aquelas lembranças da noite que passara com Luc, mais do que qualquer outra coisa, que a haviam impedido de ter um relacionamento com quem quer que seja!

A ousadia de passar uma única noite com Luc fora um comportamento totalmente contrário à sua natureza. Até então, sempre fora a mais prática e comportada das irmãs e preferia passar seu tempo na Mansão Balfour com Tilly, em vez de pular de festa em festa como duas de suas irmãs mais velhas faziam.

E suas emoções, quando descobrira que estava grávida, haviam sido contraditórias. Parte dela ficara aterrorizada ao pensamento de ter um bebê; a outra parte se sentira deslumbrada com o milagre de um bebê crescendo dentro dela. O bebê de Luc, *não* de Luca de Salvatore. Afinal, nem mesmo conhecia Luca de Salvatore.

Mas parecia reagir a ele tão prontamente como reagira a Luc tantos anos atrás.

A boca de Annie enrijeceu.

— Antes de você realizar o ato de desaparecimento no dia seguinte, é o que quer dizer?

— Houve um bom motivo para isto...

— Tenho certeza que sim! — desdenhou, enquanto se lembrava da humilhação de ficar sentada num restaurante na noite seguinte, esperando por um Luc que jamais chegara.

Conseguiu se desvencilhar dos braços dele e se afastar.

— *Eu* me lembrei daquela noite, Luc... Foi você que se esqueceu.

Luc fechou os punhos nas laterais do corpo, frustrado.

Não, para sua vergonha, não se lembrara de ter passado a noite com esta mulher linda. Mas *havia* realmente uma explicação; talvez não fosse aceitável para a mulher que tivera seu filho sozinha, mas, mesmo assim, era uma explicação e a força que impulsionara todos os seus pensamentos e ações dos últimos anos...

Com sua arrogância, levava o império De Salvatore a cair de joelhos. E então, em vez de ficar em Roma para ajudar o pai a tentar consertar o erro que cometera, fugira para as trilhas de esquí. Fechara a mente às loucuras que praticara e se entregara a um frenesi de prazeres que culminara na noite que passara com Anna Balfour.

O que não soubera, não compreendera até a manhã seguinte, era que, enquanto estivera ocupado se divertindo, seu pai sofrera um ataque cardíaco em consequência de sua irresponsabilidade e estava num hospital lutando pela vida. E soubera da doença do pai por uma notícia de jornal!

Luc tinha combinado de se encontrar com Annie naquela noite, mas esquecera-a e voltara imediatamente para o lado do pai em Roma. Como poderia saber... como poderia ter adivinhado... Que, ao fazer isto, abandonara Annie ao destino de dar à luz sozinha ao filho deles?

— Não sou mais o jovem autocentrado que era há quatro anos.

Annie reconheceu a verdade com um assentimento.

— Felizmente, também não sou mais tão ingênua e confiante como antes.

-Alguma das irmãs Balfour já foi "ingênua e confiante"?

Annie respirou fundo.

- Acho que não conseguiremos nada trocando insultos.

- Não — concordou Luc — mesmo assim, *vamos* nos casar, Anna. — O tom era inflexível.

— Faz muito tempo que ninguém lhe disse não, não é mesmo, Luc?

Ele sorriu, frio.

— Não me lembro de ninguém jamais ter feito isto.

— Eu acabei de fazer.

— Sim — assentiu ele, os olhos brilhantes nos dela — mas você recusa sabendo que lutarei pelo meu filho, se necessário.

Annie sabia que Luc não se afastaria de Oliver simplesmente porque ela se recusava a se casar com ele. Duvidava que aquele homem diante dela já tivesse fugido de uma luta e certamente não deixaria de lutar pelo filho.

— A imprensa nos comerá vivos se lutarmos por Oliver na justiça.

Luc deu de ombros.

— A escolha é sua.

Annie observou-o minuciosamente e soube, pelo desafio implacável de sua expressão, que Luc não recuaria. Mas a alternativa para o horror de uma luta na justiça seria o casamento com Luca de Salvatore, um homem que não a amava, como ela não o amava. Não podia fazer aquilo!

Luc percebeu com facilidade a decisão irrevogável de Annie, uma decisão que, sem dúvida, resultaria numa luta entre eles na justiça pela custódia do filho. Uma luta em que seriam empregados todos os meios à disposição, justos ou injustos. Uma luta muito pública e sangrenta que terminaria com o ódio absoluto entre eles, já que não teriam escolha a não ser tentar destruir a reputação e o caráter um do outro.

— Você seria muito tola em até mesmo pensar em lutar comigo assim, Anna — advertiu suavemente.

Ela ergueu o queixo.

— Com o exemplo do casamento rompido dos meus pais, seria muito mais tola se considerasse me casar com um homem que não amo e que não me ama!

— Só porque seu pai não conseguiu manter sua mãe feliz na cama, isto não significa que eu falharia da mesma maneira com você.

A arrogância do homem era demais!

— Meu pai manteve minha mãe contente o bastante para ela produzir três filhas em três anos!

Luc não viu sentido em continuar o assunto.

— Não gostaria de mais filhos, Anna? Ou acha que um é suficiente?

— É claro que gostaria de mais filhos, mas não com um homem que não amo!

Luc rosnou, desdenhoso.

— Considerando sua infância, fico surpreso de saber que você ainda acredita nesta emoção enganadora chamada amor.

— Meus pais não se amaram desta forma romântica, mas isto não significa que eles não tenham encontrado o amor, o amor verdadeiro, com outras pessoas.

— E você teme que, se nos casarmos pelo bem de Oliver, a mesma coisa pode acontecer a nós no futuro?

Annie temia isso? Ou seu grande medo era que, se concordasse em se casar com Luc, se apaixonaria por ele? Enquanto ele continuaria a sentir apenas desprezo por *Anna Balfour*, como continuava a chamá-la.

Voltava ao desafio do código Balfour: *Um Balfour não deve temer nada. Enfrenta seus medos com coragem e eles o levarão a um maior autoconhecimento.*

E se descobrisse que seu maior medo, a mais importante descoberta sobre si mesma, era que o motivo por que nunca se apaixonara por nenhum dos homens com quem saíra nos últimos três anos era porque jamais conseguira superar aquela noite que passara com Luc?

Capítulo Seis

Annie reprimiu um tremor ao pensamento de suas emoções ficarem completamente à mercê da lendária frieza de Luca de Salvatore.

— No seu caso? Duvido muito!

— Acha que sou incapaz de sentir amor por uma pessoa?

— Acho que Luca de Salvatore é capaz de reprimir qualquer emoção que o faça se sentir vulnerável.

Como ela já o conhecia bem, pensou Luc. Para ele, o amor pela família, especialmente pelos próprios filhos, era admissível. Mas amor por uma mulher o

deixaria totalmente vulnerável. Seria o máximo da idiotice para qualquer homem se apaixonar por uma das caprichosas e levianas irmãs Balfour! Mas sentir desejo por uma delas era um assunto completamente...

— E quanto ao homem que conheceu há quatro anos e meio? Acredita que ele também era incapaz de sentir emoções?

Annie observou-o por alguns segundos e avaliou o brilho duro do olhar, a boca rija, a inflexibilidade do queixo.

— Eles são o mesmo homem — declarou, indiferente.

— Você não parecia pensar assim na época.

Annie deu de ombros.

— Eu era jovem e impressionável.

— E apenas quatro anos depois conseguiu eliminar aquelas ilusões infantis? — provocou.

— Ter um bebê quando se é solteira e sozinha faz isto com uma mulher.

— Você preferiu...

— Eu não *preferi* nada, Luc! — exclamou Annie. — Como poderia ter feito outra coisa quando não sabia quem você era? E, se acha que, só porque sou uma das infames irmãs Balfour, foi fácil contar aos meus pais que estava grávida, sugiro que pense melhor! — Luc continuava a olhar para ela com aquela intensidade gelada. — Foi... — Interrompeu-se e balançou a cabeça de leve, lembrando-se daquela noite horrível quando tivera que procurar o pai e a mãe na Mansão Balfour e lhes dissera que estava grávida de três meses.

Oscar ficara furioso, exigindo saber o nome do pai... Com a intenção evidente de espancar o homem até quase matá-lo por ousar engravidar uma de suas filhas. Ficara ainda mais enfurecido quando Annie, chorosa, se recusou... Porque não podia... A dizer o nome do pai.

Como de costume, tinha sido Tilly que acalmara a situação, primeiro confortando Annie e então acalmando Oscar. Mostrou-lhe a futilidade de querer saber o nome do pai do bebê de Annie quando era evidente que Annie não queria mais nada com ele.

Não era bem verdade, é claro; Annie não tivera escolha quando Luc desaparecera tão de repente aquele dia. Mas, pelo menos, sua saída abrupta do resort e de sua vida mostrara a Annie claramente que, para Luc, aquela única noite tinha sido suficiente. O orgulho, mais do que qualquer outra coisa, levava Annie a não tentar encontrar Luc quando descobrira que estava grávida.

Sempre fora a sensata, a prática, e ser a filha que terminara sozinha e grávida fora uma mortificação!

— Algumas das minhas irmãs podem se comportar de forma escandalosa algumas vezes, mas... — Balançou a cabeça. — Meus pais nunca disseram nada, nunca me recriminaram, mas sei que devo tê-los desapontado terrivelmente quando engravidei.

Luc podia ver a dor dessa admissão na escuridão dos olhos e na palidez do rosto. Luc a compreendia bem demais, ele também desapontara profundamente o pai.

— Você não pensou em... Interromper a gravidez?

— É claro que não! — O fogo voltara aos olhos de Annie. — E meus pais nem

mesmo sugeriram isto, se é esta sua próxima pergunta. A família Balfour pode estar nas manchetes dos jornais com certa regularidade, mas acho que ninguém pode nos acusar de fugir de nossas responsabilidades.

Não, Luc sabia que não podia acusá-la disto.

— Você... — Interrompeu-se quando uma batida soou na porta da suíte.

— Provavelmente é o meu jantar que pedi ao serviço de quarto — percebeu Annie.

— Está convidado a partilhar meu sanduíche, se ainda não comeu. — Saiu da varanda e voltou à sala de estar. Provavelmente engasgaria com a comida depois desta conversa com Luc!

O que se seguiu foi surreal, depois das acusações e ameaças de Luc. Quem poderia ter imaginado que os dois seriam capazes de se sentar, comer e conversar com educação? Mas foi exatamente o que fizeram enquanto esperaram que o garçom levasse um sanduíche para Luc. A conversa se tornou menos geral e mais pessoal depois que o garçom os deixou pela segunda vez.

— Já participou de uma dessas conferências sobre Administração? — perguntou Luc.

— Não, papai apenas decidiu que já era hora de eu fazer isto. — Não tinha a intenção de contar-lhe a ridícula decisão do pai de enviar todas as filhas pelo mundo para buscar seus destinos.

— Mesmo? Você não queria vir à Itália?

— Não particularmente.

— Talvez porque foi aqui que nos conhecemos? — adivinhou Luc.

Annie olhou dentro dos olhos dele.

— A Itália é um país grande, Luc.

— Pelo visto, não grande o bastante!

— Pelo visto, não. Mas, mesmo assim, precisa admitir que as chances de que nos encontrássemos de novo eram bem remotas.

— E, no entanto, aconteceu.

— Simples coincidência.

— Foi mesmo?

— O que está insinuando? Que eu voltei deliberadamente à Itália com a intenção de procurá-lo?

— Voltou?

— De jeito nenhum. — Ressentia-se de ele pensar aquilo sobre ela. — Trabalho para meu pai, Luc, e assim tenho que ir para onde ele me manda.

Ele a estudou.

— Mas você disse que não gosta de trabalhar para seu pai. Gostar ou não era irrelevante; tinha sido simplesmente a forma mais fácil e conveniente de Annie ter um salário quando Oliver já estava grande o bastante para ser deixado com a mãe dela por algumas horas todos os dias.

Annie olhou para Luc, defensiva.

— Não, não particularmente. Mas isto não significa que não sou boa no que faço.

— Não?

— Não. Dois anos atrás, ajudei minha mãe a criar seu pequeno negócio de comida caseira numa base financeiramente viável...

— Uma indústria caseira não pode se comparar a uma de proporções internacionais...

— Estou aqui há apenas 24 horas, Luc, mas posso lhe dizer que o hotel não tem recepcionistas suficientes. Ontem tive que esperar dez minutos para me registrar. A academia devia abrir antes de 7h30 da manhã. Há poucos restaurantes para a quantidade de hóspedes. Um bar na praia seria conveniente para o conforto e a diversão dos hóspedes. E isto apenas com uma observação casual. Tenho certeza que encontraria mais sugestões para melhorar a administração do hotel se o estudasse melhor e por mais tempo.

Luc olhou para ela com admiração relutante.

— Você herdou a capacidade empresarial do seu pai, pelo que vejo.

— Sim, parece que sim. — Havia um ar presunçoso no rosto de Annie.

— Talvez eu mesmo deva contratá-la.

— Você não teria como me pagar!

A admiração de Luc se transformou em diversão. Certamente ninguém poderia acusar Anna Balfour de falta de confiança em si mesma!

Ele ficou sério.

— Na verdade, quero que pense nisto, Anna, se quiser continuar a trabalhar depois que nos casarmos.

— Oh, por favor, não de novo! — Empurrou o prato quase intocado e se levantou, aqueles olhos de um azul profundo brilhando, zangados, enquanto os baixava para Luc. — Não tenho a menor intenção de me casar com você, nem agora nem nunca. — Havia finalidade no tom de voz.

Luc jamais encontrara uma mulher tão determinada a vencê-lo como Anna Balfour. Ou uma que aparentemente não tivesse consciência de como era sensualmente atraente...

As luzes vermelhas nos cabelos castanhos pareciam mais intensas sob a luz do teto. Os olhos tinham um azul tão profundo como o do lago diante do qual estavam. Sua complexão era um creme perfeito, o arco dos lábios cheio e sensual. Era também impossível ignorar aquele corpo curvilíneo... E aqueles seios que se erguiam sem sutiã sob a camiseta, a cintura fina, o ventre liso e os contornos das nádegas arredondadas...

Luc se sentiu enrijecer apenas de olhar para ela! E o cheiro dela era delicioso... havia um perfume floral, mas, sob ele, um indício leve, mas perceptível, de calor, de excitação sexual que despertava uma parte de Luc há muito adormecida.

— Não tenha tanta pressa em rejeitar a ideia, Annie — murmurou, a voz presa na garganta enquanto se levantava lentamente.

Os olhos de Annie arregalaram quando Luc se agigantou sobre ela.

— Não vamos voltar às compensações, vamos? — Tentou injetar zombaria no tom, mas até mesmo ela percebeu que parecia nervosa e não zombeteira!

Ficou ainda mais nervosa quando Luc ergueu uma das mãos e gentilmente lhe

empalmou o rosto, os dedos parecendo queimar onde tocavam.

— Você é uma mulher muito linda, Annie.

Apenas a maneira como Luc dizia o nome dela, rouco, com um indício de persuasão sensual, foi suficiente para fazer os sinos de alarme tocarem em sua mente.

— Sou também uma Balfour — lembrou-lhe, áspera. Não queria que Luc percebesse como seu toque a afetava.

— Isto não será mais verdade quando se casar comigo. Então você se tornará Anna de Salvatore. — Estranho como isso parecia certo.

Ela balançou a cabeça.

— Ser uma Balfour é um estado de espírito, não apenas um nome.

— Nem todas as suas irmãs são consideradas levianas e selvagens.

Annie riu.

— Tenho certeza que ficariam maravilhadas ouvindo isto!

— Foi apenas uma observação, não uma opinião pessoal. Annie olhou desafiadoramente para ele.

— Eu poderia ter me tornado uma destas irmãs Balfour selvagens se não precisasse pensar em Oliver.

— Acredite, não preciso que me lembre que meu comportamento mudou o curso de sua vida.

Talvez não, mas Annie certamente precisava! Na verdade, precisava de cada defesa para lutar contra o feitiço sensual no qual a proximidade de Luc envolvia suas emoções abaladas.

— Não faça isto! — exigiu, dolorosamente, quando Luc ergueu uma das mãos e passou o polegar de leve sobre seus lábios entreabertos.

— Por que não? A atração física que sente por mim a incomoda? — desafiou.

— Neste momento? — Pensou por um segundo. — Não. Annie gemeu quando a suavidade do polegar roçou de novo o sensível lábio inferior antes de penetrar a umidade quente da boca.

— Luc!

— Annie! — disse, rouco, enquanto a cabeça abaixava e os lábios substituíam o polegar acariciante.

Homem nenhum tinha o direito de ter uma boca tão malvadamente sensual. Ou mãos tão deliciosamente quentes quando empalmavam lhe as nádegas e a puxavam com força contra o corpo rijo. Um corpo rijo que se moldava tão perfeitamente à suavidade do dela que Annie sentia o calor pulsante de sua excitação...

Uma excitação que era ainda mais incendiaria para os sentidos já inflamados de Annie porque era Luca de Salvatore, e não Luc, que o sentia. Um homem famoso por sua frieza nos negócios e em seus relacionamentos pessoais.

Luc era tudo menos frio naquele momento, a boca quente e exigente sobre a de Annie, o movimento da língua separando-lhe os lábios ainda mais para penetrar na quente caverna que protegiam. Aprofundou o beijo quando as mãos de Annie se moveram, acariciadoras, sobre a rigidez do peito, antes que seus dedos subissem e lhe segurassem os ombros.

A boca de Luc devorava, conquistava, atraía a língua dela para um duelo com a dele, aquelas estocadas firmes convencendo Annie a acariciá-lo de volta. Luc rosnou, baixo, quando sentiu as primeiras respostas tímidas, e então capturou lhe a língua e puxou-a para sua boca, precisando tomá-la dentro dele, ser parte dela.

Subiu uma das mãos para a nuca, para apoiar-lhe a cabeça enquanto seus beijos se tornavam mais selvagens, mais exigentes e os dedos se misturaram à massa rica dos cabelos castanho-avermelhados e seus lábios e língua continuaram a prová-la. A outra mão se moveu para o ventre dela, acariciando-o de leve, então subiu para o estômago, as costelas e finalmente o lado inferior dos seios.

Annie separou a boca da de Luc para gemer baixinho quando ele repetiu aquela carícia e sentiu os seios incharem e enrijecerem sob seu toque, os mamilos dois picos gêmeos de prazer doloroso, de necessidade... O pescoço arqueou instintivamente quando a boca hábil de Luc desceu por ele, o movimento erguendo lhe os seios.

Annie gemeu e o calor cresceu entre suas coxas quando a mão de Luc empalmou-lhe um seio para capturar um mamilo entre o polegar e o indicador, apertando-o levemente, prazerosamente. Ela se moveu, inquieta, contra Luc, no esforço de diminuir aquela dor pulsante, roçando-se ritmicamente contra a rigidez de sua ereção que crescia e pulsava com a mesma necessidade.

Foi puxada para ainda mais perto do corpo dele quando Luc lhe tomou o joelho e lhe ergueu a perna sobre ele, para que a plenitude de sua ereção tocasse o lugar sensível entre as coxas dela.

Mas não era o bastante, jamais seria o bastante. Annie precisava, oh, Deus, ela precisava...

— Diga o que precisa! — A voz de Luc era áspera contra o pescoço dela. — Diga-me, Annie! — exigiu, enquanto ela continuava a se mover, inquieta, contra ele. Até Luc responder, Annie não soubera que falara em voz alta!

— Eu... — Interrompeu-se com um arquejo quando uma das mãos de Luc a tomou entre as pernas. Precisava de Luc dentro dela. Profundamente dentro dela, até que não soubesse onde terminava e ele começava...

— Diga-me, Annie! — insistiu Luc enquanto a olhava com voracidade, a palma da mão se movendo ritmicamente contra ela e sentia seu calor através do tecido do jeans. — Diga, Annie, me diga o que você precisa.

Ela umedeceu os lábios inchados dos beijos dele, aqueles olhos azuis ligeiramente vidrados erguidos para os dele.

— Eu quero... — Interrompeu-se e gemeu quando Luc pressionou com mais força, mais profundamente o ponto sensível entre as coxas e abaixava a cabeça para seu seio, tomando-o inteiramente na boca, a língua acariciando, os dentes mordiscando.

— Oh! — arquejou, fraca.

— Diga! — exigiu Luc, implacável.

— Você está me enlouquecendo, Luc! — exclamou, a dor da necessidade lhe percorrendo o corpo, os olhos febris.

Luc pressionou os dedos dentro dela.

— Diga que me quer, Annie, diga! — A voz era rouca.

— Eu... — choramingou ela, o anseio crescendo quando Luc parou de acariciá-la. — Não pare, Luc, pelo amor de Deus, não pare...

Os olhos dele a queimavam quando levou as mãos às nádegas dela e a ergueu completamente do chão. As mãos dela seguravam-lhe os ombros, as pernas curvadas em torno da cintura dele enquanto ele a carregava para o sofá.

Annie se viu olhando de cima para Luc, sentada no colo dele, as pernas abertas e os joelhos descansando nas almofadas do sofá nas laterais das coxas dele. A posição pressionava com mais força e intimidade sua ereção contra aquela pulsação dolorosa entre suas pernas.

O olhar sombrio de Luc prendeu o dela enquanto lhe subia a camiseta acima dos seios e se tornou ainda mais faminto quando observou aqueles montes cremosos e macios, encimados pelos mamilos rosados e inchados.

Annie sentiu o calor lhe percorrer o corpo com mais intensidade enquanto Luc continuava a lhe admirar os seios, a língua molhando os lábios, fazendo os seios formigarem ainda mais com a antecipação de sentir aqueles lábios contra sua carne nua. Observou, fascinada, Luc abaixar a cabeça, o calor do hálito a acariciando enquanto a língua roçava brevemente um mamilo dolorido. Annie arqueou o corpo em direção à carícia enquanto a boca de Luc continuava aquela lenta e preguiçosa tortura do seio antes de transferir a atenção para seu gêmeo.

— Não me atormente! — gemeu, as mãos se erguendo, os dedos mergulhando nos bastos cabelos negros de Luc enquanto o puxava com mais força contra ela, o gemido crescendo quando Luc a tomou profundamente no calor da boca e os dedos se moveram para o fecho do jeans antes de mergulharem sob a renda da calcinha.

Annie soluçou de prazer enquanto ondulava contra os dedos hábeis que encontraram e acariciaram o pequeno botão aninhado lá. As carícias se tornaram mais rápidas, mais fortes e Annie teve um clímax tão forte, tão glorioso que, quando finalmente os espasmos cessaram, pôde apenas cair fracamente sobre o ombro de Luc enquanto lutava para respirar.

A respiração de Luc era profunda e áspera enquanto a abraçava, satisfeito, no momento, com o conhecimento de que dera prazer a Annie. Não precisava conhecer aquele prazer quando ainda podia sentir como ela estremecia e arquejava tão deliciosamente em seus braços.

Annie, no entanto, certamente tinha outras ideias quando se sentou e lhe tirou a camisa. Sua concentração era total enquanto as mãos finas tocavam a carne dele, muito mais escura; seus dedos acariciaram a rigidez musculosa, as unhas curtas roçando os mamilos pequenos aninhados entre os leves pelos escuros que cobriam o peito de Luc.

Ele inspirou profundamente quando aqueles dedos se moveram ainda mais para baixo, desabotoando lhe o jeans, o olhar ousado de Annie agora segurando o dele enquanto se erguia para se ajoelhar na almofada ao lado dele. Lentamente ela abaixou o zíper do jeans e a boxer preta e abraçou-lhe a rigidez pulsante com os dedos.

Luc gemeu e deixou a cabeça cair no encosto do sofá, os olhos fechados enquanto sentia o prazer dos dedos de Annie em torno dele. Dedos que se moviam lentamente ao

longo de toda a sua extensão rija, da base à ponta, fazendo-o endurecer ainda mais.

Annie se sentiu ousada e poderosa ao sentir e ver a evidência física da intensidade da excitação de Luc. Seu olhar mais uma vez prendeu o dele quando seus dedos se dobraram com firmeza em torno do membro rijo antes de ela abaixar a cabeça e tomá-lo na boca.

Ela viu os olhos dele arregalarem enquanto o corpo todo ficava tenso diante da intimidade inesperada e as mãos dele lhe seguraram os ombros com força, com a intenção evidente de afastá-la.

Annie se recusou e se desvencilhou de suas mãos, enquanto o lambia por toda a extensão antes de, mais uma vez, tomá-lo profundamente na boca.

O gosto dele era doce e quente como mel, de prazer abrasador e sexo ainda mais quente, a pulsão urgente e crescente sob sua boca e dedos lhe mostrando como Luc estava perto de atingir o orgasmo. Tomou-o ainda mais profundamente enquanto as mãos de Luc mergulhavam em seus cabelos, não mais tentando afastá-la, mas segurando-a com firmeza como se fosse incapaz de se impedir de penetrar a doçura quente e úmida da boca de Annie.

Luc sentiu seu controle férreo desaparecendo, evaporando, consciente apenas de Annie, da carícia dos lábios dela, de sua língua e dedos que se moviam em sua carne rija e febril. Tornou-se duro como pedra, à beira do orgasmo... E como queria, como ansiava pelo alívio! Mas...

— Não! — Os dedos de Luc apertaram os cabelos de Annie e empurraram-na cuidadosamente antes de se levantar. Atravessou a sala, as costas para ela enquanto fechava o jeans, e então passava uma das mãos pelos cabelos, a respiração profunda e controlada.

Annie se sentou sobre os tornozelos e olhou para ele, atônita demais para compreender ou aceitar que Luc se recusava a continuar a fazer sexo com ela.

Excitar Luc a excitara também e todo o seu corpo doía de novo. Por toda parte. E, segundos antes, Luc sentira a mesma dor e a mesma necessidade. A rigidez das costas e dos ombros, que ainda mantinha voltados para ela, lhe disseram que ele não sentia mais nada.

Minutos antes Annie praticamente arrancara a camisa de Luc em sua acalorada necessidade de tocá-lo, de sentir o calor da pele nua sob suas mãos acariciadoras. Seu rosto queimou quando se lembrou de como desabotoara com pressa o jeans de Luc na sua necessidade de tocá-lo ainda mais intimamente.

Deus do céu, o que ela acabara de fazer...?

Capítulo Sete

Luc sentia um profundo desprezo por si mesmo enquanto se mantinha de costas para Annie. Tivera a intenção de beijá-la, de tocá-la para lhe mostrar que ainda eram fisicamente atraídos um pelo outro, mesmo se não houvesse mais nada entre eles.

Em vez disso, conseguira apenas provar que Anna Balfour era um perigo para o rígido controle que mantinha sobre suas emoções havia quatro anos. Se precisava de alimento, comia; se tinha sede, bebia; e, se precisava de alívio físico, levava uma mulher para a cama.

Friamente, calculadamente.

O prazer que sentira ao beijar e tocar Annie, ao receber seu beijo e seu toque, não tinha sido nada frio ou calculado. Ela o alcançara, fizera uma enorme brecha na armadura que mantinha em torno de suas emoções de uma forma que mulher nenhuma conseguira em anos. Na verdade, desde que fizera amor com ela há mais de quatro anos!

Respirou profundamente diversas vezes, controlando-se antes de se virar para ela, o queixo enrijecendo ao ver as provas do amor que haviam feito nos cabelos despenteados de Annie e em seus lábios inchados. Lábios que, apenas minutos antes, haviam envolvido...

— Você ainda descarta tão facilmente as "compensações"? — perguntou enquanto pegava a camisa e a vestia.

Annie se sentiu satisfeita por ter aproveitado aqueles poucos minutos em que Luc lhe dera as costas para arrumar as próprias roupas quando viu a dureza da expressão daqueles olhos negros e frios.

— O que posso dizer, Luc...? você ainda é um amante muito habilidoso. — Deu de ombros. — Sem dúvida teve muitas oportunidades de praticar sua técnica nos últimos anos.

O maxilar dele enrijeceu diante do insulto deliberado.

— Assim como você. — A voz era gelada.

Annie quase riu da acusação ridícula, quando nem mesmo pensara num homem daquela maneira desde Luc, mas não havia nada engraçado na situação. Estava atônita com sua reação a ele. O modo como o tocara, o acariciara havia sido totalmente instintivo. A única experiência de Annie fora aquela noite havia mais de quatro anos.

Luc franziu a testa.

— Há alguém em sua vida no momento?

Apenas o próprio Luc!

— Você tem? — evitou responder ao devolver a pergunta.

— Eu tive... Uma mulher de vez em quando — revelou — mas não recentemente.

— Certo, comparar amantes passados ou presentes não leva a nada. — Não quando Annie sentira uma fisgada de ciúme à admissão de Luc.

— Não haverá outros amantes para nenhum de nós quando você se tornar minha esposa...

— Está com dificuldades auditivas, Luc? Já lhe disse muitas vezes que *não vou ser sua esposa*.

— Tem outra solução para esta situação?

A solução era Luc desaparecer completamente de sua vida, mas ele infelizmente a rejeitara,

— Nenhuma que pareça aceitável para você, mas...

— Não pode haver "mas", Anna. Ou nos casamos ou começamos uma luta nos tribunais por Oliver. Uma luta que se tornará muito pública, considerando quem somos. Depois do último escândalo relativo à ilegitimidade de uma de suas irmãs, como acha que seu pai reagirá a uma luta pela custódia do neto dele? — desafiou.

Annie arquejou.

— Seu bastardo!

— Pelo contrário, minha legitimidade nunca foi questionada.

— Apenas a do seu filho!

Os olhos de Luc brilharam.

— Sim.

Annie se sentiu frustrada. Um mês atrás, não hesitaria em dizer a Luc que fizesse o que quisesse. Antes do escândalo no Baile de Caridade Balfour. Antes que a legitimidade de uma das filhas de Oscar fora posta em dúvida. A oportunidade não podia ser pior. Cerrou os punhos.

— Esta conversa não chega ao fim, Luc, está apenas se transformando em círculos cada vez menores.

— Isto terminará quando deixar de lutar contra o inevitável.

— Não há nada de *inevitável* na sua exigência de que me case com você!

— Não?

Seria mesmo inevitável que concordasse em se casar com ele? Luc parecia pensar que era. Mas e daí se ele pensasse assim? Maldição, ela podia ser uma das menos agressivas das irmãs Balfour, mas ainda era uma Balfour e, como tal, não pretendia deixar *ninguém* obrigá-la a fazer o que não queria.

— Nossa união promete ser bem tempestuosa — murmurou Luc quando viu a expressão de Annie, que mostrava claramente o que ela pensava. As dúvidas, seguidas rapidamente por uma determinação renovada que igualava a dele.

— Se conseguir me obrigar a me casar com você, Luc, prometo que minha única ambição será fazer de sua vida um inferno!

Luc sabia que teriam brigas depois de casados, mas também sabia que jamais se sentiria feliz com uma mulher que simplesmente aceitasse suas ordens e Annie Balfour já mostrara que não tinha a menor intenção de fazer isto.

Sorriu, malicioso.

— Estou ansioso para ver você tentar.

— Eu não ficaria, se fosse você — advertiu.

Luc deu de ombros.

— Então concordamos que nosso casamento...

— Não concordamos em *nada!* — interrompeu Annie, furiosa. — E, até concordarmos, não acho que seja uma boa ideia você conhecer Oliver...

— Concordo.

— ... E só iria atormentá-lo com esta... Esta hostilidade entre nós. Vai apenas confundi-lo...

— Disse que concordo, Annie.

— ... E isto não pode ser bom para nenhum de nós. *O que* foi que disse? — Annie olhou para ele, confusa.

— Disse que concordo, Annie — repetiu, paciente — também não tenho a intenção de confundir ou atormentar Oliver.

— Oh. — Annie se sentiu como um balão furado. — Então concordamos que voltarei para a Inglaterra na segunda-feira, tentarei explicar a situação a Oliver e então...

— Não, não foi isto que eu disse.

— Nada do que diz está fazendo sentido, Luc.

— Se me ouvir com atenção, verá que o que digo tem todo o sentido. Nenhum de nós voltará para a Inglaterra para ficar com Oliver até a situação entre nós estar resolvida.

Por mais que Luc ansiasse por conhecer Oliver, para ver seu filho pela primeira vez, percebia que fazer isto enquanto ele e Annie estivessem em campos opostos sobre o futuro deles não seria benéfico para ninguém, principalmente para Oliver.

O garotinho passara os primeiros anos de vida feliz ao lado da mãe e da avó, sem dúvida com muitas visitas do avô e das tias. Como tal, Luc sabia que sua inclusão na vida de Oliver precisava ser feita de forma aceitável para o garotinho. Mais importante, seria muito melhor para Oliver se sua mãe e seu pai pudessem pelo menos conversar sem discutir ou se insultar!

— Quer dizer, quando eu me resignar a me casar com você?

— Exatamente.

Ela rosnou, desdenhosa.

— Você é tenaz, tenho que admitir.

— Você também. — Havia um brilho de admiração nos olhos dele.

— Então, qual é o plano, Luc? Ficamos aqui e continuamos a discutir até que um de nós... quero dizer, eu... Aceite sua exigência?

— Ficar no hotel não seria prático quando meu assunto aqui estiver concluído e você fez arranjos para viajar na segunda.

— Então, o que sugere? — O olhar dela era cauteloso.

— Tinha planejado passar alguns dias no vinhedo De Salvatore, perto de Veneza, quando saísse daqui. Se me acompanhar...

— Quer que eu vá para Veneza com você? — Annie respirou fundo.

Veneza era considerada uma das cidades mais românticas do mundo, não era?

— Os vinhedos De Salvatore ficam nas colinas acima de Veneza — corrigiu Luc.

Veneza ou as colinas da cidade, o que importava se Annie ficaria a sós com Luca

de Salvatore! Quando aquela noite lhe mostrara como era perigoso para ela ficar sozinha com ele em *qualquer lugar*!

— Eu não...

— A alternativa é eu acompanhá-la à Inglaterra, como sugeri antes. — A voz era fria e implacável.

Um olhar à expressão de total determinação no rosto de Luc foi suficiente para mostrar a Annie que a ameaça era séria. Como se alguma vez duvidasse!

— E se, depois desses dias, não tivermos chegado a um acordo sobre o futuro de Oliver? — desafiou.

Aqueles olhos negros eram frios e implacáveis.

— Acredito que chegaremos.

Annie se sentiu mergulhada até o pescoço em areia movediça. Como se todo o mundo que construía tão penosamente por todos aqueles anos para si mesma e para Oliver estivesse em risco. *Estava em risco*, estivera desde o momento em que Luca de Salvatore descobrira que Oliver era filho dele!

— Muito bem, Luc, irei para o vinhedo com você amanhã. Mas desde que fique compreendido que... Que não haverá uma repetição do... Comportamento desta tarde.

— Ficou ruborizada à lembrança das intimidades que haviam partilhado.

Olhou para ela, pensativo.

— Acredita que será possível?

— Tem que ser, ou não irei para Veneza com você!

Luc estudou-a de novo e observou o desarranjo dos cabelos, os lábios inchados dos beijos que haviam partilhado e a pressão dos seios contra a camiseta, os mamilos ainda rijos. Esta mulher pegara fogo em seus braços duas vezes aquele dia. E tivera um orgasmo que lhe abalara o corpo todo com sua intensidade. Assim como ele quase tivera quando ela o tomara na boca...

Mesmo durante os anos selvagens de sua juventude, Luc jamais se sentira tão excitado, tão fora de controle como ficara quando Annie o tomara nas mãos e na boca. Tal perda de controle não tinha lugar na vida rigidamente disciplinada de Luca de Salvatore!

— Se esta é sua condição para me acompanhar a Veneza, então concordo.

— Um pouco depressa demais, talvez?

Ele deu de ombros.

— Estou admitindo que, no momento, a intimidade física entre nós apenas... Confundirá a questão.

Ela ruborizou.

— Preciso lembrá-lo que foi *você* que invadiu a *minha* suíte esta noite, Luc? Você ameaçou a mim e a meu filho...

— *Nosso* filho!

— ... Antes de começar a fazer amor comigo apenas para provar que *ainda* pode! — A voz era cheia de fúria.

— Eu não...

— Sim, você *fez*, maldito! — Não se lembrava de ter tido tanta raiva antes de

ninguém. — Bem, você provou seu ponto, Luc, e concordei em ir para Veneza com você amanhã. Agora, pode apenas *sair daqui*?

Luc sabia que, se ficasse, apenas continuariam a discutir ou fariam amor de novo. E nenhuma das opções era aceitável para ele no momento. Annie Balfour conseguira derrubar lhe a guarda esta noite; mais do que isto, suas carícias o levaram à beira da total perda de controle. Não podia, não devia permitir que aquilo acontecesse de novo.

Ele assentiu friamente.

— Tenho sua palavra de que não deixará o hotel e tentará voltar para a Inglaterra sem mim?

Os olhos dela foram de puro desdém.

— Os Balfour nunca fogem de uma luta!

— Então é sua intenção continuar a lutar comigo?

— Oh, sim — declarou Annie, confiante.

Luc balançou a cabeça. Como poderiam chegar a qualquer espécie de acordo sobre o futuro se continuassem a brigar e a se insultar?

— Você não sorri mais, Luc? — perguntou Annie, curiosa, olhando-o através dos óculos de sol.

Estava com as malas feitas e pronta para sair quando Luc foi buscá-la em sua suíte, pouco depois 10h, a severidade de sua expressão impedindo qualquer conversa. Continuou naquele silêncio frio enquanto o carro esporte conversível que dirigia devorava os quilômetros até Veneza, a beleza do cenário em torno deles completamente ignorada.

E quanto mais o silêncio se prolongava, mais Annie ficava consciente dele. De como a brisa o despenteava e lhe dava um ar juvenil tão incongruente com a expressão. Da largura dos ombros sob a camiseta e da barriga musculosa e firme. Da longa extensão de suas pernas musculosas esticadas ao lado das dela. Do sutil cheiro masculino... Uma loção pós-barba picante e suave e masculinidade crua... Que era puro Luc.

Maldição, Annie estava consciente de tudo sobre ele!

— Sorriu quando há motivo — respondeu Luc calmamente.

— Mesmo? — debochou. — Mas me lembro de você ser muito mais divertido há quatro anos.

Os olhos escuros esconderam a expressão dos olhos de Luc quando ele os virou rapidamente para ela.

— Você me deu a impressão ontem à noite de que não gostava da minha conversa.

— Não daquela conversa, é verdade. Mas um pouco de conversa educada seria agradável.

— *Conversa educada?*

Havia a implicação óbvia de que os dois eram incapazes de ser educados um com o outro. O que provavelmente estava certo, reconheceu Annie. Todo tipo de conversa que tinham agora parecia voltar para Oliver, e este era um assunto sobre o qual jamais concordariam!

Mas não falar de jeito nenhum também não poria um fim ao impasse em que estavam.

— Sim, Luc, conversa educada. Você faz um comentário sobre o calor que está fazendo e eu concordo. Você observa que a paisagem é linda e eu concordo...

— Não acredito que você seja capaz de *concordar* comigo duas vezes no curso de uma simples conversa — implicou Luc.

— Não, bem, você provavelmente tem razão. — Suspirou. — Certo, então vamos apenas concordar que o cenário é lindo.

— O cenário é lindo — repetiu Luc, zombeteiro.

— Sabe, vindo de você, isto é quase uma piada — comentou Annie, a voz leve. Discutir com Luc não a tornara menos consciente dele fisicamente, mas era melhor do que aquele silêncio desagradável.

Luc a olhou, cauteloso.

— Você parece menos... Hostil esta manhã.

O que ele considerava muito suspeito, depois da maneira como haviam se despedido na noite anterior. Parecia confiante e linda, com um vestido de verão creme até os joelhos, que exibia seus braços e pernas levemente bronzeados, as luzes vermelhas nos cabelos parecendo mais intensas à luz do sol e o rosto limpo e sem maquiagem.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Nunca ouviu falar sobre tentar fazer o melhor de uma situação ruim?

— E fazer o melhor desta situação ruim significa que será agradável comigo, para variar?

— Dizer-lhe que não é mais divertido é agradável?

— É melhor do que ser chamado de bastardo.

Ela ruborizou.

— Pelo que me lembro, estava se comportando como um.

— Você não me deu escolha. — A boca de Luc afinou.

— Oh, você tinha escolha, Luc, acho que você gosta de ser assim!

— Devo entender que nossa tentativa de conversar educadamente chegou ao fim?

— Sem a menor dúvida! — Annie virou a cabeça para olhar para a rua.

Ficara acordada durante horas, tentando encontrar uma solução para o problema, uma que fosse aceitável para os dois e não apenas para Luc. Soubera que não podia voltar para a Inglaterra sem ele; apenas a seguiria e faria o escândalo que Annie estava tentando evitar com todas as suas forças.

Os insultos e acusações que lançaram um ao outro durante suas discussões certamente não estavam ajudando. Isto deixava apenas a razão, lógica e calma.

Annie não queria se casar com Luca de Salvatore, assim como ele também não queria se casar com ela. Assim, devia haver outra solução mais aceitável para o problema, que só seria encontrada numa atmosfera de calma. E era isto que Annie tentara criar, além de deixar de estar tão consciente fisicamente dele.

— Desculpe.

— O quê? — Virou-se para Luc.

— Pedi desculpas, por ser a causa de mais uma discussão — explicou, enquanto ela ainda parecia perplexa.

— Foi isto que pensei que quis dizer...

Luc sorriu de leve à evidente surpresa dela por seu pedido de desculpas.

— Você apenas não acreditou.

— Bem, é um pouco incomum, tem que admitir.

Era incomum para Luc pedir desculpas. Por qualquer coisa. Tornando-o tão arrogante como Annie o acusava de ser? Sempre fora assim? Annie parecia não pensar que era, a julgar pelo comentário sobre ele ter sido mais divertido no passado.

Maldição, não fora apenas divertido quatro anos atrás, fora totalmente irresponsável! Mas o que era agora?

De acordo com Annie, não sorria, não era divertido e não tinha o menor senso de humor. Passara cada minuto acordado restaurando a glória anterior do império empresarial De Salvatore.

Luca de Salvatore não tinha tempo para sorrisos ou para diversão, quanto mais para ter senso de humor. E continuava a não ter tempo para tudo aquilo!

Assim como não tinha tempo nenhum para o desejo que sentira por esta mulher na noite anterior e que ameaçara cada barreira que erguera em torno de suas emoções.

— Talvez — disse, curto. — Mas, se fosse você, não pensaria nisso como um precedente.

— Oh, não se preocupe, não pensarei. — O sarcasmo no tom da voz dela era pesado. — Sei bem que um pedido de desculpas de Luca de Salvatore é uma coisa única.

— Você não tem uma opinião muito boa sobre mim, tem? Ela deu de ombros.

— Não o conheço.

— E certamente não gosta do pouco que conhece!

— Sugiro que me faça esta pergunta de novo dentro de uns dois dias.

Luc duvidava que alguma coisa que dissesse ou fizesse nos dois dias seguintes fosse capaz de mudar a opinião que Annie Balfour tinha dele.

Capítulo Oito

— Admirando a vista?

Era exatamente o que Annie fazia na varanda do quarto de hóspedes para onde fora levada por uma criada alguns minutos antes. E se sentia relutante em dar as costas para o cenário... Quilômetros e quilômetros de vinhedos perfumados que se estendiam até onde a vista podia alcançar, com os canais e a arquitetura graciosa de

Veneza brilhando a distância.

A Villa De Salvatore erguia-se numa colina, uma casa de dois pavimentos, cor de terracota, construída no estilo de fazenda e cercada por jardins em terraços cobertos por uma explosão de flores perfumadas e com uma enorme piscina brilhando tentadoramente na parte dos fundos.

Annie suspirou antes de se virar para olhar para Luc, em pé no umbral da porta entre o quarto e a varanda.

— É tudo seu?

— Até onde a vista alcança. Gostaria de sair para cavalgar depois do almoço?

— A cavalo, de bicicleta ou de motocicleta? — perguntou, tendo visto os funcionários do vinhedo usando os três meios de transporte nos últimos minutos.

— Qualquer um, ou todos eles. — Luc passou para a varanda e Annie viu que estava descalço e trocara a calça e camiseta preta que usara para a viagem por uma calça de linho creme e uma camiseta marrom que enfatizava a largura dos ombros e os músculos dos braços.

Colocara os óculos escuros sobre os cabelos ainda molhados do banho que evidentemente tomara antes de se trocar, permitindo a Annie uma visão completa daqueles olhos escuros e enigmáticos e da beleza áspera do rosto dele. Luc parecia bom o bastante para comer!

O rubor tomou o rosto de Annie quando se lembrou de como ficara perto de fazer exatamente isto na noite anterior.

— Não importa qual deles — respondeu, abrupta.

Não se afastou da balaustrada, sabendo que, se o fizesse, poderia se esquecer da necessidade de manter a distância física daquele homem. O que não conseguira muito bem no espaço apertado do carro. Quando chegaram à villa, Annie estava tão consciente de sua necessidade de tocar Luc que, assim que a criada a deixara no quarto, correria para o banheiro para jogar água fria no rosto, num esforço de aliviar aquela ansiedade febril.

Um anseio que voltou com força quando Luc entrou na varanda. De fato, Annie só conseguia controlar o impulso crescente de se aproximar dele, abraçá-lo e beijá-lo ao pensamento de que o futuro de Oliver dependia do que acontecesse entre eles nos próximos dias.

— Bicicletas ou motocicletas, então. Estará quente demais para os cavalos logo depois do almoço.

— Ótimo.

Ele franziu a testa diante da falta de entusiasmo.

— Você parece... Um pouco tensa.

Annie umedeceu os lábios secos.

— Pareço?

Não estava tensa... Apenas dolorosamente consciente dele, totalmente consciente dele fisicamente.

Luc observou-a com as pálpebras baixas.

— Não gostou deste quarto?

Annie estava acostumada ao luxo, tendo vivido ou passado temporadas nas diversas casas Balfour... Algumas em Londres, o apartamento em Nova York, um chalé em Klosters e até mesmo uma ilha particular no Caribe.

Mesmo assim, o quarto que lhe fora destinado na Villa De Salvatore era alguma coisa a mais... Piso de mármore cor de pêssego, mobília antiga branca e dourada, incluindo uma cama de dossel com cortinas de seda. E o banheiro que compunha a suíte também era magnífico, dominado por uma banheira imensa embutida no piso e cercada por plantas e estátuas.

— O que há para não gostar? — perguntou Annie sinceramente.

— Então talvez esteja apenas com fome e queira almoçar? — insistiu Luc, preocupado.

— Talvez. — Tinha fome *dele*. — Mas primeiro preciso telefonar para minha mãe e dizer onde estou.

— Devia ter pensado nisto antes. — Luc parecia aborrecido consigo mesmo. — Há um telefone no meu escritório, no térreo. Use-o quando estiver pronta.

— Tenho tempo para um banho e me trocar antes de almoçarmos?

— Mas é claro. — Luc sabia que não estava imaginando que a cautela de Annie voltara; parecia quase amedrontada com sua proximidade. — Quando nos separamos, pensei que teria tempo para já ter feito isto.

— Sou mulher, Luc — lembrou, aborrecida. — Pior, sou uma mulher Balfour! Há apenas três banheiros em Klosters — continuou quando Luc ergueu uma sobrancelha, interrogativo. — Um dos quais meu pai, como o único homem, tomou para si mesmo. Quando todas as irmãs estão juntas, devia ver as brigas sobre quem usa primeiro os outros dois!

Luc sorriu diante da imagem que se formou em sua mente.

— Eu não saberia... Sou filho único.

— Isto não é incomum numa família italiana? Ele assentiu.

— Minha mãe não pode ter mais filhos depois que nasci. E provavelmente isto contribuiu para eu ser um moleque mimado.

— Você foi um moleque mimado, Luc?

— Os semelhantes se reconhecem, não é mesmo? — implicou.

— Se isto é para dizer que sou mimada, você realmente não me conhece!

— Suas roupas, mesmo os terninhos que usou para frequentar a conferência, são de grife. Seus cabelos têm um corte caro e você passa férias num chalé da família em Klosters e numa ilha particular no Caribe. Viaja de primeira classe, hospeda-se em suítes exclusivas em hotéis cinco estrelas. Aparentemente, sabe cavalgar cavalos e andar de bicicleta e motocicleta, e, sem dúvida, outros meios de transporte. Não acredito que qualquer mulher de 24 anos tenha a oportunidade de fazer tudo isto. Assim, é claro que acredito que é mimada.

Annie ergueu o queixo, desafiadora.

— Meu pai acredita que, nos negócios, a aparência é tudo, daí as roupas, os cabelos, as viagens na primeira classe e os hotéis cinco estrelas. Ele também é dono do chalé em Klosters e da ilha do Caribe, não eu. Meu padrasto me ensinou a cavalgar

quando eu tinha 6 anos de idade. Minhas irmãs mais velhas me ensinaram a andar de bicicleta e de motocicleta quando tinha 10 anos, mais ou menos. Além de velejar e surfar e subir em rochedos e...

— Não é de admirar que os cabelos de seu pai tenham ficado brancos!

— ... Mas acredito que estas coisas me tornam uma pessoa que sabe fazer coisas e não uma garota mimada — continuou Annie, teimosa. — Também estudei muito e tive as notas mais altas. Fui para a universidade e tenho um diploma em Inglês...

— E se tornou mãe solteira três meses depois — terminou Luc para ela.

— Já tivemos esta conversa, Luc — lembrou a ele, irritada.

E Luc não pensara em proteção na noite que passaram juntos quatro anos e meio atrás. Porque a deixara tão abruptamente no dia seguinte. Porque não se dera ao trabalho de encontrá-la de novo depois que o pai ficara fora do perigo do ataque cardíaco e estava se recuperando. Porque se concentrara demais em salvar e então reconstruir o império empresarial De Salvatore para se lembrar de uma garota chamada Annie com quem fizera amor aquela noite, a noite inteira...

A expressão dele era dolorosa.

— Estou fazendo tudo o que posso para consertar aquele erro...

— Acha que Oliver foi um *erro*? — A voz de Annie estava perigosamente calma...

Na verdade, a calmaria antes da tempestade.

— Não disse isto.

— Oh, sim, você disse! — Os olhos dela brilhavam profundamente azuis e as mãos estavam fechadas em punho nas laterais do corpo.

— Não...

— Sim! — A fúria que sentia era um alívio temporário da tensão causada pela consciência intensa da proximidade de Luc.

O rosto dele se fechou.

— Você está ficando agitada...

— Nós, mães, temos a tendência a ficar assim quando alguém ataca ou critica nosso filho — lembrou.

Um nervo pulsou na mandíbula rígida de Luc enquanto olhava friamente para ela.

— Eu jamais atacaria ou criticaria meu filho ou a mãe dele.

Não Oliver e Annie, mas "meu filho ou a mãe dele". Porque Oliver, como filho de Luc, ainda era um desconhecido para ele e Annie tinha sido apenas o recipiente através do qual ele conseguira aquele filho. A raiva a abandonou tão rapidamente como a tomara, deixando-a estranhamente cansada.

— Eu realmente gostaria de tomar um banho de chuveiro e trocar de roupa agora, Luc.

Era impossível para ele não notar o tom desanimado e a palidez súbita do rosto.

— Nunca tive a intenção de magoá-la, Annie...

— Tarde demais.

Luc podia ver as lágrimas brilhando em seus longos cílios negros; podia lidar com a raiva e o sarcasmo de Annie, mas suas lágrimas eram uma questão completamente...

Deu um passo em direção a ela.

— Annie...

— Não me toque, Luc — advertiu suavemente — estou presa por uma linha muito fina e qualquer gentileza da sua parte me levará a chorar em cima de você.

— Acredito que meus ombros são fortes o bastante para suportar.

— Tenho certeza que são, mas minha autoestima não é.

Luc olhou para ela calado por um longo momento. Ficara atônito no dia anterior, quando descobrira que Annie tinha um filho. Depois, furioso quando olhara as fotos do garotinho de cabelos negros e percebera, pela data do nascimento, que Oliver era filho dele também.

Estava apenas começando a compreender, a perceber, o que esta descoberta... E a exigência de que ela se casasse com ele... Significavam para Annie. Ao insistir no casamento, estaria tirando Annie e Oliver de tudo e de todos que lhes eram familiares e, ao mesmo tempo, obrigando-a a desempenhar um papel que claramente não queria.

Mas que escolha tinha, exceto exigir que se casasse com ele? Oliver era certamente seu filho e o herdeiro De Salvatore. Luc não podia, não aceitaria desistir de Oliver apenas porque Anna Balfour conseguia produzir algumas lágrimas à ideia de se tornar esposa dele!

— Eu a levarei ao meu escritório para você telefonar para sua mãe quando descer.

— Obrigada — disse, a voz baixa e rouca.

Ele pareceu momentaneamente confuso.

— Por permitir que use o telefone?

— Não — Annie lhe deu um sorriso trêmulo — por me permitir manter minha autoestima.

Luc inspirou com força e mais uma vez lutou contra o impulso de tomar Annie nos braços e confortá-la. Sabendo que, se a tomasse nos braços, não seria conforto que lhe ofereceria!

Ele a queria, a queria com uma intensidade que fazia seu sangue queimar e seu corpo doer. Queria fazer amor com ela até ambos estarem fracos demais para qualquer outra coisa a não ser dormir nos braços um do outro.

Era um sentimento tão estranho ao homem em que se transformara nestes últimos quatro anos... Frio, implacável, no controle de todas as suas emoções... Que Luc soube que precisava se afastar dali. Agora, antes que não resistisse mais e se entregasse ao impulso de deitar Annie nua na cama e então acariciar e beijar cada centímetro dela. Fechou as mãos em punhos nas laterais do corpo ao pensamento de mirar o olhar sem foco e enevoado de Annie enquanto ela tremia nos espasmos do clímax.

— Por favor, acredite em mim quando digo que não sou mais aquele jovem mimado que a abandonou, Annie.

— Por que não é mais?

— É uma longa história que não me mostra no meu melhor aspecto.

— Mas que talvez um dia você me conte?

— Um dia, talvez. Vou esperá-la no terraço.

Luc se virou e saiu, sabendo que, para que Annie pudesse compreender o homem que era agora, o homem em que se tornara, então teria que lhe contar sobre aqueles dias sombrios depois do colapso do pai. E então ela saberia que era responsável por quase ter matado o próprio pai...

— Então, qual você escolheu? — perguntou Annie num tom leve, depois que haviam terminado de almoçar no terraço, ao lado da piscina.

Telefonara para Tilly e falara pouco, dizendo apenas que se encontrara com um velho amigo e que ele a convidara para passar alguns dias em sua villa perto de Veneza. Como esperava, Tilly lhe garantia que ficaria feliz em cuidar de Oliver. E acrescentou que um feriado de dois dias faria muito bem a Annie.

Um feriado!

Annie manteve deliberadamente um fluxo constante de conversa vazia quando se juntou a Luc no terraço, constrangida pela maneira como quase se desmanchava diante dele mais cedo. O motivo para aquela quase explosão emocional era evidente, é claro... Estresse demais e sono de menos, além daquela avassaladora atração por Luc.

Mesmo agora, Annie estava completamente consciente de tudo sobre ele. Da forma como os cabelos negros se enrolavam em cachos leves por terem secado ao sol. De como o tom da pele cor de oliva se aprofundava com a luz do sol. Dos pelos escuros visíveis em seus braços e no decote em V da camiseta. De como o tecido fino da camisa enfatizava a largura dos ombros e o ventre baixo. Quanto a suas mãos...

Annie se descobriu hipnotizada pela força daqueles dedos longos e esguios enquanto Luc comia, incapaz de se impedir de lembrar como os sentira em seu corpo na noite anterior, quando lhe tomaram os seios e depois desceram para acariciá-la na umidade dolorosa entre as coxas...

— Bicicleta ou motocicleta? — perguntou de novo, o rosto queimando à lembrança do que acontecera a seguir.

— Você escolhe.

— Então vamos de motocicleta. — Olhou interrogativamente para Luc.

— Ótimo — concordou Luc, a voz lenta. — Embora tenha que admitir que não ando numa há anos.

— Quatro anos e meio, para ser preciso?

— Para dizer a verdade... sim.

— Humm. Então, o que aconteceu para você mudar seu estilo de vida tão radicalmente, de playboy irresponsável para homem de negócios implacável?

Luc cerrou as sobrancelhas diante da percepção dela.

— Como você, eu amadureci.

— Mas deve ter havido um motivo para isto — persistiu. — A De Salvatore Enterprises não teve um grave problema por volta desta época?

Os olhos de Luc entrecerraram sob os óculos escuros.

— Como sabe disto?

— Sou filha do meu pai, lembra-se? Além disso, não é exatamente um segredo que você substituiu seu pai no comando da empresa decadente e a tornou maior e melhor do que nunca.

— Mas, antes, *eu* quase a arruinei! — disse Luc, os dentes cerrados. — Aos 26 anos de idade, acreditava que era invencível e cometi muitos erros graves por causa disso. Erros que quase custaram a vida do meu pai e a falência de seu império.

— O que quer dizer?

— Por causa dos meus erros, meu pai teve um ataque cardíaco e quase morreu — disse Luc, amargo. — Isto não combina com sua imagem que faz de mim como o monstro que quer lhe tirar seu filho?

Ela o encarou.

— Oliver é seu filho também, Luc.

— Sim, e como tentei lhe dizer a noite passada, não quero magoá-la, Annie. Apenas... Gostaria de ser um pai para Oliver, ajudá-lo a compreender que, embora tenha uma vida privilegiada, não pode ser tão irresponsável como fui por tantos anos.

— Quer ajudá-lo a não cometer os mesmos erros que você cometeu?

— Sim, é exatamente o que quero. — Luc aprendera uma lição muito dura e jamais se permitiria esquecer.

Annie olhou para Luc, pensativa, compreendendo agora um pouco melhor as mudanças nele, sua compulsão de ser um pai em tempo integral para Oliver. Mas não o bastante para concordar em se casar com ele.

Ela suspirou.

— Estou pronta, e você?

— Pretende sair assim? — Observou o short branco e curto e o top azul, da mesma cor dos olhos dela, que vestira depois do banho.

Annie riu.

— Alguma coisa errada com o que estou usando?

A boca de Luc cerrou.

— Os empregados do vinhedo talvez esperem ver minha futura esposa usando alguma coisa um pouco mais... Conservadora, digamos, do que short curto e um top ainda menor.

— É mesmo? — perguntou Annie, nem um pouco convencida. — Bem, como esta futura esposa não serei eu, esta expectativa não tem fundamento, tem?

— A expectativa se *refere* a você...

— Não — cortou Annie — não, Luc, de jeito nenhum — repetiu com firmeza. — Agora, está pronto para sair ou não?

Luc olhou para ela, frustrado; não havia dúvida que Annie parecia confortável e fresca naquela roupa que enfatizava a curva cheia dos seios, a cintura fina, os quadris arredondados e as longas pernas bronzeadas e nuas. Também parecia não ter mais do que os 20 anos que tinha quando Luc a conhecera. E era tão desejável como naquela ocasião!

Os cabelos estavam presos no alto da cabeça num agrupamento desleixado de cachos castanhos, o rosto sem maquiagem e o sol havia feito aparecer algumas sardas atraentes na ponta do nariz. Tudo isto devia ter um efeito contrário, mas Luc ansiava por libertar aqueles cachos e deixá-los cair em cascata sobre os ombros nus. Ansiava por beijar cada uma e todas as sardas antes de lhe capturar a boca com a dele,

faminta, e beijá-la até que ela perdesse os sentidos.

Talvez tivesse sido um erro levá-la para a Villa De Salvatore. Fizera isto com a intenção de conversar, de discutir o futuro de Oliver... e o deles... Sem interferências alheias.

Não esperara que a própria falta de interferências intensificasse sua consciência de Annie, do seu perfume e da maciez sedosa de sua pele, que queria tanto tocar que seu corpo doía. Luc não pensara em mais nada a não ser fazer amor com ela desde que haviam chegado.

Olhou-a com arrogância.

— Se não se importa em se exhibir em público quase nua, não vejo motivo para eu me importar.

A boca de Annie afinou diante do que sabia ser uma tentativa deliberada... E bem-sucedida... De insultá-la.

— Ser vista quase nua em público jamais incomodou uma Balfour — retorquiu, orgulhosa. — Na verdade, ser vista completamente nua também nunca foi um problema para nós!

— Obrigado por me lembrar, na hora certa, que você é uma Balfour.

— Sem problema. — Lançou-lhe um sorriso radiante para esconder o quanto doía ouvir o desprezo na voz dele. — Embora talvez deva conhecer algumas das Balfour antes de se referir a nós com tanta desaprovação.

- Conheça você e isto é o bastante.

Annie inspirou com força diante deste segundo e mais bem-sucedido insulto deliberado em tão pouco tempo.

— É uma pena, então, que seu filho também seja um Balfour.

— Não por muito tempo.

— Você pode se surpreender!

— Raramente me surpreendo — garantiu, confiante.

Annie balançou a cabeça, incrédula. Ele realmente era o mais arrogante, o mais desgraçado filho de uma...

— Então esta pode ser uma primeira vez. — A fúria nela era evidente.

Exatamente quando pensava que poderia estar começando a gostar de Luc, ele voltava a ser um bastardo! Fora tão mais gentil mais cedo, quando conversaram na varanda do quarto dela e depois quando falara do pai dele, tanto que Annie quase se esqueceu do motivo por que estava ali com ele. Evidentemente, aqueles tinham sido lapsos de que ele se arrependera e assumira de novo o caráter de um completo bastardo!

Capítulo Nove

— Isto foi divertido! — Annie riu, o rosto brilhando enquanto olhava para Luc duas horas mais tarde, quando levaram as motos de volta ao celeiro abaixo da villa.

Luc reconheceu que realmente fora divertido andar de moto pela propriedade. Tinha sido bom sentir o vento nos cabelos e o calor do sol no rosto. E Luc descobrira que diversão realmente não fizera parte de sua vida por um longo tempo.

Trabalhar vinte horas por dia, com uma mulher na cama de vez em quando, tinha sido necessário para a recuperação do império De Salvatore, que já estava recuperado.

No entanto, Luc com frequência ainda trabalhava vinte horas por dia. Porque, além de seus pais, já envelhecidos, não tivera mais ninguém ou nada em sua vida nos últimos anos. Mas isto não era mais verdade, agora que sabia que tinha um filho. Assim como estava determinado a tornar Annie Balfour sua esposa o mais depressa possível. Para beijar e tocar sempre que quisesse...

Tendo decidido no dia anterior que aquilo apenas confundia a questão, Luc quase enlouquecera de desejo de fazer tudo aquilo aquela tarde, enquanto observava Annie. A forma com as coxas nuas abraçavam os dois lados do assento de couro da moto. O monte cremoso dos seios firmes e soltos, visíveis acima do decote baixo do top...

— Luc? — chamou Annie quando ele continuou em silêncio.

Virou-se para ela.

— Desculpe, estava pensando em outra coisa.

Bem, é claro que estava, reconheceu Annie, triste. Sem dúvida querendo estar bem longe dali e da inconveniência de distraí-la.

— Acho que vou nadar um pouco, se não há nada que prefira fazer.

A intensidade do olhar dele passou pelo corpo dela, lentamente, e parou na curva dos seios.

— O que você tinha em mente? — perguntou, rouco.

Annie ficou ligeiramente nervosa com o calor que viu nos olhos de Luc. Olhos profundos e escuros, nos quais poderia se afogar se continuasse a olhar para ele. Assim, desviou os olhos para um ponto sobre seu ombro esquerdo.

— Pensei que talvez... — Molhou os lábios subitamente secos. — Tenho certeza que o vinhedo não se administra sozinho.

— Não, tenho um administrador que faz isto.

— Oh. — De repente, Annie ficou muito consciente de como estavam sozinhos no frescor do celeiro sombrio e o tremor que lhe percorreu a espinha foi devido mais ao calor do olhar de Luc do que ao frio.

— Está com frio...

— Não, é claro que não estou com frio! — Ficou constrangida com a própria veemência. — Eu... bem... Talvez um pouco.

Era tão silencioso ali... Calmo e privativo. Annie duvidava que alguém tivesse motivos para ir ali àquela hora do dia.

— Devemos voltar para a villa agora.

— Devemos?

Annie lhe lançou um olhar cauteloso. Quando ele se movera para estar tão perto que precisava dobrar a cabeça para trás para olhar para ele? E, mais importante, *por que se movera?*

Deu um passo para trás e molhou os lábios, nervosa.

— Eu realmente acho que devemos voltar agora, Luc...

— Não há motivo para pressa. — O sotaque se tornou mais pronunciado quando baixou a voz. — Não gosto dos seus cabelos presos assim — murmurou suavemente, enquanto estendia as mãos e removia a presilha da cabeça dela.

Annie percebeu, ao mesmo tempo, os cabelos caindo soltos nos ombros e o modo como os olhos de Luc ficavam ainda mais escuros enquanto mergulhava os dedos em seus cabelos, segurava-a pela nuca e a puxava para ele.

— Eu... O que está fazendo, Luc? Ele sorriu.

— Adivinhe — sussurrou, tão perto agora que o calor de sua respiração lhe roçava os lábios.

— Pensei que havíamos concordado que isto... Isto apenas confundia a questão. — Annie podia ouvir o desespero na própria voz enquanto tentava resistir a ele.

— Isto...? — Mais uma vez, sua respiração era uma carícia quente, desta vez contra a mandíbula de Annie quando ele abaixou a cabeça para lhe dar beijos suaves em toda a sua extensão.

Annie levantou as mãos e encostou-as no peito de Luc com a intenção de empurrá-lo, mas as mãos ficaram imóveis, depois começaram a acariciar quando sentiu a rigidez dos músculos cobertos por seda, o coração dele disparado numa batida primitiva sob as pontas dos seus dedos.

— Concordamos que não faríamos isto de novo.

— Mudei de ideia — murmurou, enquanto as mãos se moveram para lhe empalmar as nádegas e puxá-la para ele, fazendo-a sentir completamente a pulsação dura e urgente de sua excitação.

Uma excitação que despertou uma explosão súbita de calor entre as coxas de Annie.

— Mas...

— Não compreende que esta é a única maneira que temos de nos comunicar? — Gemeu, e então sua boca tomou posse da dela, voraz, faminta.

Os lábios de Annie se abriram para encontrar toda a força daquele beijo, um beijo que se tornou ainda mais urgente enquanto a excitação de Luc aumentava e ele enrijecia até que Annie não conseguiu pensar em mais nada a não ser na necessidade de tê-lo profundamente dentro dela.

Abriu as pernas enquanto Luc se pressionava ainda mais, numa tentativa de preencher o vazio dentro dela, o membro rijo acariciando lhe ritmicamente o pequeno botão que se escondia ali.

Aquilo era loucura, pura loucura, mas Annie não tinha o poder, nem a vontade, de resistir. Em vez disso, suas mãos subiram e seus dedos mergulharam nos cabelos de Luc, enquanto ele lhe tomava o lábio inferior na boca, mordendo-o suavemente e então sugando a carne tenra. As mãos dele seguraram as finas tiras do top e as abaixaram pelos braços, e depois puxaram o tecido até a cintura, desnudando lhe os seios.

Annie arquejou de leve quando o ar frio lhe acariciou a carne em fogo, os mamilos sensíveis já excitados, tornando-se cada vez mais rijos quando Luc tomou os seios nas mãos e passou a ponta dos polegares suavemente, provocantemente sobre os mamilos. De novo e de novo, até que Annie estivesse perdida naquela necessidade enlouquecida e pressionasse o corpo contra aquelas mãos hábeis.

— Por favor, Luc — gemeu.

— Me diga o que quer — encorajou Luc, rouco. — Me diga, Annie!

— Mais forte — pediu — mais forte, Luc! — Arqueou as costas, oferecendo-lhe os seios, apertando-os contra as mãos dele.

Os olhos de Luc brilharam, sombrios, enquanto lhe reverenciava os seios, as aréolas que cercavam os mamilos um rosa profundo, os mamilos escuros e inchados, como duas amoras maduras esperando para serem provadas, comidas.

A cabeça de Luc se abaixou para provar uma daquelas amoras, tomando-a toda na boca enquanto os dedos acariciavam a outra, rolando-a entre o polegar e o indicador.

Annie gemeu profundamente e roçou as coxas com urgência contra a rigidez das de Luc, que transferiu a atenção dos lábios, língua e dentes para o outro mamilo antes de desabotoar o short de Annie e descer o zíper sobre a calcinha de seda para tocar e acariciar a umidade quente entre as coxas.

— Sim! Oh, sim, Luc! — encorajou-o sem fôlego, enquanto descia as roupas pelas pernas e as deixava no chão.

Seus cachos eram sedosos ao toque enquanto Luc procurava, e encontrava, o botão inchado aninhado lá, sentindo-o pulsar sob seus dedos acariciadores. Podia ouvir os soluços na respiração arquejante de Annie, os dedos dela apertando-lhe os ombros, onde se firmava e se arqueava para ele no ritmo daquelas carícias.

Annie gritou quando Luc penetrou-lhe a umidade quente primeiro com um dedo, depois com dois, mergulhando-os nela de novo e de novo enquanto o polegar lhe acariciava o botão sensível e dolorido. Continuava a provocar-lhe o mamilo com os dentes e a língua, levando Annie cada vez mais alto, até ela ficar à beira do orgasmo.

— Tenha um orgasmo para mim, *cara* — encorajou Luc com urgência enquanto erguia a cabeça — deixe-me observá-la enquanto tem um orgasmo!

Seus olhos brilharam de triunfo quando ela gritou de repente num clímax intenso, infinito, até cair, fraca, contra o peito dele.

Agarrou-se aos ombros de Luc quando ele a ergueu, as pernas lhe envolvendo a cintura enquanto as mãos dele lhe firmavam as nádegas nuas e ele a carregava até alguns montes de feno num dos cantos do celeiro. Então ele a deitou cuidadosamente sobre sua camisa antes de se erguer para tirar o resto das roupas.

A respiração de Annie parou quando ele finalmente ficou em pé, nu, acima dela. Uma cobertura sedosa de pelos se espalhava pelo peito, os músculos definidos, os

quadris estreitos, o membro longo e ereto se erguendo numa excitação pulsante que Annie ansiava por tocar.

Ajoelhou-se, o olhar preso no dele enquanto estendia a mão para tomá-lo, a outra mão acariciando-lhe a extensão sedosa, e então passando o polegar suavemente sobre a ponta sensível. Luc gemeu enquanto os músculos das nádegas e coxas ficavam tensos e suas costas e pescoço arquearam.

— Não! — Tomou cada lado do rosto de Annie com as mãos para mantê-la longe quando ela quis tomá-lo na boca. — Quero estar dentro de você, *preciso* penetrar você... — rosnou enquanto se deitava no feno e puxava Annie para cima dele e o membro encontrou a entrada da caverna escura, quente e estreita. — Me tome, Annie — pediu — me tome todo...

Ela estava magnífica quando se ergueu ligeiramente para guiá-lo com a mão para dentro dela, profundamente, seus cabelos uma massa de castanho-avermelhado sobre os ombros, os olhos velados, os lábios inchados e os seios tentadores tão perto do rosto dele.

Luc gemeu de novo e fechou os olhos de prazer enquanto a penetrava e sentia seus músculos internos envolvê-lo, tomando-o lentamente até que todo ele estava dentro dela.

Luc ficou imóvel por alguns momentos, apenas para desfrutar da sensação inacreditável de estar dentro dela. Era quente, tão quente e úmida, tão incrivelmente, maravilhosamente apertada.

E então ela começou a se mover. Erguia-se até quase deixá-lo sair, a ponta do membro parada na entrada antes de descer de novo e tomá-lo todo dentro dela. Segurando-lhe o olhar com o dela, repetiu o movimento, cavalcando-o primeiro lentamente, depois mais depressa, mais forte, os seios se movendo no mesmo ritmo hipnótico.

Luc ergueu a cabeça para lhe beijar um seio enquanto Annie continuava a se mover sobre ele. As mãos dele lhe agarraram os quadris enquanto os dele subiam para encontrar cada estocada até ele sentir um tremor interno inconfundível.

Aquele tremor se transformou num terremoto quando o clímax a tomou, mais forte, mais prolongado do que o último e Luc gritou quando ela finalmente o levou para o precipício.

Apenas o som da respiração áspera dos dois rompia o silêncio, enquanto Annie, repleta e exausta, se deixava cair sobre o peito de Luc, a pele quente e ligeiramente úmida sob seu rosto enquanto o peito dele subia e descia com rapidez.

Deus do céu, depois de tudo que haviam dito... Todos os insultos... Havia acontecido de novo! Só que, desta vez tinha sido pior... Ou queria dizer melhor? Fazer amor não podia ser muito melhor do que isto, não seria possível; se tivesse sentido mais prazer, se seu orgasmo tivesse sido mais intenso, certamente morreria!

Sim, mas o que aconteceria agora? O que Luc achava que faria depois... Depois... Oh, Deus do céu, implorara a ele que a tomasse, deixara-o olhar enquanto se contorcia em êxtase em cima dele.

— O quê?

Luc observou-a, tonto, quando Annie se sentou, os olhos escuros tão calorosos como chocolate derretido, os lábios sensuais relaxados num meio-sorriso. Annie teve que fazer um esforço imenso para se impedir de abaixar a cabeça e beijá-los.

— Precisamos nos vestir, Luc, qualquer um pode entrar e nos encontrar assim.

— Não a esta hora do dia — garantiu Luc, a voz rouca enquanto se virava ligeiramente de lado, levando Annie com ele até ela ficar deitada debaixo dele, os corpos se tocando do peito às coxas. — Fazer amor deve ser saboreado, degustado...

— Acho que já saboreamos e degustamos o suficiente por um dia — disse, áspera, enquanto tentava libertar o corpo. — Me solte, Luc. — Mas ele apenas apertou-a com mais força para mantê-la no lugar.

Franziu a testa quando finalmente percebeu o brilho zangado nos olhos dela.

— E se eu recusar?

— Por que recusaria? Você já me teve, assim não há motivo para continuarmos aqui!

— Tive você? — O tom era de incredulidade.

— Fez sexo comigo, então, se preferir.

— E se eu quiser fazer sexo com você de novo?

— Tenho certeza que isto não é parte do plano.

Ele inspirou com força.

— Acha que, como todos os meus argumentos falharam, tinha o plano de *seduzi-la* para que se submetesse?

— Não tinha? — acusou.

Parecia que Luc não fora capaz de planejar *nada* desde que encontrara Annie Balfour de novo! Até seu trabalho, seu grande interesse, não o atraía mais, quando sabia que ela estava por perto.

Certamente não planejava fazer amor com ela aquela tarde; simplesmente não conseguia se impedir de tocá-la, de tomá-la sempre que havia uma oportunidade. E pensar que sua decisão era não fazer nada daquilo até estar resolvida a questão do casamento!

Segurou os braços de Annie para erguê-la e afastá-la dele, a mandíbula rija enquanto seu corpo protestava por se afastar do dela. Levantou-se abruptamente e vestiu a boxer, antes de falar de novo:

— Poderia também acusá-la de tentar me seduzir para eu fazer o que *você* quer!

— De tentar torná-lo meu escravo sexual, você quer dizer? — perguntou com desprezo evidente.

— Tenho certeza de que muitos homens concordariam em fazer qualquer coisa que você pedisse se os recompensasse tão generosamente como acabou de me recompensar. — O olhar se demorou no lindo corpo nu.

Annie inspirou profundamente; não conseguia acreditar que Luc realmente pensasse aquilo. Pelo amor de Deus, não tinha experiência suficiente com homens para até mesmo pensar num plano tão calculado!

— Isto geralmente não funciona melhor se a mulher pede o que quer *antes* de fazer amor?

— Geralmente — concordou — mas nosso relacionamento tem sido... Incomum desde o princípio.

Annie sentiu o rubor lhe queimar o rosto à lembrança de como incomum tinha sido. Aquela noite selvagem e impetuosa há quatro anos e meio. O segundo encontro inesperado e tempestuoso no hotel no lago Garda. A exigência de Luc, depois de saber da existência de Oliver, de que ela se tornasse sua esposa...

Tudo aquilo não era complicação suficiente sem que ela ainda sucumbisse à sedução arrogante cada vez que ele a tocava? Suspirou profundamente quando começou a se vestir.

— Tudo o que quero de você, Luc, é que deixe Oliver e eu vivermos em paz, e já sei que isto não vai acontecer.

Ele sorriu, satisfeito.

— Não neste milênio, não.

Annie lhe lançou um olhar frustrado quando terminou de vestir o top, antes de olhar de novo para o piso procurando a presilha que mantinha os cabelos presos.

— Gostaria de voltar para a villa agora. — A voz era fria.

— É claro — aceitou, também friamente.

Como aquilo acontecera? perguntou-se Annie enquanto subia os degraus diante de Luc. Num minuto estavam tão próximos como duas pessoas podiam ficar, no seguinte não havia distância suficiente entre eles, emocional e fisicamente.

Ruborizou à lembrança das intimidades que haviam partilhado tão recentemente. Seu corpo ainda formigava e doía com a intensidade do ato de amor. Seria sempre assim entre eles, sexo quente, que lhe transformava o cérebro numa polpa, seguido pela volta da tensão que mostrava, pelo menos para Annie, que viviam em mundos diferentes? Quanto mais cedo Luc aceitasse que não se casaria com ele, melhor para os dois!

E o que aconteceria quando ele *aceitasse*? Levaria adiante sua ameaça de disputar Oliver numa batalha legal? Um olhar para a fisionomia severa e fria de Luc lhe mostrou que era exatamente isto que faria. E sem dúvida, mais uma vez haveria um enorme escândalo na família Balfour que ocuparia as manchetes de todos os jornais. Seu pai iria *adorar* aquilo, ele...

— *Signor De Salvatore!* — A governanta saiu correndo dos fundos da casa no momento em que Annie e Luc entraram, o rosto e as mãos excitados enquanto falava com seu empregador.

Annie estudara Espanhol, Alemão e Francês, mas seu italiano era muito rudimentar. No entanto, ouviu bem seu nome e, segundos depois, *signora* Tilly Williams.

— Luc...? — perguntou Annie, ansiosa.

— *Grazie, Maria.* — Dispensou a governanta antes de se voltar para Annie. — Sua mãe telefonou enquanto estávamos... Fora, e pediu que a chamasse de volta no celular dela assim que chegasse em casa.

Annie ficou pálida ao se lembrar de que conversara com a mãe apenas algumas horas antes, que alguma coisa devia ter acontecido para levar Tilly a querer falar com

ela de novo tão cedo.

Capítulo Dez

Luc andava, inquieto, pela sala de estar, esperando que Annie voltasse do escritório depois de ligar para a mãe.

Aconselhara Annie a não chegar a nenhuma conclusão precipitada, a ficar calma até falar com a mãe, mas internamente estava tão preocupado com o telefonema de Tilly como Annie.

Pelo pouco que Annie lhe contara sobre a mãe, Tilly Williams parecia ser uma mulher prática e calorosa. O fato de que havia aceitado um casamento de conveniência com Oscar Balfour mostrava como era prática; e ter feito isto por amor a três crianças órfãs era testemunho de uma natureza bondosa.

Sendo assim, Luc não podia imaginar que telefonasse para Annie tão pouco tempo depois de terem conversado por causa de alguma coisa trivial.

Um olhar à dor e ao estresse evidentes no rosto de Annie quando entrou na sala de estar foi o bastante para mostrar a Luc que sua dedução era correta.

— O que foi? — perguntou, a voz inquieta.

— Tenho que ir embora, Luc, preciso voltar para a Inglaterra o mais cedo possível.

— Nós dois iremos para a Inglaterra assim que você me contar o que aconteceu — insistiu Luc.

Ela balançou a cabeça.

— Não tenho tempo para mais uma discussão, Luc.

— Não haverá discussão se você apenas me contar o que aconteceu! — exigiu, furioso, enquanto atravessava a sala e lhe segurava os ombros com firmeza. — Annie! — Seu temor crescia a cada segundo quando viu as lágrimas em seus cílios longos e escuros.

Annie pareceu focalizar nele com esforço e umedeceu os lábios.

— Tilly levou Oliver a uma gincana esta tarde. Ela tirou os olhos dele por apenas um segundo e... — interrompeu-se, apertando a mão trêmula sobre a boca.

— Diga-me o que aconteceu a Oliver! — implorou Luc, quase fora de si com o medo. Annie fez um esforço para se controlar, ainda tentando absorver o que Tilly dissera.

— Ele levou uma patada de um dos cavalos e... — Luc soltou-a tão repentinamente que ela balançou um pouco. — O que está fazendo? — perguntou quando Luc pegou o celular e começou a fazer uma chamada.

— Ordenando que o avião De Salvatore seja preparado para uma viagem imediata,

é claro — disse ele, virando-se quando a chamada foi atendida e começando a dar uma série de instruções em italiano.

Annie estava preocupada demais e cheia demais de culpa para prestar atenção à conversa de Luc ao telefone. Lágrimas corriam quentes, por seu rosto quando percebeu que, durante o tempo em que ela e Luc faziam amor, seu filho estava ferido e sendo levado para o hospital!

Annie jamais se perdoaria se alguma coisa acontecesse a Oliver. Não devia nunca ter permitido que seu pai a obrigasse a ir à Itália, em primeiro lugar, e certamente não deveria ter deixado Luc forçá-la a ficar. Se tivesse voltado para casa naquela manhã, provavelmente estaria ao lado de Tilly e Oliver na gincana e nada daquilo teria acontecido. E Oliver... Seu pequeno, saudável e vulnerável Oliver... Agora estava inconsciente no hospital com uma possível concussão e Deus sabe o que mais.

— Vai ficar tudo bem, Annie. — Luc segurou-lhe as duas mãos com firmeza.

Os olhos de Annie o fuzilaram de raiva enquanto o olhava do outro lado da mesa que os separava na luxuosa cabine do jato De Salvatore.

— Compreendo que gosta de pensar em si mesmo como onipotente, Luc, mas não pode saber disso! — Ainda estava abalada demais pela notícia dada por Tilly para pensar em qualquer outra coisa... Muito menos na palidez do rosto de Luc, que era uma evidência clara de sua preocupação com Oliver.

— Não, não sei — reconheceu Luc, recostando-se pesadamente no encosto do assento. — Mas o segundo telefonema de sua mãe foi muito mais tranquilizador.

Tilly conseguira ligar de novo antes de o avião levantar voo para dizer-lhes que Oliver despertara, cheio de dores e sem saber onde estava, mas que os médicos agora pareciam confiantes de que não haveria danos permanentes. Mas nada disso acalmara Annie, que apenas queria segurar seu garotinho nos braços e saber que ele estava bem.

— Continue a dizer isto para si mesmo, Luc — disse ela, ainda muito abalada e zangada para ser capaz de lhe oferecer o mesmo conforto que ele tentava dar a ela.

Luc sabia que merecia a raiva dela. Não quisera viajar para Veneza com ele, mas *ele* fora o responsável por impedir que ela voltasse para casa, como queria. Impedi-la? Não, não apenas isto, *obrigara* Annie a ficar na Itália com ele. Garantira que não lhe permitiria voltar para a Inglaterra até que ela concordasse em se casar com ele. E agora seu filho, aquele lindo garotinho de cachos negros que Luc só vira até agora em fotos, estava no hospital, depois de ser atingido com força na cabeça. Sem o amor e o conforto da mãe, de que precisava tanto.

Não era de admirar que Annie continuasse a recusar até mesmo pensar em sua proposta; a arrogância impiedosa que Luc lhe mostrara desde que haviam se reencontrado era ainda menos aceitável do que a autoconfiança irresponsável de quatro anos e meio antes, que causara uma situação tão catastrófica! Se Oliver se recuperasse... Quando Oliver se recuperasse, corrigiu Luc, então...

— Desculpe, Luc.

Olhou para ela do outro lado da mesa, as sobrancelhas cerradas.

— Por que está pedindo desculpas?

Annie fez uma pequena careta. Os poucos minutos de silêncio preocupado de Luc

lhe dera tempo para se acalmar e perceber que estava descarregando em Luc toda a culpa e preocupação que sentia por Oliver. Quando, na realidade, *ela* era a responsável por não ter deixado a Itália antes. Admitia que acreditara que seria mais fácil fazer Luc ver a razão lá do que na Mansão Balfour; mesmo assim, tivera escolha... E os fatos provaram que fizera a escolha errada.

- Descontar minha frustração com esta situação em você não vai mudar nada.
- Quem mais você pode culpar, a não ser eu?
- Eu não... — Interrompeu-se ao ouvir o piloto italiano começar a falar no rádio.
- Por favor, me diga que ele está anunciando que vamos pousar.

Luc sorriu.

- Ele está anunciando que vamos pousar.
- Graças a Deus!

Annie mal percebeu o pouso, a passagem pela alfândega, a viagem no carro alugado que Luc providenciara e a chegada ao hospital, onde Oliver estava internado. Também não se dera conta de Luc lhe segurando a mão com firmeza enquanto andava rapidamente ao lado dela pelo longo corredor até o quarto de Oliver. Tudo o que queria era chegar ao filho o mais depressa possível para ver por si mesma que ele estava realmente bem. Uma coisa de que não teria certeza até ter o filho nos braços, apesar de outro telefonema tranquilizador de Tilly, recebido poucos minutos atrás.

Sua mãe, uma esguia e linda ruiva no final dos 40 anos, estava em pé no corredor esperando por eles, seu rosto se iluminando assim que viu Annie.

— Ele vai ficar ótimo, querida — acalmou-a Tilly assim que Annie correu para os braços que a esperavam. Annie abraçou a mãe com força e finalmente permitiu que as lágrimas de tensão lhe descessem pelo rosto.

— Ele está acordado? Está sentindo dor? Posso...

— Precisa se acalmar antes de entrar para vê-lo, Annie — acariciou lhe as costas, a mão correndo para cima e para baixo — e, sim, ele está acordado e chamando por você. Apenas se prepare para vê-lo com uma grande atadura sobre os pontos e está ligeiramente tonto com os analgésicos que o médico lhe deu.

— Preciso vê-lo. — Annie se afastou abruptamente dos braços da mãe e não deu sequer um olhar a Luc enquanto corria para o quarto onde estava seu amado Oliver.

E deixando Luc submetido ao olhar curioso da linda e pequena mulher que, com seus longos cabelos ruivos e olhos azuis, era facilmente reconhecida como a mãe de Annie.

Ela deu um sorriso.

— Peço desculpas... Minha filha geralmente tem boas maneiras. Luc reconheceu a verdade da declaração com uma inclinação de cabeça.

— São circunstâncias difíceis.

— Sim — disse Tilly com um suspiro.

— Sou Luca de Salvatore. — Estendeu a mão educadamente.

— Tilly Williams. — Apertou-lhe a mão, pequena e elegante dentro da dele. — Tenho visto com frequência seu nome nos jornais de negócios. Você é o amigo com quem Annie estava na Itália?

Era impossível não perceber a curiosidade na voz rouca, ou a ligeira perplexidade nos inteligentes olhos azuis enquanto olhava para ele mais detalhadamente. Sem dúvida se perguntando por que ele lhe parecia vagamente familiar. E logo perceberia de onde vinha aquela familiaridade!

Luc respirou fundo, ansioso para entrar e ver Oliver e, ao mesmo tempo, consciente de que o garotinho não o conhecia e sem dúvida ficaria transtornado pela chegada de um estranho em seu quarto de hospital.

— Sim — confirmou simplesmente.

— Estranho, Annie nunca falou sobre você — disse Tilly, as sobrancelhas franzidas.

Luc apenas deu de ombros.

— Vocês são amigos há muito tempo? — pressionou Tilly.

— Nós nos conhecemos há alguns anos — respondeu, evasivo.

— Compreendo.

— Compreende?

— Acredito que sim. — Fez uma pausa, então continuou: — Gostaria de entrar e ver Oliver, sr. De Salvatore?

A sugestão confirmava que Tilly sabia exatamente quem Luc era. Como devia também saber que não fizera parte da vida de Annie ou de Oliver nos últimos quatro anos e meio.

Ele engoliu o nó que se formara de repente em sua garganta.

— Acho que Annie não gostaria que eu fizesse isto.

— Oh, você vai descobrir que minha filha é madura o bastante para aceitar que estas são... Circunstâncias incomuns — garantiu Tilly — afinal, ela o trouxe aqui, não trouxe?

— Quando soubemos sobre o acidente de Oliver, eu lhe dei pouca escolha na questão, lamento dizer.

— Oh, não precisa ter medo de mim, sr. De Salvatore — disse Tilly — mas meu ex-marido é outra questão. Ou talvez não... — acrescentou, com lenta deliberação.

— Desculpe?

— Como você e minha filha se encontraram, sr. De Salvatore? — perguntou, um brilho inteligente nos olhos.

— Recentemente ou... antes? — perguntou, desconcertado.

— Recentemente — esclareceu.

Luc não estava acostumado a se explicar para ninguém, mas nestas "circunstâncias incomuns" aceitava que precisava.

— Participamos da mesma conferência de negócios no lago Garda.

— Ah — Tilly assentiu, o olhar conhecedor.

— Lamento, mas eu não...

— Luc?

Virou-se rapidamente e viu Annie em pé no umbral da porta do quarto, o rosto ainda muito pálido, mas não havia mais lágrimas. Luc não resistiu ao impulso de olhar além dela e ver a silhueta de um garotinho deitado na cama, os cachos escuros

contrastando com a atadura branca na têmpora.

Oliver. Seu filho.

Annie não pôde deixar de perceber o modo como o olhar de Luc passou por ela rapidamente para onde Oliver estava deitado e seu coração doeu à fome que viu nos olhos escuros.

— Quer entrar?

O olhar faminto e escuro se voltou para ela de imediato.

— Não gostaria de provocar mais estresse em Oliver fazendo-o conhecer um estranho.

— Ele dormiu assim que lhe garanti que estaria aqui quando acordasse — explicou Annie.

Um músculo pulsou no queixo rijo de Luc.

— Neste caso, gostaria muito de vê-lo.

Annie assentiu e então olhou para Tilly.

— Luc e eu nos sentaremos com Oliver por algum tempo, mamãe, se quiser descansar um pouco.

— Ótimo, a bateria do meu celular acabou e preciso ir em casa para telefonar para seu pai.

— Ele não está na Mansão Balfour?

— No momento, nunca está.

Tilly estava certa; depois de mandar as filhas para os quatro cantos do mundo, Oscar demonstrava uma clara relutância de ficar sozinho na Mansão Balfour.

— Então vejo você mais tarde, mamãe — despediu-se Annie.

— Sem dúvida verei vocês dois mais tarde, humm? — Lançou a Luc um olhar expressivo.

Annie gemeu em silêncio. As pessoas tinham a tendência de subestimar Tilly por causa de sua atitude sempre calorosa e franca, mas Annie a conhecia bem e sabia como era inteligente. Sem dúvida percebera a semelhança entre Luc e Oliver e descobrira exatamente quem ele era!

— Sem dúvida — admitiu e se virou. — Luc?

Abriu mais a porta para ele entrar, fechou-a e ficou parada enquanto Luc se aproximava silenciosamente da cama. Não conseguia imaginar como ele se sentia ao ver o filho pela primeira vez.

Luc não conseguia respirar e seu coração parecia ter parado completamente de bater enquanto olhava para o menino num leito de hospital que era grande demais para ele. Oliver tinha uma atadura na cabeça, mas, pelo pouco que podia ver dos cachos escuros, eram idênticos aos dele na mesma idade. Pálpebras quase transparentes escondiam olhos que Luc sabia que eram de um azul tão profundo como os da mãe dele e cílios muito longos descansavam sobre as bochechas gordinhas. O rosto de Oliver ainda se parecia com o de um bebê, redondo, um nariz minúsculo, a boca pequena e o queixo levemente pontudo.

Usava um pijama estampado com pôneis, as mãos abertas como estrelas do mar sobre as roupas de cama.

Seu filho, o lindo filho de sua carne e seu sangue! Depois de dar a Luc alguns momentos de privacidade, Annie cruzou o quarto e ficou em pé ao lado dele para olhar para Oliver. Ainda tremia ligeiramente com o alívio de ter o filho nos braços, de ver por si mesma que não estava ferido demais ou abalado demais. Na verdade, além do corte na cabeça que precisara de diversos pontos, Oliver não parecia ter sofrido nenhum efeito mais grave do acidente.

— Ele é tão pequeno — murmurou Luc.

— Se eu fosse você, não o deixaria ouvir isto — advertiu Annie enquanto se sentava em uma das cadeiras ao lado da cama e tomava uma das mãos de Oliver na dela, precisando do contato físico, embora ele estivesse dormindo. — Oliver se considera o homem da família no chalé e adora dar ordens à avó e a mim. Certamente herdou a habilidade do pai de distribuir ordens e esperar que sejam obedecidas!

Luc se sentou na cadeira do outro lado da cama, o olhar ainda fixo em Oliver, deitado entre eles e profundamente adormecido. — Fale-me sobre ele — pediu, rouco. — Quanto pesava quando nasceu? Foi um bebê fácil de cuidar? Quando nasceu seu primeiro dente? Quando deu o primeiro passo?

Havia tanto que Luc não sabia sobre Oliver, tanto que perdera porque ela decidira não tentar encontrá-lo durante todos aqueles anos e lhe falar da existência do filho, reconheceu Annie com um forte sentimento de culpa.

Fez o melhor que pôde para corrigir esta omissão durante a meia hora seguinte, enquanto Oliver continuava a dormir e a conversa era interrompida de vez em quando por uma das enfermeiras, que entrava para verificar como estava Oliver. Annie contou tudo de que pôde se lembrar sobre os três anos e oito meses da vida do filho.

— Ele frequenta o jardim de infância local? — perguntou Luc quando Annie fez referência ao assunto.

Ela enrijeceu, defensiva.

— Já lhe disse, quero que Oliver tenha uma vida tão normal quanto possível.

— E isto inclui sua frequência a um jardim de infância em companhia de crianças locais três manhãs por semana?

Ela franziu a testa.

— Sim.

— A aldeia Balfour?

— E você quer chegar...? — Olhou para ele, cautelosa.

— O fato de o sobrenome de Oliver ser o mesmo nome da aldeia não impede que ele seja visto como apenas uma das crianças locais?

Annie demonstrou sua irritação:

— Se está tentando começar outra discussão, Luc...

— Não estou — garantiu rapidamente. — Cresci como o herdeiro De Salvatore, com babá e depois com muitos tutores particulares. Aprovo totalmente sua tentativa de proporcionar a Oliver uma infância livre dessas restrições.

Estendeu a mão e acariciou muito de leve a mão pequenina que descansava no lençol, a pele de Oliver tão suave e jovem que Luc sentiu a emoção lhe apertar a garganta.

— Oh.

Luc sorriu quando Annie pareceu mais uma vez um balão ligeiramente vazio.

— Não esperava que minha reação fosse esta, esperava?

— Numa palavra? Não!

— Sua mãe é... Não é o que imaginava que fosse — disse ele suavemente, ainda acariciando a mão de Oliver.

— Não — concordou Annie —, mas não se deixe enganar por aquele exterior maternal. Garanto-lhe que é muito mais astuta do que as pessoas pensam.

— Você percebeu que ela adivinhou quem eu sou?

— Oh, sim. — Tilly deixara tudo muito óbvio pela maneira com que olhara para Annie. — Mas não me preocuparia demais, dificilmente será um segredo por muito tempo quando você decidir mover uma ação para me tomar Oliver.

Ele franziu as sobrancelhas.

— Isto significa que você decidiu de modo definitivo não aceitar meu pedido de casamento?

Annie respirou fundo.

— Você não me pediu em casamento, Luc.

— É claro que eu...

— Não, Luc, não pediu — cortou com firmeza. — Você deu outra daquelas ordens que gosta tanto de distribuir: *Você será minha esposa, e Oliver será meu filho*. Na típica atitude "Mim Tarzan, você Jane"!

A expressão de Luc se tornou ainda mais fechada.

— Mim Tarzan, você Jane?

Annie sorriu, cansada, à incredulidade do tom dele.

— Acho que este não é o lugar nem esta é a hora para conversarmos sobre isto.

— Olhou deliberadamente para o ainda adormecido Oliver.

— Mim Tarzan, você Jane... — repetiu Luc de novo, aborrecido. — É mesmo assim que você me vê?

De que outra maneira devia pensar nele depois da forma como havia se comportado tão ditatorialmente, tanto no lago Garda como nos vinhedos perto de Veneza? Não que ele tivesse se comportado assim o tempo todo... Annie sentiu o rubor ao se lembrar de como fizeram amor. Tanto acontecera desde então que parecia que fora uma vida antes!

Tinha sido uma vida antes, um tempo além do tempo. Um tempo que não poderia jamais se repetir!

— Você me deu algum motivo desde que nos reencontramos para não pensar em você desta maneira?

— Esta tarde...

— Foi um erro — interrompeu Annie rapidamente, o rosto agora queimando. — Um erro adorável no momento, admito, mas mesmo assim um erro. — Não permitiu que Luc a interrompesse.

— Eu discordo.

— Luc, não compreende que um relacionamento físico entre nós apenas confunde

a questão?

— E esta questão é...?

— Que não nos amamos!

Os olhos de Luc brilharam, ameaçadores.

— O amor pode vir com o tempo.

— O amor existe ou não existe, Luc, e no nosso caso, não existe.

Ou, para ser mais precisa, no caso de Luc não existia. Annie tivera muito tempo para pensar durante a longa viagem de volta para a Inglaterra. E nem tudo tinha sido sobre sua preocupação com Oliver. Principalmente porque pensar em Oliver era agora pensar em Luc também, os dois inexplicavelmente ligados em sua mente.

Luc e Oliver.

Oliver e Luc.

E percebera, durante aquele voo tenso, que amava os dois. Não da mesma maneira, é claro. Como mãe de Oliver, amava-o incondicionalmente. Mas nos últimos dois dias, principalmente nesta tarde, quando Luc lhe falara sobre seu pai, sobre seus motivos para querer ser um pai para Oliver, quando se desmanchara completamente nos braços dele, Annie compreendera que se apaixonara por ele, apesar da arrogância e da frieza que agora pareciam ser uma parte tão integrante de sua natureza.

Capítulo Onze

— Sua mãe é uma mulher calorosa e compreensiva — comentou Luc com admiração enquanto ele e Annie arrumavam as camas que haviam sido providenciadas para que pudessem ficar no hospital durante a noite com Oliver.

Sua mãe era uma mulher calorosa e *manipuladora*, corrigiu Annie em pensamento. Preferia que Tilly acomodasse Luc para a noite no chalé ou na Mansão Balfour, mas sua mãe sugerira que, nas circunstâncias, talvez Luc preferisse ficar no hospital também durante a noite.

Nas circunstâncias...

Embora o assunto não tivesse sido discutido abertamente entre os três adultos quando Tilly voltara ao hospital, todos sabiam quais eram aquelas circunstâncias! Luc era o pai de Oliver, assim era natural que quisesse passar a noite com o filho.

Embora a boa notícia fosse que, até aquele momento, não havia sinais de que Oliver tivesse sofrido a concussão que os médicos haviam temido e, se a situação continuasse a mesma, tinham a intenção de lhe dar alta na manhã seguinte.

Mas não antes que Annie tivesse passado a noite no hospital com Luc. Naturalmente, dormiriam em camas separadas e a presença de Oliver era mais do que suficiente para garantir que não repetiriam a loucura daquela tarde. Mas os

sentimentos de Annie por Luc, tão recentemente reconhecidos, deixava-a muito consciente de como estavam sozinhos na quietude do quarto particular do hospital, de quanto o amava...

Será que sempre o amara? Quatro anos e meio antes, Annie ficara totalmente encantada pelo irresponsável e excitante Luc. Percebera, quando voltara para casa, que um olhar tinha sido o suficiente para ela se apaixonar por ele. Para se comportar de forma inteiramente diferente do normal, ao passar aquela noite com ele. Mas continuara a amá-lo por todo aquele tempo? Sua falta de interesse em homens e seu desapontamento com os poucos com quem saíra pareciam indicar que sim.

Annie agora lançou um olhar para Luc sob as pálpebras, enquanto ele punha sua mala sobre a cama arrumada antes de abri-la para olhar seu conteúdo.

Não, estava olhando para Luca de Salvatore. Porque este homem, tão sombrio e severo, com tanto controle sobre si mesmo e sobre o ambiente em que se movia, não era o Luc irresponsável que Annie conhecera e por quem se apaixonara. Então, isto significava que nos últimos dois dias se apaixonara também por Luca de Salvatore? Deus, era tudo tão complicado, tão confuso.

Luca de Salvatore e Luc eram o mesmo homem e, no entanto, não eram. Luc tinha sido excitante, selvagem, irresponsável, um homem que Annie soubera instintivamente que não seria um bom marido para ela ou para qualquer outra mulher, muito menos um pai para o bebê que descobrira que estava esperando.

Luca de Salvatore, porém, era outra coisa...

Impiedoso, poderoso, totalmente confiante em si mesmo e em suas habilidades, Luca de Salvatore levaria suas responsabilidades como pai muito seriamente. Ele as levava seriamente!

A ponto de insistir que Annie se casasse com ele ou arriscasse uma batalha jurídica por Oliver. Como podia se permitir amá-lo de novo?

— Annie...? — Luc franziu a testa quando viu que os pensamentos dela... Quaisquer que fossem... A fizeram empalidecer e lhe deram aos olhos uma expressão assombrada. — O médico parece seguro de que Oliver poderá voltar para casa pela manhã.

Aqueles olhos de um azul profundo brilharam para ele com raiva.

— Em tempo para você tentar tirá-lo de mim! — Deu um passo protetor em direção à cama onde Oliver dormia.

Ahh...

Luc tinha certeza que Annie não tinha ideia de como parecia jovem e vulnerável enquanto o enfrentava com tanto desafio. Uma leoa protegendo seu filhote. Quando haviam se encontrado de novo no lago Garda e Luc descobrira que era Anna Balfour... Uma das notórias e caprichosas filhas de Oscar Balfour... Presumira muitas coisas sobre o caráter dela. Sobre sua adequação para ser a mãe de seu filho também, depois que descobrira a existência de Oliver.

Ao ver sua angústia com o acidente de Oliver, sua tensão na viagem de volta à Inglaterra e então observando como era terna e amorosa com o garotinho depois que chegaram ao hospital, Luc percebeu como tirara conclusões erradas. O amor de Annie

por Oliver era absoluto, um amor feroz e protetor que veria Luc no inferno antes de entregar o filho dela a ele.

Assim como fora necessário apenas um olhar para Oliver, um toque na mão delicada, para Luc se sentir tomado pelo mesmo amor feroz e protetor.

— Mamãe?

A atenção de Luc se voltou toda para o garotinho na cama quando Oliver acordou pela primeira vez desde que ele entrara, os olhos o mesmo azul profundo da mãe dele enquanto a olhava com tanta confiança.

— Oi, querido — disse ela, baixinho, sentando-se na beirada da cama para tirar com delicadeza um cacho na testa do menino. — Como está se sentindo agora?

Ele fez uma careta.

— Minha cabeça dói.

Ela o observou com ternura.

— Quer que eu vá pedir à enfermeira alguma coisa para fazer a dor ir embora?

— Sim, por favor, mamãe. — Oliver sorriu de leve.

Oliver parecia *tanto* com ele na mesma idade, reconheceu Luc dolorosamente, enquanto ficava atrás da cama, observando Annie e Oliver juntos. Os mesmos cachos negros, a mesma testa larga, o mesmo formato do rosto. Apenas o azul dos olhos dele era diferente. Lindos olhos de um azul profundo. Os olhos de Annie...

Ela olhou para ele, aqueles olhos cautelosos.

— Pode ficar com Oliver enquanto vou procurar a enfermeira?

Luc podia sentir um músculo pulsando no queixo rijo enquanto acenava.

— É claro.

Ela se voltou para Oliver e lhe apertou um pouco a mão enquanto se levantava e se afastava um pouco, deixando Luc visível para o garotinho.

— Oliver, este é Luc. Ele... Ele é um amigo meu — completou, desajeitada.

Oliver voltou os olhos azuis curiosos para a direção de Luc.

— Oi — cumprimentou, solene.

Havia um nó na garganta de Luc que o impediu de responder imediatamente. Uma onda de emoção que lhe dificultou a respiração.

— Luc? — chamou Annie, franzindo a testa diante do silêncio prolongado.

O que havia de errado com ele? Por que não dizia alguma coisa, não respondia ao cumprimento? Estaria aborrecido porque o apresentara a Oliver apenas como um amigo? Bem, teria que aguentar, porque Annie não tinha a menor intenção de contar a Oliver, doente e no meio da noite, que Luc era o pai dele. Haveria muito tempo para explicar as coisas quando ele estivesse em casa, no seu ambiente familiar, junto a pessoas que conhecia e amava. O que Luc certamente não era!

Luc pareceu se dar uma sacudidela mental antes de se aproximar da cama de Oliver.

— Tenho muito prazer em conhecê-lo, Oliver. — A voz era baixa e calorosa, e ele estendeu a mão para o garotinho. Uma formalidade que pareceu encantar Oliver quando ele apertou a mão grande e morena.

— Você estava na Itália com a mamãe? — perguntou, curioso.

Annie ergueu uma sobrelanceira zombeteira para Luc enquanto esperava que ele respondesse *àquela* pergunta!

— Eu moro na Itália, Oliver.

Os olhos do menino se abriram.

— Mora?

— Sou italiano e meu nome completo é Luca de Salvatore. *E você é meu filho...*

Annie quase pôde ouvir aquelas cinco palavras silenciosas no fim da sentença; silenciosas por enquanto. Ela se endireitou de repente.

— Voltarei em dois minutos — prometeu com firmeza antes de sair apressadamente do quarto.

Luc fechou um pouco a expressão à advertência que ouviu na voz dela. Como se esperasse que ele lhe tomasse o filho ali e agora. Forçou-se a sorrir, relaxado, quando se aproximou para se sentar na beirada da cama.

— Ouvi dizer que você teve uma briga com um cavalo hoje, é verdade? — provocou de leve.

— É, e perdi! — Oliver sorriu, mostrando pequenos dentes muito brancos e retos. Luc riu.

— Perdeu mesmo, mas o médico disse que você terá uma cicatriz muito impressionante quando sarar.

O garotinho pensou no assunto por um momento, então fez uma pequena careta.

— Não queria preocupar a mamãe.

Luc lhe deu um sorriso tranquilizador.

— Na minha experiência, as mães sempre se preocupam.

Oliver balançou a cabeça.

— Minha mamãe sorri e ri muito.

— É mesmo?

O garotinho assentiu.

— Mas não quando tem que viajar a negócios para o vovô, é claro. Então ela fica aborrecida porque realmente não quer ir.

Da boca de bebês e inocentes...

O quadro que Oliver fazia de Anna Balfour como sua mãe era cheio de calor e amor e risada. Com uma definitiva aversão a "viajar a negócios para o vovô".

Luc sorriu de novo para Oliver.

— Mas não é por muito tempo, é?

Oliver deu de ombros.

— Mesmo assim, ela não gosta.

A própria Annie dissera isso a Luc. Explicara que trabalhava para o pai porque era mãe solteira e, longe de ser uma das mimadas e caprichosas irmãs Balfour, sentia que precisava trabalhar em alguma coisa para se sustentar, mesmo fazendo alguma coisa de que não gostava.

Então a pergunta surgiu: o que Annie teria feito com sua vida se não tivesse ficado grávida quatro anos e meio antes, se Luc não a tivesse deixado sozinha e grávida? A tensão de Luc era tão palpável que, quando Annie voltou ao quarto, quase

sentiu como se pudesse tocá-la, fazendo-a se perguntar sobre o que ele e Oliver haviam conversado em sua ausência.

— Eu lhe trouxe um café — disse a Luc enquanto atravessava o quarto com duas xícaras. Quase deixou derramar o de Luc no pires quando sentiu o leve toque dos dedos dele nos dela quando ele estendeu a mão para pegar sua xícara. — Então, como vocês se deram na minha ausência? — perguntou Annie, alegre, enquanto se aproximava da cama do filho.

Oliver sorriu para ela.

— Luc disse que vou ficar com uma cicatriz muito impres... impressora quando o corte sarar.

— Impressionante — corrigiu Annie.

Manteve, deliberadamente, o olhar afastado de Luc depois de sua reação ao simples toque dos dedos dele nos dela. Embora não fosse capaz de se impedir de se sentir totalmente consciente dele, em pé do outro lado da cama.

Não era justo, simplesmente não era justo que reagisse desta maneira ao mais leve toque de Luc. Tudo seria muito mais fácil se apenas pudesse odiá-lo. Mas se apaixonara por ele... De novo. O que tornaria as coisas muito mais constrangedoras quando se recusasse a se casar com ele e Luc tentasse tirar Oliver dela.

Ficaram do mesmo lado quando a enfermeira entrou no quarto para verificar como Oliver estava e lhe dar o remédio líquido que amenizaria sua dor.

— Obrigado pelo café — murmurou Luc, a expressão fechada.

— De nada — descartou Annie enquanto observava o filho conversar alegremente com a enfermeira.

Luc respirou fundo diante da frieza dela.

— Prefere que não fique aqui esta noite?

— Qual seria sua reação se eu dissesse sim?

Luc sorriu de leve.

— Então eu respeitaria sua vontade e iria embora, é claro.

Os olhos dela se abriram, incrédulos, enquanto olhava para ele.

— Mesmo?

— Não sou um monstro, Annie — disse, tranquilo.

— Nunca disse que é.

— Mas pensou — adivinhou Luc, agora aborrecido. Ela cerrou os lábios e afastou o olhar.

— Talvez. Ele respirou fundo.

— Oliver é uma linda criança.

— Sim, é.

— Uma criança linda e feliz.

O queixo dela enrijeceu.

— Sim.

— E você é claramente uma mãe maravilhosa.

Annie se virou para ele com impaciência, a irritação lhe provocando rugas na testa.

— Mas saber disto não vai impedi-lo de tentar tomá-lo de mim, vai? — sibilou baixinho.

Luc franziu a testa profundamente.

— Você ainda rejeita a ideia do casamento? Não acha que será bom para Oliver viver com o pai e a mãe?

O queixo dela se ergueu, teimoso.

— Não se isto significa que tenho que me casar com *você*, não! Agora, se me der licença...? — Colocou a xícara vazia sobre a mesa. — Gostaria de me sentar com Oliver até ele adormecer. — Aproximou-se da cama de Oliver, agora que a enfermeira já se retirara, sentou-se e mais uma vez segurou a mão do filho enquanto lhe murmurava palavras suaves de consolo.

Luc continuou em pé do outro lado do quarto, pela primeira vez em sua vida bem organizada completamente perdido, sem saber como agir. O casamento e a produção de herdeiros necessários para um dia tomarem as rédeas do império De Salvatore tinham sido questões que Luc aceitara que tinha que enfrentar em algum momento do futuro, um futuro distante. Descobrir que tinha um filho o fizera repensar aqueles planos e decidir que se casaria com Anna Balfour agora para legitimar o filho. Considerara a recusa dela apenas um obstáculo que precisava vencer, um obstáculo, que, se ela persistisse em sua recusa, atropelaria ao reclamar legalmente Oliver como seu filho e herdeiro. A família Balfour podia ser rica e poderosa, mas os últimos quatro anos haviam garantido que Luc era ainda mais!

Tinha sido uma decisão que, como todas as que Luc tomava, se baseava nos fatos frios e concretos e não em emoções. Luc certamente não estava preparado para o que sentiria quando visse Oliver pela primeira vez. O sentimento instantâneo e avassalador de amor que o tomara e o capturara numa única batida do coração.

O mesmo amor avassalador que Annie tão claramente sentia pelo filho. A mesma adoração que Oliver sentia pela mãe que o amara sem egoísmo e cuidara dele desde que nascera.

Seria Luc agora o fator que separaria aquelas pessoas calorosas e amorosas uma da outra? Seria mesmo capaz de fazer isto com qualquer um dos dois? Com Oliver... com Annie... Com aquela mesma mulher apaixonada que Luc segurara nos braços apenas algumas horas antes e com quem fizera um amor intenso, plenamente retribuído por ela?

A emoção não tivera lugar na vida de Luc nos últimos anos e agora estava tomado por emoções demais, emoções que tornavam a visão prática e lógica e fria uma idiotice. Emoções que faziam seu coração doer e derrubavam as barreiras que erguera com tanto trabalho em torno de seus sentimentos, em sua determinação férrea de reconstruir o império De Salvatore e torná-lo maior e mais poderoso do que nunca...

— Luc? Luc! — repetiu Annie, insistente, enquanto ele parecia tão perdido em pensamentos que não a ouvira da primeira vez. — Oliver está dormindo e acho que devemos tentar descansar algumas horas — explicou suavemente quando aqueles olhos negros finalmente se voltaram para ela, numa pergunta silenciosa.

Sem dúvida Luc estava fazendo planos para encontrar a melhor maneira de tomar

Oliver dela sem grandes problemas para si mesmo, pensou Annie, furiosa.

Ele acenou, mostrando que compreendera.

— Estarei de volta daqui a pouco. — Dirigiu-se para a porta.

— Para onde vai?

— Preciso de um pouco de ar fresco antes de dormir — disse, e então saiu.

Annie olhou, furiosa, para a porta fechada, mas não havia nada que pudesse fazer agora que ele saía.

— Ótimo — murmurou antes de pegar sua bolsa com os objetos necessários para passar a noite e entrar no banheiro. Fechou a porta com firmeza e silêncio assim que entrou.

Não havia jeito nenhum, disse Annie, determinada, a seu reflexo desarrumado no espelho sobre a pia, jeito nenhum neste mundo que a fizesse permitir que Luc tomasse Oliver dela e da família que o amava.

— Aposto que está com o advogado dele bem agora, conspirando e planejando a melhor maneira de me tomar Oliver! — disse Annie, furiosa, na manhã seguinte, enquanto andava pela sala de estar de Tilly no chalé nos terrenos da Mansão Balfour.

Como prometido, Oliver recebera alta do hospital no começo da manhã e Luc levava os três para o chalé. Luc carregara um adormecido Oliver para seu quarto e esperara até que estivesse confortavelmente instalado antes de pedir licença e sair para um compromisso em Londres.

Como Luc nem soubera antes que estaria na Inglaterra naquele dia, para Annie aquele compromisso de negócios podia ser para discutir apenas uma coisa!

— Talvez você o tenha interpretado mal, querida. — A expressão preocupada de Tilly desmentia seu tom tranquilo.

Annie deu um olhar de pena para a mãe.

— Você não pode ser tão ingênua assim, mamãe; foi casada com o mais ditatorial dos ditadores arrogantes por quatro anos, pelo amor de Deus!

— Eu realmente não posso permitir que fale assim sobre seu pai, Annie. Além disso, Oscar jamais sugeriu que tomaria minhas filhas de mim quando nos divorcíamos — defendeu o ex-marido.

— Só porque não saberia o que fazer conosco se tivesse! — comentou Annie, desgostosa.

A mãe demonstrou seu aborrecimento com um som meio engasgado.

— Annie, seu pai é meu melhor amigo.

— Eu sei, mamãe — suspirou pesadamente enquanto se deixava cair numa poltrona. — Desculpe, não quero atormentá-la; apenas... — Deixou escapar um gemido de frustração. — Não o compreendi mal, mamãe, Luc foi perfeitamente claro quando me disse que ou me casava com ele, ou levaria o filho embora por qualquer outro meio.

Luc se recusara a conversar quando voltara de sua caminhada na noite anterior e de novo esta manhã, durante a viagem de volta à Mansão Balfour. Annie também não estava se sentindo muito comunicativa, depois de passar uma noite quase sem dormir, alternadamente verificando como estava Oliver e tentando ignorar a presença perturbadora de Luc na cama ao lado da dela.

Mas não precisava estar completamente acordada para saber o motivo por que Luc desaparecera tão abruptamente para visitar Londres logo depois de chegarem à Mansão Balfour.

— Seu pai *jamaiz* permitiria...

— Não sei como ele poderia impedir, quando Luc é tão claramente o pai de Oliver.

— A expressão de Annie era furiosa, sua feroz determinação da noite anterior gravemente abalada pela noite de insônia.

Gostaria de ter o otimismo da mãe, realmente gostaria, mas quanto mais pensava no quanto Luc queria Oliver, no amor que vira brilhando naqueles olhos negros quando viu o filho pela primeira vez, menos segura Annie se sentia em sua capacidade de impedi-lo de lhe tomar Oliver.

O que deixava um casamento sem amor entre ela e Luc como a única opção viável... E uma contra a qual Annie lutaria com todas as suas forças!

Como poderia se casar com Luc quando, para ele, era apenas um detalhe de uma forma tranquila e sem problemas de ter Oliver? Quando estava tão desesperadamente apaixonada por ele e seu amor não era retribuído como ele demonstrara com tanta clareza?

— Annie, estou ansiosa para conversar com você sobre esta situação. — Sua mãe a olhou, curiosa. — Como conheceu Luca de Salvatore e então... bem... — Tilly fez uma pequena careta.

— E então fui para a cama com ele? — terminou Annie secamente. — Falta de sorte! — resmungou, quase que para si mesma. — Pura falta de sorte!

— Não foi a mais lisonjeira descrição que já ouvi das minhas habilidades no quarto de dormir — disse Luc enquanto entrava confiantemente na sala de estar, muito moreno e bonito numa camisa polo branca e calça preta feita sob medida. — Sra. Williams — cumprimentou Tilly com uma sobrelanceira erguida em deboche. — A senhora se incomodaria muito de nos deixar a sós por alguns minutos para que Annie e eu conversemos?

— Não tenho nada para lhe dizer — disse Annie, defensiva, enquanto se levantava da poltrona.

Luc observou-a com as pálpebras baixas, notando as sombras escuras sob os olhos e a palidez do rosto, sem dúvida resultado da falta de sono na noite anterior. Luc também não dormira nada na noite anterior, seus pensamentos ainda muito confusos apesar da longa caminhada que fizera. A angústia de Annie, enquanto estava deitada ao lado dele, com os olhos secos, mas profundamente atormentada, apenas aumentara seu tumulto interno.

Apenas a total consciência física de Annie e o conhecimento de que recusaria qualquer conforto que ele pudesse oferecer o impediram de sair da própria cama, se deitar ao lado dela e tomá-la nos braços. Isto e a certeza de que não conseguiria se controlar e lhe ofereceria apenas conforto!

Mesmo agora, usando uma camiseta preta e jeans apertado também preto, que pouco fazia para amenizar sua palidez e seus olhos pesados, Annie ainda era a mulher mais desejável que Luc já conhecera.

Sua boca afinou.

— Mas *eu* preciso dizer algumas coisas a *você* — disse ele com firmeza.

— Já contei à minha mãe que *você* tem a intenção de pedir a custódia legal de Oliver.

— Não tenho a intenção de pedir a custódia de Oliver — respondeu Luc, zangado. Annie olhou para ele, revoltada.

— Ainda acha que pode me forçar a me casar com *você*?

— Não, também não penso mais nisso — admitiu, tenso. Ela abriu os olhos.

— Então...

— Importa-se de nos deixar a sós, sra. Williams? — pediu Luc de novo com suavidade.

— De maneira nenhuma. — Tilly se levantou graciosamente. — Vou só até a lavanderia, querida — assegurou a Annie enquanto saía e fechava a porta.

E deixando Luc como o único foco dos olhos azuis e atormentados da filha.

Capítulo Doze

— Mas não compreendo — disse Annie, parecendo perplexa.

Luc dissera que não pretendia mais pedir a custódia de Oliver e que também não forçaria Annie a se casar com ele. Então, o que faria? Certamente não esperava que os dois apenas fossem viver com ele em Roma?

Ele deu um sorriso triste.

— Me diga, Annie, como teria se sentido, reagido, quando nos encontramos de novo no lago Garda se não houvesse Oliver para... complicar a coisas, digamos?

Ela ruborizou.

— Mesmo sem Oliver, *você* ainda me consideraria uma das notórias irmãs Balfour — lembrou ela. O queixo de Luc enrijeceu.

— Eu perguntei como *você*, não eu, teria se sentido sobre nosso segundo encontro, se Oliver não fosse uma consideração.

Exatamente como se sentira, mesmo sabendo da existência de Oliver; apaixonara-se por Luc de novo. Não, Annie já havia compreendido que jamais deixara de amá-lo...

Ela abriu as mãos em negação.

— Lamento, não consigo imaginar um mundo onde Oliver não existe.

Luc inspirou profundamente quando as palavras de Annie o atingiram com a força de um golpe no peito. Havia se passado apenas algumas horas desde que Luc vira o

filho pela primeira vez, mas também não conseguia mais imaginar um mundo onde Oliver não existisse. Assim como não podia imaginar um mundo sem Annie Balfour.

— Ele realmente é uma criança adorável.

— Sim, ele é — confirmou Annie, rouca.

— Graças a você.

— Oh, você vai descobrir que há mais pessoas envolvidas nisto. Tilly, Oscar, minhas irmãs — explicou com uma expressão de desafio quando Luc olhou para ela interrogativamente.

Luc sabia que Annie tinha razão de se sentir como se sentia; ele julgara todas aquelas pessoas, toda a família de Annie, com base nas manchetes sobre elas que apareciam com tanta frequência nos jornais.

Mas enganara-se em relação a Annie e, conhecendo agora Tilly Williams, soube que também errara em suas avaliações sobre ela; e quase certamente também julgara mal Oscar Balfour e suas muitas filhas.

Luc sorriu.

— Tenho orgulho de Oliver ser meu filho.

— E deve ter mesmo! — reprovou Annie, indignada. Aquela leoa defendendo seu filhote de novo...

— Você ainda não respondeu à minha pergunta original — lembrou Luc.

— Como eu me sentiria ao encontrá-lo de novo no lugar Garda se não tivesse ficado grávida quatro anos e meio atrás? — repetiu Annie secamente. — Humm, vamos ver. — Sua expressão era mais de deboche enquanto parecia pensar na pergunta. — Conheci um italiano selvagem e sexy nas trilhas de esqui...

— Selvagem e sexy? — Engasgou Luc, se encolhendo de constrangimento.

— Selvagem e sexy — repetiu Annie com firmeza, sabendo que era exatamente assim que Luc lhe parecera tantos anos atrás. — Nós descemos a montanha de esqui juntos; ele me convidou para visitar seu chalé, para comer e beber, e passamos toda a noite juntos. Nos separamos no dia seguinte, depois de combinarmos de nos encontrar de novo no restaurante para jantar. E então... puf!... Este selvagem e sexy italiano fez um ato mágico de desaparecimento exclusivo para mim. — A voz ficou dura quando lembrou sua humilhação, quando Luc não fora se encontrar com ela aquela noite como planejado. Quando ficara sentada sozinha no restaurante por mais de uma hora, certa de que Luc se juntaria a ela a qualquer momento e que fora inevitavelmente detido. E ele fora *inevitavelmente detido* por quatro anos e meio!

Luc franziu a testa, a expressão sombria.

— Houve uma razão muito boa para eu não me encontrar com você para o jantar aquela noite...

— Oh, tenho certeza que houve — desdenhou Annie, dois pontos brilhantes de cor no rosto pálido. — Talvez precisasse lavar os cabelos? Ou havia alguma coisa na televisão que queria assistir? Ou talvez tenha apenas decidido procurar alguém que fosse um desafio maior! — acusou, mais do que um pouco desgostosa consigo mesma.

Ainda queimava de constrangimento cada vez que se lembrava de como fora fácil para Luc conquistá-la. Alguns sorrisos, aquele olhar sexy, uma carícia, um beijo ou dois

e se transformara em geleia nas mãos dele!

Balançou a cabeça para livrar-se dos pensamentos desagradáveis.

— Como me sentiria ao ver aquele homem de novo alguns anos mais tarde? Exatamente como me senti quando o vi de novo dois dias atrás, Luc... Queria dar um soco no seu nariz arrogante!

Luc respirou fundo, sabendo que merecia totalmente a condenação de Annie, que seu comportamento tinha sido completamente vergonhoso. Muito mais do que poderia ter imaginado, quando uma criança fora o resultado da noite que passaram juntos. Uma criança pela qual Annie assumira total responsabilidade. Que não tivera escolha, já que Luc desaparecera tão completamente!

Seu queixo ficou mais rijo.

— Eu lhe devo uma explicação pela maneira como viajei tão de repente aquele dia, sem deixar uma mensagem no restaurante.

— É tarde demais para explicações — zombou. — Então, e se você tivesse aparecido para o jantar aquela noite, Luc? — continuou, impaciente, quando ele tentou protestar. — No máximo, teríamos mais alguns dias de um romance de férias antes que eu voltasse para a Inglaterra. Ou poderíamos ter nos encontrado e decidido que não gostávamos um do outro o bastante para ter nem mesmo isto. — Deu de ombros — Seu método de terminar as coisas pode ter sido rude, mas, pensando bem, sua decisão de não continuar o relacionamento provavelmente foi a correta.

Luc pedira a Annie que fosse franca e sem dúvida ela estava sendo!

— Se eu não tivesse partido tão subitamente, você poderia, pelo menos, ter o nome do pai do seu bebê — disse ele, a voz rascante.

— Um nome, talvez — aceitou ela friamente. — Mas saber que seu nome é Luca de Salvatore não faria diferença nenhuma nas decisões que tomei quando descobri que estava grávida.

Os olhos de Luc entrecerraram.

— Mesmo assim você não me teria contado?

Annie percebeu como Luc estava zangado pela forma como seu sotaque se tornara mais acentuado.

— Mesmo assim, não lhe teria contado — disse francamente.

— Por que não?

— Oh, pelo amor de Deus, Luc! — Fez um movimento impaciente. — Isto! Seria por isto que não lhe contaria! Porque, se contasse, terminaríamos tendo esta mesma discussão quatro anos atrás em vez de agora. Com você exigindo que me casasse com você, ou tentaria me tomar Oliver. Eu disse *tentaria*, porque não tenho a menor intenção de permitir que você vença esta batalha. — A postura era de puro desafio. — Assim como não me casarei com um homem apenas porque ele é o pai do meu filho.

Era a resposta que Luc esperava, a única resposta que podia esperar quando, para Annie, jamais seria mais do que apenas o pai do filho dela.

Abaixou as pálpebras para esconder a expressão dos olhos.

— Quando nos conhecemos, você estava no último ano da faculdade, para tirar seu diploma de Inglês...

— Não me lembro de ter lhe contado isto — cortou Annie, cheia de suspeitas.

— Não contou. Na ocasião, eu sabia apenas seu primeiro nome e que tinha uma tatuagem sexy de um unicórnio na base das costas.

— Então, como...? Você mandou me investigar! — Annie ignorou a observação sobre o unicórnio enquanto a indignação crescia. — Você contratou algum nojento investigador particular para lhe contar cada pequeno detalhe da minha vida! — A cor zangada lhe tomou o rosto de novo.

Luc se encolheu um pouco.

— Meu assistente me forneceu as informações necessárias, não um nojento investigador.

— É o *por que* e não o *quem* que me interessa! — desafiou.

— Estava procurando alguma coisa para usar contra mim numa batalha legal pela custódia, Luc? Porque, se estava, então garanto que perdeu seu tempo! Eu...

— Eu lhe disse que *não* haverá uma luta pela custódia, Annie — interrompeu Luc rapidamente.

— Porque ainda acha que pode me forçar a me casar com você!

Luc balançou a cabeça tristemente.

— Não, você finalmente me convenceu de sua determinação em relação a este assunto também.

Annie andou pela sala, inquieta.

— Então, por que mandou me investigar, Luc? Por que está me perguntando sobre meu diploma? Que relevância estas coisas podem ter no aqui e agora?

Ele deu de ombros.

— Queria saber o que teria feito com o diploma se não tivesse tido Oliver.

— E por que queria saber? — A suspeita era cada vez maior na expressão dela.

Luc suspirou, impaciente.

— Esta conversa poderia progredir melhor se você parasse de ser tão defensiva.

— Defensiva é como você me faz me sentir, Luc — admitiu com firmeza.

Luc estava bem consciente disto, assim como estava consciente de que Annie tinha bons motivos para se sentir daquela maneira depois do seu comportamento nos últimos dois dias.

— Talvez possamos nos sentar por alguns momentos, respirar fundo e então conversar calmamente, como os adultos que somos? — pediu, razoável.

Poderiam? De alguma forma, Annie duvidava muito. Havia história demais entre eles, passada e presente, para qualquer um deles ficar calmo por muito tempo.

— Podemos tentar — concordou de má vontade, sentando-se numa das poltronas.

— Isto é tudo que estou pedindo — disse Luc enquanto também se sentava. — Qual era seu objetivo em se diplomar em Inglês? Não acredito que fosse com a intenção de trabalhar para seu pai.

— Dificilmente — disse Annie secamente. — Não... — descansou a cabeça no encosto da poltrona —... Queria ensinar e talvez me tornar a Jane Austen do século XXI nas minhas horas de folga.

Luc ergueu as sobrancelhas em surpresa.

— Ensinar e escrever?

Annie olhou para ele sem expressão.

— Sim — confirmou apenas —, mas meu pai decidiu que era hora de me preparar para me tornar parte da alta administração do seu império. — Fez uma careta horrorizada.

— Você tem um talento natural para isto, acredito — assentiu Luc. — Já implementei as mudanças para sanar as deficiências que você observou no meu hotel no lago Garda — explicou diante do olhar interrogador de Annie.

— Você fez isto? Ele sorriu.

— Falei com o gerente ontem.

— Oh.

— Mas ter um talento natural para alguma coisa não significa que é isto que deve fazer—continuou Luc. — Oliver me contou que você não gosta de fazer viagens de negócios para seu pai.

— Contou? — Annie sorriu, amorosa, ao pensar no filho. — Ele está certo, é claro. Oh, não tenho dúvidas de que sou mais do que capaz de realizar o trabalho...

— Mas?

— Mas... — suspirou, cansada —... Não é realmente o que sonhava para o meu futuro quando tinha 18 anos.

— Tenho certeza que aos 18 anos você também não pensava em se tornar mãe solteira aos 21 anos! — lembrou Luc.

Os olhos de Annie eram calmos ao encontrar o brilho escuro do olhar dele.

— Jamais lamentei ter Oliver, Luc, nem mesmo por um momento — acrescentou para enfatizar.

Não, Luc acreditava que não lamentara.

— E se você pudesse ter as duas coisas? — perguntou, a voz suave. — Se pudesse ser mãe de Oliver e realizar seus sonhos de ensinar e escrever ao mesmo tempo?

— O que eu poderia fazer se me casar com você, sem dúvida — disse Annie.

— Sem dúvida. — Luc sorriu sem humor. — Mas já descartamos esta opção, não é?

— Sim, eu já, mas não tenho certeza se você descartou.

Luc percebeu a cautela na voz dela. Uma cautela que ele bem merecia.

— Annie, fui a Londres esta manhã para ver meu advogado e pedir a ele que prepare os documentos necessários para a custódia...

— Eu *sabia!* — Ela se levantou de repente, o olhar acusador preso no dele. — Era isto que estava planejando o tempo todo, não era? Mandar me investigar, encontrar alguma coisa que pudesse usar contra mim... Embora não tenha ideia do que possa ser, já que vivi como uma freira nos últimos quatro anos... E então me obrigar a assinar os documentos que lhe darão a custódia de Oliver! Bem, não vou assinar nada, Luc, nem agora nem *nunca!*

— Fechou os punhos para esconder como suas mãos tremiam. Luc não tinha dúvidas sobre a profundidade da raiva de Annie.

Podia vê-la no brilho furioso dos olhos azuis, no rubor do rosto e na posição

teimosa do queixo. Assim como estava consciente de uma leveza ao saber que Annie tinha "vivido como uma freira" nos últimos anos. Embora seu comportamento na tarde do dia anterior, quando voltaram do passeio de moto, não pudesse ser considerado o de uma freira.

— Como sempre, você prefere não me compreender. — Suspirou.

— Não sei por que, mas duvido! Luc balançou a cabeça, cansado.

— Os documentos que mandei preparar não se referem à retirada de Oliver de você, mas lhe dão custódia plena, com direitos razoáveis de visita para mim, quando e se você, como mãe dele, permitir.

Annie olhou para ele completamente atônita. A mente era um vazio total.

— Também estabelecem segurança financeira para você e Oliver, para que você não sinta que precisa trabalhar em nada, se não quiser — acrescentou Luc, calmo.

O quê?

— Não compreendo — conseguiu dizer Annie finalmente, parecendo aturdida.

Luc ergueu uma sobrancelha.

— Em vez de lutar pela custódia de Oliver, vou providenciar segurança financeira para vocês dois.

— Por quê? — perguntou, ainda o olhando com cautela.

— Porque é a coisa certa a fazer — disse Luc, os dentes cerrados —, porque não acredito mais que tenho o direito de lhe tomar Oliver. - Flexionou os ombros tensos. — Até ver Oliver ontem, ele não era real para mim como uma pessoa, com direitos próprios. Um garotinho com sentimentos e necessidades próprios. Observando-os juntos ontem, aquele laço especial que vocês têm, compreendendo os sacrifícios que você fez de sua vida desde que ele nasceu, percebi que não tenho o direito nem mesmo de tentar tirá-lo de você. — Sua expressão era extremamente triste. — Abri mão desse direito quatro anos e meio atrás, quando desapareci tão repentinamente de sua vida e a deixei sozinha para lidar com os resultados de nossa noite juntos.

Emoções lutavam profundamente em Annie. Sensações de alívio e felicidade por Luc não querer mais nem tentar tirar Oliver dela e muito menos obrigá-la a se casar com ele. Seguidas pela dor intensa de saber que a desistência de Luc significava que ele desapareceria de sua vida pela segunda vez e que o único contato que teriam nos anos futuros seria quando ele fosse buscar Oliver para passar alguns dias com ele ou quando voltasse para devolvê-lo. Anos em que ela teria que ficar de longe e ver Luc se casar com outra mulher, ter filhos com outra mulher, envelhecer com outra mulher, amar outra mulher... , Ela engoliu com força.

— Você disse que teve um bom motivo para desaparecer aquele dia há quatro anos e meio.

— Na ocasião, achei que fosse um bom motivo — reconheceu — mas não aceitável quando comparado com o que você sofreu quando seu amante italiano "selvagem e sexy" foi também um egoísta!

— Ei, jamais pensei que sofri por escolher ter Oliver — irritou-se Annie. — Nada pode se comparar à sensação de ser mãe dele; sinto-me privilegiada. Oliver tem sido a maior alegria, a experiência mais maravilhosa de toda a minha vida.

Mais uma vez Luc sentiu aquela dor no peito ao reconhecer o amor incondicional de Annie por Oliver. Por seu filho, não por ele.

— Talvez — começou, a voz embargada — depois de cuidarmos dos aspectos legais da custódia de Oliver, você considere a possibilidade de jantar comigo uma noite qualquer?

— Está me convidando para jantar com você? — repetiu, um pouco incrédula.

O olhar de Luc não se afastou do dela enquanto assentia.

— Sim, estou. Eu gostaria muito.

Annie se sentiu meio tonta enquanto era atingida por uma surpresa depois da outra. Estava apenas começando a acreditar que Luc não iria mais lutar pela custódia de Oliver ou forçá-la a um casamento sem amor e agora parecia que a convidava para sair, como num encontro!

— Por que não foi se encontrar comigo para jantar aquela noite, tantos anos atrás?

Luc respirou fundo com dificuldade.

— Como posso explicar? Você tem razão ao me descrever como selvagem naquela época. Não apenas selvagem, mas também totalmente irresponsável — acrescentou com sinceridade. — Como já lhe contei, foi esta minha completa irresponsabilidade que quase causou a ruína dos negócios do meu pai e lhe provocou um ataque cardíaco que o levou à beira da morte. — O rosto inexpressivo não escondia a dor que sentia. Annie ficou atônita.

— Isto aconteceu *naquela ocasião!* Foi por isto que desapareceu tão subitamente, em vez de me encontrar para jantar?

— Sim. — Um músculo pulsava no queixo rijo de Luc. — Saíra de Roma apenas alguns dias antes, como o sujeito mimado e desafiador que era, e deixei para meu pai a tarefa de arrumar sozinho a confusão que havia causado. E isto quase o matou — acrescentou a voz inexpressiva.

Annie conhecia um pouco da culpa e da dor que Luc devia estar sentindo... Era a mesma dor e a mesma culpa que sentira quando tivera que contar ao pai que estava grávida. A mesma determinação que sentira de compensar seu erro concordando em trabalhar para Oscar, embora não fosse aquilo que realmente queria fazer.

A mesma culpa e dor que resultaram numa determinação absoluta, implacável em Luc, fazendo dele o homem duro e impiedoso que era hoje.

O homem por quem Annie se apaixonara de novo... Mas, pelo menos, agora sabia o motivo por que Luc a deixara sozinha naquele restaurante.

— Então, desta vez você irá?

— Desculpe?

— Se eu concordar em sair para jantar com você, vai aparecer desta vez?

Ainda não fazia a menor ideia de por que Luc a convidara, mas amando-o como o amava e tendo sua garantia de que o peso enorme da luta pela custódia de Oliver fora retirado da equação, certamente não era um convite que Annie pretendia recusar.

O fantasma de um sorriso surgiu no rosto de Luc.

— Você jamais saberá o quanto me arrependo de não ter ido me encontrar com

você aquela noite.

Annie observou-o cuidadosamente, precisando saber o que havia atrás daqueles enigmáticos olhos negros. Desejando, de todo o coração, saber por que Luc a convidara. Bem, só havia uma forma de descobrir a resposta para isto!

— Se está me convidando para jantar apenas para conversarmos sobre Oliver...

— Adoraria conversar sobre Oliver... O puro milagre que ele é!... As 24 horas do dia — admitiu Luc. — Mas eu... nós... Não precisamos falar nada sobre ele. Quero passar algum tempo com você, Annie, para conhecê-la melhor e para que você me conheça. Você virou meu mundo de cabeça para baixo nestes últimos dois dias — acrescentou, emocionado.

— Por causa de Oliver...

— Não, *não* por causa de Oliver! — insistiu Luc.

Como poderia explicar aquilo a Annie? Como poderia fazê-la compreender as coisas que descobrira sobre si mesmo na noite anterior, quando saíra para caminhar do lado de fora do hospital com tanta inquietude?

Que era ela, e apenas ela, que provocara as mudanças nele. Que, desde que a encontrara de novo, ela demolira completamente as defesas que construía tão firmemente em torno de suas emoções. Que suas emoções agora estavam totalmente comprometidas, tão expostas que se sentia vulnerável de uma forma que não acreditara ser possível. De alguma forma, Luc sabia que precisava tentar... Mais do que tentar!... Fazer Annie acreditar naquelas mudanças ou se arriscaria a perdê-la para sempre.

— Annie, meu convite para jantar não tem relação nenhuma com Oliver — disse Luc com firmeza. — Estou pedindo que me dê a oportunidade de... De cortejá-la, se é esta a palavra, do modo antigo.

Ela ficou completamente imóvel.

— Por quê? — Sentia dificuldade de respirar.

Luc respirou fundo e decidiu arriscar tudo numa última jogada do dado:

— Porque eu amo você. Porque, desde que a encontrei de novo há dois dias, passei a admirá-la e a amá-la mais do que qualquer outra mulher na Terra. Porque o pensamento de ter que permitir que você se afaste da minha vida pela segunda vez está me destruindo completamente!

As mãos dele estavam fechadas com força nas laterais do corpo, o queixo tão rijo que parecia em risco de quebrar com a pressão.

Annie olhou para ele, apenas olhou. Estava completa e absolutamente atônita pelo que Luc acabara de dizer, por sua aparência. A dor na escuridão dos olhos e a tensão em seu rosto e em seu corpo eram evidências claras de como a resposta de Annie à sua declaração era importante para ele.

Luc a *amava*!

De alguma forma, durante a confusão e à dor e a raiva dos últimos dois dias, Luc conseguira se apaixonar por ela?

Mas por que não? Afinal, ela não tinha se apaixonado por ele de novo durante aqueles mesmos dois dias?

Mesmo assim, hesitava:

— Tem certeza que isto não tem relação alguma com Oliver?

Luc deixou escapar um longo suspiro.

— O fato de que estou entregando a custódia plena de Oliver a você, abrindo mão de todos os direitos sobre ele, a não ser aqueles que você permitir, não lhe mostra que não tem? Que estou fazendo tudo isto porque não suporto o pensamento de magoar você? Mais do que já magoei, é claro — acrescentou, seco. — Annie... — deu um passo à frente para colocar as mãos de leve nos ombros dela, enquanto a olhava intensamente —... Tudo o que estou pedindo é a chance, a oportunidade de...

— Me cortejar — terminou Annie, uma bolha de felicidade, de felicidade pura e absoluta, começando a se formar dentro dela.

— Não há esperança, há? — Ele gemeu, agitado, libertando-a para passar uma das mãos pelos cabelos. — Por que estou até mesmo me esforçando para dizer estas coisas a você? É claro que você não quer sair para jantar comigo, não quer que nos conheçamos melhor. — A expressão era severa. — Por que iria me querer perto de você, quando tudo o que fiz foi ameaçá-la ou fazer amor com você desde o momento em que nos encontramos de novo? — Balançou a cabeça. — Lamento, Annie, lamento muito, muito!

— Virou-se de repente, a expressão desolada quando saiu da sala. Annie não conseguiu se mover por diversos segundos; o som da porta da frente se fechando a despertou daquela apatia e a fez entrar em ação. Correu para a porta e a abriu.

Luc estava de costas para ela, abrindo a porta do carro.

— Para onde você vai? — perguntou, ainda tonta.

Os ombros enrijeceram antes de ele se voltar lentamente para ela.

— Vou voltar, apenas preciso de algum tempo sozinho. Como você também, sem dúvida, precisa de algum tempo longe de mim. — Os olhos não eram mais negros e sem remorso, mas da cor de chocolate quente, e aquele nervo denunciador pulsava no rosto tenso.

A bolha de felicidade dentro de Annie cresceu, então cresceu mais ainda, até que ela se sentiu prestes a explodir com ela. Recostou-se no umbral da porta.

— Sabe, Luc, nos últimos dois minutos você apenas fez perguntas e respondeu-as você mesmo. Se continuar assim, posso precisar tentar outro golpe de judô em você, para conseguir dizer alguma coisa — provocou, lembrando-se exatamente do que acontecera da última vez que tentara.

Era evidente que Luc também se lembrava; sua expressão suavizou ligeiramente quando lhe respondeu:

— Desta vez provavelmente a deixarei vencer.

— Me deixar vencer? — repetiu Annie, seca. — Agora, isto é um desafio, se já ouvi algum! — Andou lentamente em direção a ele.

Luc baixou o olhar para Annie quando ela parou diante dele, o sol destacando as luzes vermelhas nos cabelos dela e seus olhos azuis como o mar do Caribe num rosto jovem e lindo.

Annie era *tão petite* e, no entanto, ao mesmo tempo, *tão forte*; tinha que ser

para enfrentá-lo, como fizera nos últimos dois dias. Tão jovem e, no entanto, e ao mesmo tempo, tão sábia. E segurava o coração de Luc nas palmas das mãos pequeninas...

Ele estendeu uma das mãos e segurou-lhe as duas.

— Lamento realmente o modo como me comportei com você, Annie.

— O quanto você lamenta?

— Lamento *muito*.

— E...? .

— Realmente lamento muito, muito?

— E...? — repetiu, um pouco frustrada.

Luc franziu a testa, perplexo.

— Não compreendo. Annie suspirou.

— Esta era sua dica para repetir o convite para jantar. Na verdade, para repetir todas as perguntas que fez. Oh, que inferno! — Desistiu e jogou os braços em torno do pescoço de Luc, deixando que toda a sua alegria e toda a sua felicidade transparecessem. — Esqueça as perguntas... Minha resposta é sim! — Sorriu para ele, o rosto brilhando.

Os braços de Luc apertaram possessivamente a cintura esguia enquanto a olhava, faminto.

— Vai permitir que eu a leve para um encontro? Que a corteje? Para mostrar-lhe o quanto eu a amo?

— Sim. Não. E, sim, muito — respondeu Annie, o coração mais leve do que já estivera por muito tempo. — A qualquer momento, em qualquer lugar!

Luc a amava. Realmente a amava.

Annie soube... não tinha absolutamente nenhuma dúvida... Que nada mais na Terra poderia ter convencido Luc a desistir de ter a custódia de Oliver, a menos que a amasse muito, muito mesmo.

— Sim, posso levá-la para jantar? — perguntou Luc lentamente. — Não, não posso cortejá-la? E, sim, posso mostrar o quanto a amo?

— Você se esqueceu de "a qualquer momento, em qualquer lugar". — Annie sorriu para ele, sem qualquer constrangimento.

— É claro que agora, e no jardim de Tilly, pode não ser o melhor momento e o melhor lugar — acrescentou, provocante. — Mas assim que pudermos ficar sozinhos juntos em algum lugar particular... Definitivamente sim!

Luc ficou imóvel enquanto olhava com incerteza para o brilho lindo do rosto de Annie.

— Quero que se case comigo, Annie, não só que faça amor comigo.

— É por isto que não acho que me cortejar da maneira antiga seja uma boa ideia — disse, feliz, e então ficou séria ao ver que Luc ainda não a compreendia. — Não precisa me cortejar, Luc.

— Estendeu a mão e tocou-lhe o rosto com ternura. — Eu o amo e quero me casar com você — acrescentou, rouca.

Luc pareceu atônito por um segundo, então a fome nos olhos dele cresceu

enquanto Annie permitia que ele visse todo o amor que estivera escondendo por tanto tempo. Mas não mais, agora podia beijar Luc, abraçá-lo, dizer-lhe exatamente o quanto e por quanto tempo o amava. O que começou a fazer para a enorme satisfação dos dois...

Duas semanas depois

— Alegre-se, papai. — Annie se virou para sorrir para o pai, que estava sentado ao lado dela no terraço do vinhedo De Salvatore, perto de Veneza, observando Luc na piscina tentando ensinar Oliver a nadar.

Oscar dera aos três algum tempo juntos antes de se juntar a eles na Itália para celebrar o anúncio do noivado de Annie e Luc.

— Encare isto como ganhar um filho e não perder uma filha!

— Não estou nem um pouco infeliz ao pensamento de ter Luca de Salvatore como meu genro — garantiu Oscar com um sorriso, um homem ainda bonito, apesar de estar com mais de 60 anos. — Especialmente quando era isto que esperava que acontecesse quando a mandei para aquela conferência de negócios no lago Garda.

Annie se virou para ele.

— *O quê?*

Oscar lhe segurou uma das mãos.

— Você não achava realmente que eu aceitaria calmamente quando se recusou a me dizer o nome do pai do seu bebê, achava?

Bem, é claro que Annie achava que sim! Mas, na verdade, achava? Acreditara mesmo que seu arrogante e poderoso pai não tentaria descobrir sozinho exatamente quem era o pai de Oliver?

— Você sabia *o tempo todo* que Luc era o pai de Oliver? — perguntou, incrédula.

Oscar deu de ombros.

— As investigações que mandei fazer na ocasião mostraram apenas que ele estava no resort de esqui ao mesmo tempo que você. Mas isto se aplicava a muitos outros homens. E então vi Luc num restaurante em Nova York e... Ele e Oliver se parecem demais, não acha? — Observou carinhosamente o neto que ria, feliz, de alguma coisa que Luc dissera.

Annie devia ter sabido, devia ter adivinhado que seu pai tinha um motivo secreto para mandá-la para aquela conferência de negócios na Itália!

— Não vai ficar zangada comigo por causa disso, vai, Annie? — perguntou o pai quando viu o modo como os olhos dela brilhavam. — Afinal, só providenciei para que você e Luc se encontrassem de novo. O que aconteceria então dependeria de vocês.

Como Annie poderia ficar zangada com Oscar quando "o que aconteceria então" fora a melhor coisa que já experimentara na vida? As últimas duas semanas juntos haviam mais do que convencido Annie que Luc a amava, completamente, loucamente.

Exatamente como Annie o amava.

Como ambos adoravam o filho.

E não tinha dúvidas de que continuariam a se amar e a amar Oliver e os outros filhos que poderiam resultar daquela união tão perfeita.

— Mamãe, venha nadar conosco!

Olhou para Oliver, que se segurava na borda da piscina, os olhos fixos nela, o corte na cabeça completamente fechado, felizmente, o prazer em todo o rosto por

estar com seu amado papai, como já chamava Luc.

— Sim, Annie, venha se juntar a nós — pediu Luc quando se uniu a Oliver na borda da piscina, parecendo tão mais jovem e relaxado, seus olhos escuros acariciando-a sem fazer qualquer tentativa de esconder sua completa adoração.

— Vá! — encorajou Oscar, indulgente, enquanto Annie se levantava e o olhava.

Annie não precisou de um segundo convite e correu para a beira da piscina, para mergulhar agilmente na água. Chegou à superfície rindo, feliz, e Luc a tomou imediatamente nos braços e começou a beijá-la.

Annie havia finalmente enfrentado seus medos e o que descobrira fora Luc. O homem que amaria pelo resto de sua vida e que a amaria pelo mesmo tempo e da mesma maneira.

Fim